

O EVANGELHO DE JESUS CRISTO CRUCIFICADO:  
“É PARA A LIBERDADE  
QUE CRISTO NOS LIBERTOU” (Gl 5,1)

*ENTENDENDO A CARTA AOS GÁLATAS*

## Coleção DO POVO PARA O POVO

Preparada pela equipe de assessoras e assessores do Centro Bíblico Verbo

- *Da comunidade nasce a nova vida! Evangelho de João: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros – Segundo volume*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros e orientações para encontros*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros e orientações para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros para encontros*
- *No amor e na ternura, a vida renasce. Oseias: roteiros e orientações para encontros*
- *Come teu pão com alegria! Entendendo o livro de Eclesiastes*
- *Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom! Entendendo o livro de Gênesis 1-11*
- *O amor jamais passará! Entendendo a primeira carta aos Coríntios*
- *Alegrai-vos sempre no Senhor! Entendendo a carta aos Filipenses*
- *Levanta-te e vai à grande cidade. Entendendo o livro de Jonas*
- *A caminhada no deserto. Entendendo o livro do Êxodo 15,22-18,27*
- *No caminho de Jesus. Entendendo o evangelho de Marcos*
- *Caminho aberto para o próximo. Entendendo o evangelho de Lucas*
- *Deus conosco. O Messias da justiça e da misericórdia. Entendendo o evangelho de Mateus*
- *Permanecei no meu amor para dar muitos frutos. Entendendo o evangelho de João*
- *Defesa da família: casa e terra. Entendendo o livro de Miqueias*
- *Para que n'Ele nossos povos tenham vida: "Anunciar o evangelho e doar a própria vida" (1Ts 2,8). Entendendo a primeira carta aos Tessalonicenses*
- *"A Sabedoria é um espírito amigo do ser humano" (Sb 1,6): caminho para a justiça e a vida. Entendendo o livro da Sabedoria*
- *"Jesus Cristo veio na carne é de Deus" (1Jo 4,2). Entendendo a primeira carta de João*
- *A Lei em favor da vida? Entendendo o livro do Deuteronômio*
- *O evangelho de Jesus Cristo crucificado: "É para a liberdade que Cristo nos libertou" (Gl 5,1). Entendendo a carta aos Gálatas*

CENTRO BÍBLICO VERBO

O EVANGELHO DE JESUS  
CRISTO CRUCIFICADO:  
“É PARA A LIBERDADE  
QUE CRISTO NOS LIBERTOU”  
(Gl 5,1)

*ENTENDENDO A CARTA AOS GÁLATAS*



*Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.*

Centro Bíblico Verbo  
Rua Fernandes Moreira, 311/315 Térreo  
Chácara Santo Antônio  
04716-000 São Paulo-SP  
Tel. (11) 5187-1008  
Fax (11) 5187-1009  
[www.cbiblicoverbo.com.br](http://www.cbiblicoverbo.com.br)  
[contato@cbiblicoverbo.com.br](mailto:contato@cbiblicoverbo.com.br)  
[facebook.com/cbiblicoverbo](https://facebook.com/cbiblicoverbo)

Autoria: *Shigeyuki Nakanose, svd*  
*Maria Antônia Marques*

Ilustrações: *Sergio Ricciuto Conte*

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação editorial: *Paulo Bazaglia*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Tatianne Francisquetti*

Coordenação de arte: *Rodrigo Moura de Oliveira*

Capa e diagramação: *Karine Pereira dos Santos*

Impressão e acabamento: PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos  
e nossas promoções: **[paulus.com.br/cadastro](http://paulus.com.br/cadastro)**

Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-65-5562-244-7

## AGRADECIMENTOS

Impossibilitado de visitar as comunidades da Galácia, especialmente em um momento de crise, Paulo enviava-lhes uma carta com orientações e exortações para que elas permanecessem fiéis ao evangelho da graça: “Em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor algum, e sim a fé que age através do amor” (Gl 5,6).

Em 2020, o mundo vivenciou um ano muito diferente por causa da pandemia provocada pelo coronavírus. A equipe do Centro Bíblico Verbo, apesar das dificuldades próprias deste momento, tem o coração agradecido pelo apoio e solidariedade das pessoas amigas.

Agradecemos às pessoas que, de uma forma ou de outra, nos ajudaram na reflexão e elaboração deste subsídio. Nossa gratidão aos participantes do estudo e aprofundamento da carta aos Gálatas, realizado no mês de julho, sob a coordenação do Centro Bíblico Verbo, e com o grupo de Salvador (BA), em novembro, sob a coordenação e apoio das irmãs Mercedárias do Brasil. Um agradecimento especial a Agostinho Syukur pela dedicação e acompanhamento na parte técnica.

Obrigada à assessora e aos assessores do Centro Bíblico Verbo por terem feito uma leitura atenta com sugestões, observações e correções: Gisele Canário, Luiz Carlos Catapan, Luiz José Dietrich e Raimundo Aristide da Silva.

As atividades do Centro Bíblico Verbo contam com o apoio dos membros, funcionários e funcionárias da

Congregação do Verbo Divino e da Verbo Filmes. Obrigada por vocês nos ajudarem a avançar no Caminho da Palavra.

Juntos e juntas formamos uma família cujo vínculo é a Palavra, uma experiência que nos une e nos fortalece em nossa missão. Que possamos dizer como São Paulo: “Já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim. E a vida que vivo agora na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20).

## APRESENTAÇÃO

A ideia de iniciar a coleção *Do povo para o povo* brotou da necessidade de socializar, numa linguagem simples e acessível, as descobertas da pesquisa bíblica. A equipe do Centro Bíblico Verbo acredita que produzir subsídios com a colaboração de pessoas das comunidades é uma maneira de:

- Fazer com que leigas e leigos sejam agentes da própria história.
- Formar multiplicadores(as) da Palavra, na pessoa de quem participa diretamente do processo de elaboração.
- Ter um texto produzido a partir da experiência do povo.

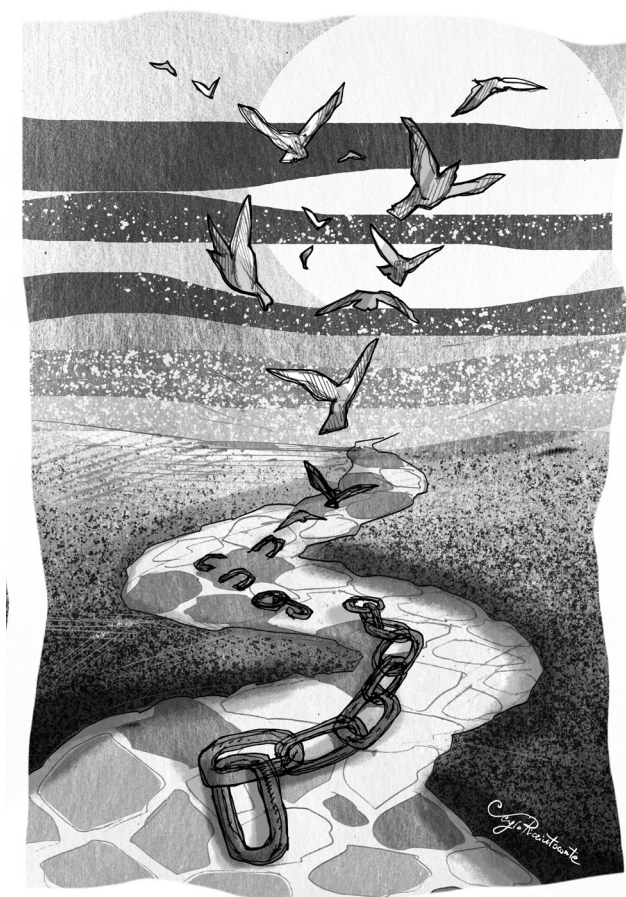
O projeto tem como objetivo produzir, junto com as assessoras e os assessores do Centro Bíblico Verbo e as comunidades, textos que sirvam de reflexão em encontros ou cursos bíblicos, oferecendo às pessoas e comunidades um roteiro simples e com fundamentação bíblica para temas importantes na pastoral, por exemplo: Páscoa, religiosidade popular, como ler a Bíblia, entre outros.

Os textos da coleção *Do povo para o povo* apresentam uma exegese voltada para a libertação das pessoas e dos grupos oprimidos, baseando-se sempre nos textos bíblicos. A responsabilidade do conteúdo da coleção fica a cargo da equipe do Centro Bíblico Verbo, e sua publicação, a cargo da PAULUS Editora.





# INTRODUÇÃO À CARTA AOS GÁLATAS





## **O EVANGELHO DE JESUS CRISTO CRUCIFICADO: “É PARA A LIBERDADE QUE CRISTO NOS LIBERTOU” (Gl 5,1)**

*Entendendo a carta aos Gálatas*

*Vocês sabem que foi por causa de uma doença física que lhes anunciei o evangelho pela primeira vez. E apesar de minha carne ter sido para vocês uma provação, vocês não me desprezaram nem rejeitaram. Pelo contrário, me receberam como a um anjo de Deus, como a Cristo Jesus. Onde foi parar a alegria que tinham? Pois eu sou testemunha disto: se fosse possível, vocês arrancariam os próprios olhos e os dariam a mim. Será que me tornei inimigo de vocês, por lhes dizer a verdade? (4,13-16)<sup>1</sup>*

Recordando o modo inusitado do nascimento das “igrejas da Galácia” (1,2), Paulo lhes escreve uma carta direta e personalizada, para que elas se esforcem por clarificar as ideias perturbadas pela intervenção do grupo judaizante e voltem a viver na liberdade, igualdade e unidade à luz da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Por volta do ano 53/54 d.C., as comunidades gálatas entraram em crise. Os convertidos gálatas, não judeus (“gentios” ou estrangeiros) em sua maioria, foram “enfeitiçados” pelo grupo de tendência judaizante, isto é, pelo modo de viver como judeus segundo a cultura e os costumes judaicos, e caíram sob o jugo da Lei: “Ó gálatas sem juízo! Quem foi que os enfeitiçou, a vocês que tinham diante dos olhos os traços bem claros de Jesus

<sup>1</sup> Importante: onde não estiver indicado o livro bíblico, a citação é da carta aos Gálatas. Os textos foram extraídos, em sua maioria, da *Nova Bíblia Pastoral*, São Paulo: Paulus, 2015.

Cristo crucificado? Quero saber somente isto de vocês: foi pelas obras da Lei que vocês receberam o Espírito, ou foi pela aceitação da fé?” (3,1-2).

O grupo judaizante radical (1,7; 4,17; 5,7-12; 6,13) tentou impor aos convertidos gálatas a circuncisão – que ocupava lugar central no judaísmo oficial, o sinal da aliança com Deus Javé – como meio de alcançar a salvação, e atacou o evangelho e a prática pastoral de Paulo: “Não existe outro evangelho. No entanto, alguns estão deixando vocês confusos, querendo distorcer o evangelho de Cristo” (1,7).

No dizer de Paulo, o grupo judaizante radical anuncia outro evangelho, baseado na justiça pela observância da Lei, provocando e justificando a segregação e a desigualdade nas comunidades gálatas e até a escravidão no mundo greco-romano. O grupo desvirtua o evangelho baseado na justiça que vem da fé no amor e na graça de Cristo Jesus crucificado: “Nós, com efeito, aguardamos ansiosamente no Espírito a esperança daquela justiça que vem da fé. Pois, em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor algum, e sim a fé que age através do amor” (5,5-6).

A discriminação, a desigualdade e a marginalização das pessoas são intoleráveis para a “verdade do evangelho” (2,5), segundo a liturgia batismal, citada por Paulo: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus” (3,28). Afinal, quem é Paulo, que prega a unidade das pessoas sem as barreiras racial, social e de gênero?

## **Conhecendo Paulo**

Considero tudo como perda, diante do bem superior que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por causa dele perdi tudo, e considero tudo como

lixo, a fim de ganhar Cristo e ser encontrado nele. E isso, não tenho mais como justiça minha aquela que vem da Lei, mas aquela que vem de Deus e se baseia na fé (Fl 3,8-9).

Paulo, “circuncidado no oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus” (Fl 3,5), aderiu à fé e ao amor de Cristo Jesus. O judeu “perseguidor da Igreja” (Fl 3,6; cf. Gl 1,13) transformou-se em seguidor de Jesus crucificado. Passou a pregar a mensagem da justificação pela obra da fé, pelo esforço do amor e pela constância da esperança no Senhor Jesus Cristo (cf. 1Ts 1,3).

Segundo a prática religiosa da sinagoga do seu tempo, Paulo, um judeu fariseu, bastante cômico de seu trabalho em observar a Lei de Moisés, pregava a salvação pela observância da lei da pureza, a obra salvífica que era justificada pela fé no Deus poderoso e castigador (cf. Dt 30,15-18) e argumentada pela teologia da retribuição – que Deus retribuía saúde, riqueza e vida longa para quem observava a Lei, com a exigência dos sacrifícios de purificação, o pagamento dos dízimos etc. (cf. Lv 26; Dt 28; Ml 3,6-12). Dessa forma, seria possível manipular Deus conforme a justiça pela observância da Lei. Observa-se a Lei, e Deus é obrigado a retribuir e a ajudar a pessoa “justa”.

Como fariseu, Paulo desprezava e discriminava os pobres, os doentes e os estrangeiros como impuros, pois eles eram vistos como pessoas que infringiam a Lei. Em sua prática da Lei, Paulo tornou-se perseguidor do grupo dos judeus helenistas crentes em Jesus de Nazaré, acusado de estar pregando e perturbando a ordem religiosa (Templo e Lei) de Jerusalém, que justificava o poder e as riquezas dos governantes judaicos (cf. At 6,8-7,60). Paulo, um fariseu irrepreensível, um homem cheio de si

e autossuficiente: “Quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que há na Lei, sem reprovação” (Fl 3,5-6; cf. 1Cor 15,9).

No entanto, ele mudou a sua vida. Graças ao contato com a vivência comunitária e fraterna dos seguidores e das seguidoras de Jesus que sofriam perseguição (cf. At 9,10-19), Paulo, aos poucos, foi sendo tocado pelo amor gratuito de Jesus de Nazaré, o crucificado, que seria “escândalo” para judeus (cf. Dt 21,22-23). Ele começou a acreditar que Jesus crucificado por Pilatos era o Messias de Javé, o Filho de Deus, como havia anunciado o Segundo Isaías, na forma do servo sofredor (cf. Is 42,1-9; 52,13-53,12). Ele descobriu que o projeto da vida foi manifestado na cruz de Jesus como graça de Deus, e não pela observância da Lei.

Na prática, Paulo abandonou o grupo dos judeus fariseus, com o seu modo legalista e ritualista de ver Deus, a Escritura, as pessoas e as coisas, e ingressou no movimento de Jesus Cristo crucificado, praticando e experimentando no dia a dia o amor gratuito e incondicional de Deus, sobretudo para com as pessoas enfraquecidas (cf. Is 52,1-12; 53,11; 61,1-2). Em seu longo processo de transformação e aprendizagem (1,15-18), ele começou a pregar a salvação pela prática do amor, a obra salvífica justificada pela fé na graça de Deus misericordioso, Pai e Mãe (cf. Os 11,1-4; 1Ts 2,1-12), ou seja, a teologia da gratuidade (cf. Jn 4; Rm 5,1-2).

No trabalho missionário, Paulo pregou e experimentou o evangelho que foi manifestado na cruz de Jesus Cristo, na qual Deus Pai manifestou o seu amor gratuito oposto à cobiça e ganância dos poderosos – a ação redentora de Deus na história (cf. Fl 2,6-11). Ao pregar e praticar o evangelho do amor gratuito para com os pobres, possivelmente Paulo estava se contrapondo a pregações rivais, como o evangelho do imperador romano

que anunciava todos os seus projetos e vitórias, tudo o que era do interesse do império como uma “Boa Nova” para o povo. Como pregador judeu, Paulo enfrentou a oposição do judaísmo tradicional, baseado na observância da Lei (cf. 1Ts 1,4-10; Fl 1,12-30).

Sendo um judeu formado na cultura greco-romana – judeu helenista como Estevão e Filipe (cf. At 6,1-6) –, Paulo se formou nas comunidades helenistas de Damasco (cf. 1,17; 2Cor 11,32) e iniciou o seu trabalho missionário na comunidade de Antioquia da Síria (cf. At 11,19-30), em sua maioria judeus helenistas e não judeus, uma comunidade de língua grega, mais aberta à realidade multicultural e multirracial de Antioquia, a terceira maior cidade do Império Romano, depois de Roma e Alexandria. Nela a circuncisão e as leis alimentares judaicas não eram impostas aos seguidores gentios de Jesus Cristo.

Com o tempo, a comunidade de Antioquia, com tal prática, entrou em conflito com a “igreja mãe de Jerusalém” (1,18-24), formada em sua maioria por judeus que acreditavam em Jesus como o Messias prometido, mas assumiam uma prática mais tradicional, pregando um evangelho subordinado às tradições judaicas. A postura dos judaizantes era clara: os gentios poderiam participar das promessas feitas por Deus ao povo de Israel desde que estivessem dispostos a observar os preceitos da Lei.

O conflito em torno da Lei resultou na realização da primeira assembleia em Jerusalém, por volta do ano 49, cuja discussão foi sobre a imposição da circuncisão e de outros costumes judaicos aos gentios que seguiam Jesus (2,1-10; cf. At 15). Apesar da dura oposição dos “falsos irmãos” (2,4), um grupo judaizante radical na igreja de Jerusalém, Paulo defendeu a prática missionária segundo a “verdade do evangelho” (2,3-5), e selou acordo com

os apóstolos de Jerusalém. Eles consideravam sua missão restrita aos circuncidados, mas mesmo assim reconheciam e apoiavam a missão do grupo de Paulo “em favor dos gentios” (2,7-10).

Entretanto, os “falsos irmãos” (cf. At 15,1.5) acreditavam na necessidade de todos os seguidores de Jesus se tornarem judeus e exigiam deles a observância da Lei em sua totalidade, rejeitando o acordo firmado na assembleia de Jerusalém. Historicamente, a influência desses judaizantes radicais chegou à Macedônia, à Grécia e à Ásia Menor, causando conflito com a missão de Paulo.

Após a assembleia, Paulo desempenhou com maior vigor a sua missão para com os gentios. Na segunda viagem, durante 49-52 d.C., o grupo de Paulo realizou a missão em meio aos gentios da Ásia Menor, da Macedônia e da Grécia, fundando as comunidades na Galácia, Filipos, Tessalônica, Corinto etc. (At 15,36-18,23), comunidades compostas por judeus e gentios que tentavam viver a irmandade em nome de Jesus Cristo crucificado.

Com o tempo, porém, as comunidades de seguidores e seguidoras de Jesus começaram a enfrentar vários problemas: a oposição dos judeus, os “falsos circuncidados”, em Filipos (Fl 3,2); perseguições dos judeus e governantes romanos contra as pessoas que seguiam Jesus em Tessalônica (cf. 1Ts 1,2-2,12); conflitos internos de vários grupos em Corinto, entre outros (cf. 1Cor 1,10-16). As comunidades de Corinto, por exemplo, já estavam apresentando o primeiro sinal do conflito provocado pelos grupos “espirituais” judeu-cristãos, que separavam a fé em Jesus Cristo da vida prática (cf. 1Cor 2; Jd 19; 1Jo 4,1-6). Era a enorme diversidade do cristianismo do século I, que seguirá muito forte ainda nos séculos seguintes e que, de certa maneira, continua ainda hoje.

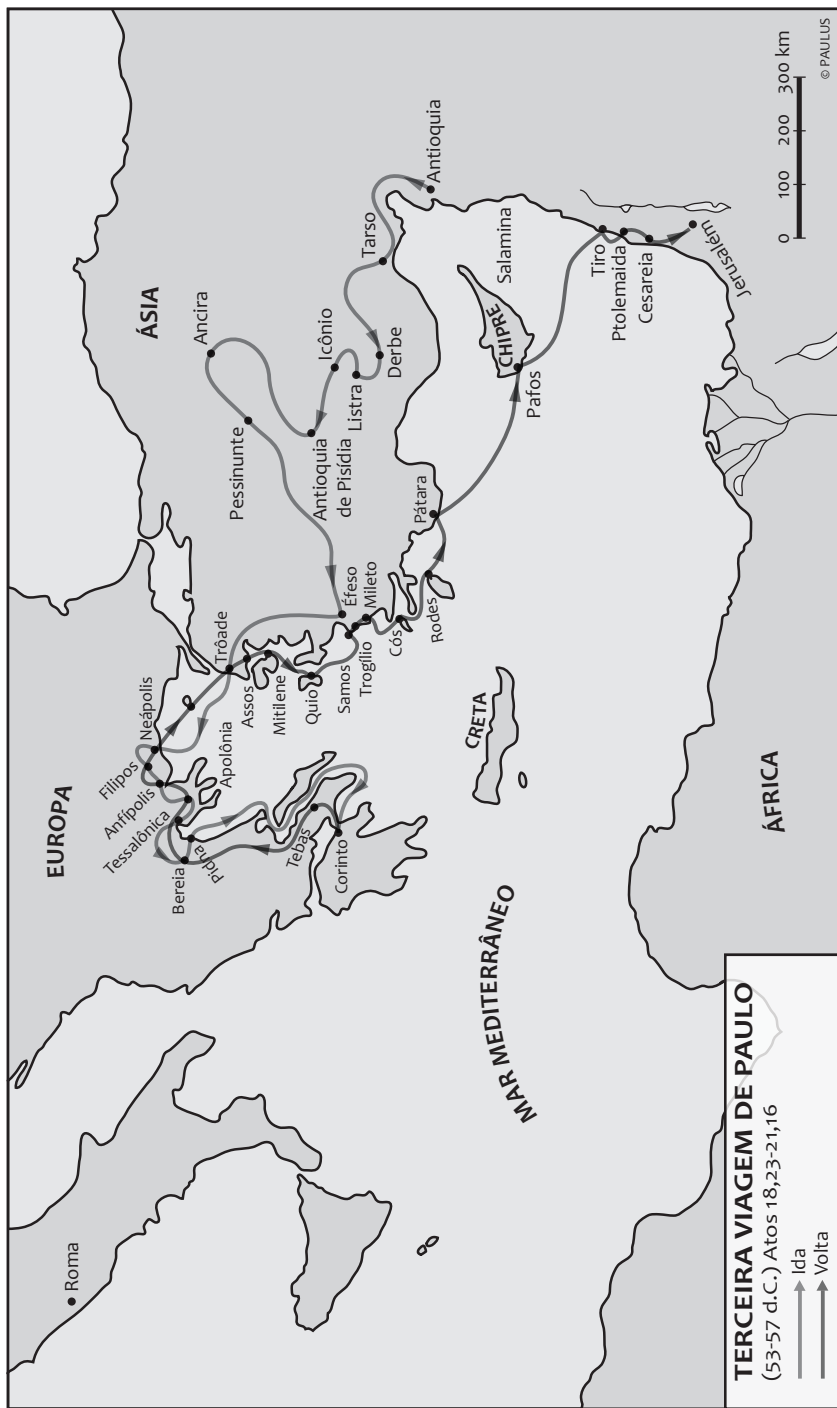


As comunidades gálatas também não escaparam da crise provocada pela diversidade. Nelas, por volta do ano 53/54 d.C., surgiram os conflitos provocados pelos dois grupos principais: por um lado, o grupo “judaizante” tentava submeter à circuncisão e aos costumes judaicos os gentios que abraçaram a mensagem de Jesus, suscitando a segregação e a desunião nas comunidades (cf. 3,1-5,12); e, por outro, o grupo “liberal” exagerava a liberdade cristã, desrespeitando qualquer mandamento e criando uma crise ética (cf. 5,13-26). De certa forma, essa situação crítica das comunidades gálatas era marcada pela realidade particular do povo da Galácia.

## **Conhecendo a Galácia**

O nome Galácia deriva dos gauleses (gálatas), descendentes de antigos imigrantes celtas, provenientes do território da Gália (França, Bélgica, Itália etc.), que invadiram, em 279-277 a.C., o centro-norte da Ásia Menor (a região entre a Capadócia e o Ponto). Os gálatas foram subjugados pelo Império Romano em 189 a.C. Após um longo período de vassalagem, o reino gálatas passou a ser a província romana de Gálatas, com a capital Ancira (hoje Ancara), em 25 a.C., ficando, desde então, sob a dominação da tirania romana.

Como província romana, o império reorganizou a Galácia propriamente dita, anexando-lhe o centro-sul da Ásia Menor: a região da Frígia e Pisídia (Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe, cidades refundadas como colônias romanas). Por isso, no tempo de Paulo, a Galácia era uma província do Império Romano na Anatólia Central (moderna Turquia): o centro-norte e o centro-sul da Ásia Menor. Entretanto, havia diferença entre as duas regiões: de um lado, a maioria dos habitantes do norte, chamados gálatas, era de etnia celta e falava



a língua gálata, e, de outro, no sul da Galácia, com as cidades helenizadas e romanizadas, a maioria dos habitantes, também chamados gálatas, não era celta, mas uma população mista: romanos, gregos e judeus. Existiam várias colônias judaicas na região, como também sinagogas.

Quanto à vida do povo, a Galácia era basicamente uma província rural agropecuária: produção de cereais, vinhos e pequenos rebanhos. A produção de lã era conhecida e trazia riqueza à província. Sabe-se que as enormes fazendas de ovelhas ocupavam grande parte da área central e meridional da Galácia e que a maioria das terras pertencia ao Império Romano. Como praxis do império, a riqueza da produção da região beneficiava a elite local e era levada a Roma pelos “mercadores da terra” para enriquecer a autoridade imperial (cf. Ap 18). A maioria da população estava submetida à escravidão do império e sofria, vivendo na miséria e sofrendo espoliação e violência dos governantes.

Com o longo processo de romanização, a sociedade gálata era marcada pelo sistema de escravatura. O duro trabalho nas fazendas de ovelhas, por exemplo, empobrecia e enfraquecia o povo. O sofrimento do povo aumentava ainda mais com a dominação cotidiana do império. Para além da brutalidade e violência do exército e da cobrança sistemática do imposto e do monopólio do comércio, a legitimação do poder imperial era feita pela implantação da religião e cultura promovidas pelo Império Romano.

Até agora, foram escavados três templos júlio-claudianos na Galácia: Ancira, Pessinunte e Antioquia da Pisídia. Os templos, construídos no tempo de Augusto (27 a.C-14 d.C.) ou Tibério (14-37 d.C.), eram dedicados ao culto imperial, para implantar e fortalecer o domínio do império via poder e carisma do imperador humano,

que era considerado divino. No culto, o evangelho “Boa Nova” de César Augusto, o senhor do império e da terra, era proclamado exaltando o império e o imperador por estabelecerem na terra a paz e a salvação.

Em todas as áreas controladas por Roma, a Boa Nova do imperador devia ditar e moldar o cotidiano do povo dominado. Sua divulgação era muito eficaz. O evangelho imperial percorria todo o império através da infraestrutura bem desenvolvida – rede de hospedarias, correios, rotas e estradas –, com a finalidade de consolidar o mundo num só império. Mas as mesmas estradas Paulo percorria para levar o evangelho de Jesus Cristo crucificado, introduzindo um novo sistema de relações capaz de mudar a relação humana. Ao vínculo de senhor/escravo podia sobrepor-se o da irmandade e o da liberdade, que foi proclamado nas comunidades da Galácia.

## **Conhecendo as comunidades gálatas**

Durante a primeira viagem missionária (46-48 d.C.), Paulo e Barnabé provavelmente percorreram o sul da Galácia, a região habitada pelos romanos, gregos e judeus, passando por Icônio, Listra e Derbe, entre outras (At 13,50-14,28). Eles realizaram a missão entre os judeus e os simpatizantes gentios nas sinagogas por onde passaram, fundando várias comunidades. Paulo voltou para lá durante a sua segunda viagem (49-52 d.C.; cf. At 16,1-8) e percorreu também o norte da Galácia (a região em torno das cidades de Ancira e Pessinunte; cf. At 16,6), evangelizando os gálatas propriamente ditos. Na terceira viagem (53-57 d.C.), ele passou de novo pela Galácia e pela Frígia (cf. At 18,23).

Por volta do ano 50 d.C., nessa região do norte da Galácia, as comunidades de seguidores e seguidoras de Jesus foram fundadas numa circunstância incomum:

“Vocês sabem que foi por causa de uma doença física que lhes anunciei o evangelho pela primeira vez” (4,13). No meio dos gálatas, o “evangelho de Cristo” (1,7) havia causado grande entusiasmo, pois a irmandade pregada em nome de Jesus Cristo crucificado suscitou o sonho de vida e liberdade para quem vivia sob o jugo da escravidão do império. Porém, o entusiasmo durou pouco. Logo depois da segunda visita de Paulo, essas comunidades “abandonaram tão depressa a graça de Cristo” (1,6) e caíram na escravidão da Lei de Moisés, perdendo a irmandade e a unidade. E, para piorar a situação, alguns membros inclusive contestaram a autoridade de Paulo e seu evangelho (1,7-10).

Possivelmente, durante a longa permanência de dois anos e meio em Éfeso (53-55 d.C.), uma espécie de base missionária (cf. At 18,18-21,1), Paulo recebeu notícias de um ataque contra ele e seu evangelho em meio às comunidades da Galácia que estavam em crise. A carta aos Gálatas, então, foi escrita, com muita emoção, como uma resposta de Paulo nesse contexto conturbado,<sup>2</sup> por isso, ela revela a discussão e a situação pelas quais as comunidades gálatas estavam passando e, ao mesmo tempo, descreve as características delas em relação a Paulo:

- a) Os membros das comunidades gálatas eram gentios que só conheceram o Deus judeu e a mensagem de Jesus depois de sua conversão de vida (4,8-9; 5,2-3; 6,12).
- b) Comunidades de língua gálata: “Foi desenhada a imagem de Jesus Cristo crucificado” (3,1). Provavelmente, Paulo teve de recorrer a desenhos

<sup>2</sup> Alguns pesquisadores têm proposto as comunidades do sul da Galácia como os destinatários da carta aos Gálatas, datando a carta por volta do ano 50, de Corinto. Essa discussão continua em aberto.

- para se comunicar, com muito amor e esforço, trabalhando duramente (4,11).
- c) As comunidades acolheram Paulo, um enfermo judeu, sem discriminação (4,13-14). O laço afetivo das comunidades com Paulo era tão forte que o fez declarar: “Se fosse possível, vocês arrancariam os próprios olhos e os dariam a mim” (4,15).
  - d) Paulo anunciara a “cruz de Jesus Cristo” (3,1) na qual a graça de Deus foi dada: “Não torno inútil a graça de Deus. Porque, se a justiça vem através da Lei, então Cristo morreu inutilmente” (2,21). Por graça, os convertidos gálatas tornaram-se pessoas capazes de amar e de se pôr a serviço uns dos outros (5,13).
  - e) No batismo, o evangelho de Jesus Cristo crucificado, com seu amor gratuito, foi assumido pelos gentios pobres sofridos como fonte de liberdade, irmandade e igualdade em um mundo escravagista (3,23-29).
  - f) O ponto principal de discussão e de crise é “outro evangelho” que “distorce o evangelho de Cristo” (1,7). O grupo judaizante radical insiste: o seguidor e a seguidora de Jesus devem submeter-se à prática de todas as leis judaicas, como a circuncisão e as leis alimentares, para alcançar a salvação (2,11-21). Mas dessa forma o grupo agitador está pregando outro evangelho e levando as comunidades ao jugo da Lei, provocando segregação e desunião (2,11-21).
  - g) Os convertidos gálatas estavam prestes a se submeter à Lei de Moisés (4,1) e a trair a amizade e a lealdade para com Paulo, abandonando o verdadeiro evangelho (1,6) e decaindo da graça (5,4). Diante disso, ele afirma: “Meus filhos,

por vocês eu sofro de novo as dores de parto, até que Cristo se forme em vocês” (4,19). É a situação de dificuldades e sofrimentos.

- h) Alguns membros, convertidos gálatas, se fizeram circuncidar (5,2-4) e exerciam pressões sobre os outros membros das comunidades (6,13).
- i) Havia também o grupo helenizado com o espírito da busca desenfreada por bens, poder e prazer, que radicalizou a liberdade, transformando-a em libertinagem, causando o problema ético e aumentando as tensões internas (5,13-24).
- j) Os opositores negaram inclusive a autoridade do apóstolo Paulo e seu evangelho (1,1-5.7-10).
- k) Diante da situação real de perder as comunidades “amadas”, Paulo, indignado e revoltado, chegou a dizer: “Ó gálatas sem juízo! Quem foi que os enfeitiçou, a vocês que tinham diante dos olhos os traços bem claros de Jesus Cristo crucificado?” (3,1); “Aqueles demonstram interesse por vocês, mas a intenção deles não é boa. Querem separá-los de mim, para que vocês se interessassem por eles” (4,17); “Que se mutilem de uma vez aqueles que estão perturbando vocês!” (5,12).

Informado da grave ameaça para a fé em Jesus Cristo crucificado, seu verdadeiro evangelho e a prática do amor, igualdade e unidade, bem como da acusação contra sua condição de apóstolo, Paulo escreveu a carta aos Gálatas, cheia de raiva e emoção, provavelmente de Éfeso, entre 54/55 d.C.

## **Conhecendo a carta aos Gálatas**

A carta aos Gálatas é mais profundamente marcada pelo tom duro e polêmico do que qualquer outra carta,

e é a única carta sem a costumeira ação de graças nas saudações inicial e final. Ela contém cinco argumentos usados por Paulo contra os adversários: histórico, teológico, exegético, batismal e emocional.

Eis um possível esquema para a carta:

- a) Introdução – 1,1-10: Apresentação do tema “o evangelho de Cristo”, baseado na graça de Deus.
- b) Primeira parte – 1,11-2,21: Relato autobiográfico e histórico.
- c) Segunda parte – 3,1-5,12: Argumento contra os adversários.
- d) Terceira parte – 5,13-6,10: Exortação ética – liberdade e caridade.
- e) Conclusão – 6,11-18: Severa advertência contra o grupo judaizante radical.

## **Mensagens principais**

A carta aos Gálatas tem como tema central a defesa do evangelho do amor gratuito de Deus, manifestado em Jesus Cristo crucificado. Diante do grupo judaizante radical que pregava a necessidade da Lei para a salvação, Paulo insiste na ação amorosa: “O homem não é justificado pelas obras da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo. E nós cremos em Cristo Jesus, para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da Lei. Porque, pelas obras da Lei, ninguém será justificado” (2,16). O importante é a fé que age pelo amor, e não o cumprimento de normas e ritos.

Essa carta continua questionando o nosso seguimento de Jesus Cristo: a nossa vivência do evangelho é baseada na graça e no Espírito ou no cumprimento de ritos e preceitos? Uma pergunta que precisamos sempre nos fazer. Com estes encontros, queremos mergulhar no



estudo e na reflexão da carta aos Gálatas, buscando luzes para iluminar nossa caminhada pessoal e comunitária. Paulo insiste que a vida no Espírito é uma vivência livre, tendo como fruto o amor e seus desdobramentos, que sempre visam ao bem do próximo. Eis os temas sobre os quais vamos refletir nesta caminhada:

*Primeiro encontro: O evangelho de Jesus Cristo crucificado (2,11-21).* As primeiras comunidades que seguiam Jesus enfrentaram muitas dificuldades em romper as barreiras impostas pela Lei judaica, que separavam os judeus dos não judeus. O seguimento de Jesus Cristo exige a superação de toda e qualquer barreira que discrimina e marginaliza uma pessoa. Revendo o passado, vamos olhar a nossa prática para identificar o que nos impede de viver uma vida conforme as exigências do evangelho e reafirmar nosso compromisso com as pessoas crucificadas de hoje.

*Segundo encontro: Todos somos um em Cristo Jesus (3,1-14.26-29).* É importante compreender que a fé nos torna filhas e filhos de Deus e que Nele todos somos um. Cada povo é diferente, mas as diferenças não justificam nenhuma forma de separação. Um encontro para refletir sobre a unidade que somos chamadas e chamados a vivenciar a partir de Cristo Jesus. Como pessoas batizadas, a nossa vocação é deixar que Cristo viva em nós, ou seja, olhar a realidade com os olhos Dele e romper as barreiras social, religiosa, cultural e de gênero.

*Terceiro encontro: Viver o amor e a ternura na missão (4,12-20).* Paulo vivenciou uma experiência profunda de acolhimento nas comunidades dos gálatas apesar de sua doença, o que favoreceu o amor e a amizade

entre eles. Em nossas atividades missionárias, é fundamental criar e aprofundar laços de amizade e de afeição com as pessoas com as quais entramos em contato. A vivência de verdadeiras relações fraternas na missão fortalece o compromisso com a construção do Reino de Deus.

*Quarto encontro: O viver em Cristo nos torna livres (5,1-12).* Como pessoas cristãs, recebemos o Espírito de Deus como força criadora, profética, sapiencial e libertadora para viver como Jesus viveu. As comunidades cristãs têm a missão de vivenciar a liberdade e uma fé que age através do amor (5,6). A vida cristã deve ser orientada pela esperança, justiça e solidariedade. O excessivo apego a normas, ritos e regras pode nos afastar do seguimento de Jesus de Nazaré.

*Quinto encontro: Livres para amar e servir (5,13-6,10).* Para não deixar dúvidas sobre a identidade cristã, Paulo apresenta uma série de exortações às comunidades dos gálatas e reforça que a vocação cristã é para a liberdade, o que implica viver segundo o Espírito. Aquele ou aquela que vive segundo as obras da carne provoca rupturas consigo, com Deus e com o próximo. A vida segundo o Espírito é pautada pelo amor, que se expressa no serviço solidário para com todas as pessoas. Essas exortações continuam sendo atuais para nós e nossas comunidades.

Que a leitura e a reflexão da carta aos Gálatas possam lançar novas luzes para a nossa vivência individual e comunitária. Deixemos ecoar em nossos corações os apelos para uma vida cuja marca seja o amor solidário para com todas as pessoas: “Não nos cansemos de fazer o bem” (6,9a).

## Lembretes para as reuniões

Eis aqui algumas sugestões práticas para a realização dos encontros:

- Preparar bem o local do encontro; é importante que aconteça nas casas, pois será uma forma de reviver o espírito missionário das primeiras comunidades.
- Verificar a necessidade de providenciar, anteriormente, algum material para o encontro.
- A coordenadora ou o coordenador, em todos os encontros, deve fazer uma acolhida carinhosa, dando especial atenção às pessoas que participam pela primeira vez.
- Se o encontro for numa casa, agradecer à família que acolhe o grupo.
- Motivar as pessoas a trazer sempre a Bíblia.
- Não é necessário responder a todas as perguntas que são apresentadas no roteiro.
- Ver o DVD *Chaves para entender a carta aos Gálatas*. Centro Bíblico Verbo e Verbo Filmes.



## PRIMEIRO ENCONTRO



**TEMA:** O evangelho de Jesus Cristo crucificado.

**PERSONAGENS:** Paulo, Cefas, Barnabé, Tiago, enviados de Tiago, gentios e judeus.

**TEXTO:** Gl 2,11-21

**PALAVRAS-CHAVE:** comer, circuncidados, evangelho, justificado, fé, crucificado.

**PERSPECTIVA:** Entender que o seguimento de Jesus crucificado exige coerência e compromisso com as pessoas crucificadas de hoje.

*Já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim (2,20a).*

## 1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, vaso de flor e a cruz.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

## 2. Acolhida

**Dirigente:** “Tua palavra é lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho” (Sl 119,105). Que a Palavra de Deus, revelada em Jesus crucificado, continue iluminando a nossa caminhada. A CNBB propõe que toda a Igreja estude, leia e reze a carta aos Gálatas. Pedimos que o Espírito de Deus ilumine as nossas mentes para compreendermos a sua Palavra e, como Paulo, sermos capazes de viver e assumir a nossa fé em Jesus Cristo crucificado. Com alegria e espírito de solidariedade, cantemos:

*Sugestão de canto: Quando o Espírito de Deus soprou, o mundo inteiro se iluminou, a esperança na terra brotou e um povo novo deu-se as mãos e caminhou! **Lutar e crer, vencer a dor, louvar o Criador. Justiça e paz hão de reinar. E viva o amor!***

**Dirigente:** Queremos nestes encontros compreender o coração missionário de Paulo e, ao mesmo tempo, abrir nossos corações para compreendermos que a fé em Jesus Cristo crucificado nos chama a um compromisso radical com todas as pessoas crucificadas de hoje. Que possamos nos acolher mutuamente e, nesta comunhão, acolher também todas as pessoas que sofrem exploração, fome, desemprego e dor pela destruição dos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras, por um governo sem cuidado e insensível diante de tantas mortes nesta pandemia.

*Fazer um minuto de silêncio e lembrar o rosto de pessoas que sofrem nestas situações e que fazem parte de nossa vida.*

**Dirigente:** Neste espírito de comunhão, vamos ler, em voz alta, o tema do nosso encontro de hoje: *O evangelho de Jesus Cristo crucificado.*

**Dirigente:** Invoquemos a presença da Trindade Santa entre nós.

**Todas(os):** Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!

### **3. Motivando a conversa**

**Leitora ou leitor 1:** Na véspera do Natal, um menino estava vendendo doce caseiro em frente a um supermercado. Era um dia chuvoso e frio. O olhar dele estava triste e perdido. Nos ônibus, no metrô, nas praças e ruas de nossas cidades e nas portas de nossas igrejas, há muitas pessoas com esse mesmo semblante. A situação de miséria é muito grande, e muitas vezes perdemos a sensibilidade diante das pessoas que sofrem. Em 2019, o Brasil tinha 4,4 milhões de crianças em situação de extrema pobreza. Com a pandemia da Covid-19, os números são ainda maiores.<sup>3</sup>

**Dirigente:** Nós conhecemos pessoas que vivem em situação de miséria? Como nos sentimos diante das pessoas com as quais nós nos encontramos em nosso caminho?

*Tempo para partilhar.*

*Encerrar com o canto: Seu nome é Jesus Cristo e passa fome. E grita pela boca dos famintos, e a gente quando vê passa adiante, às vezes pra chegar depressa à igreja.*

<sup>3</sup> Fonte: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/abandonados-brasil-tem-44-milhoes-de-criancas-vivendo-na-miseria/>>. Acesso em: 02/03/2021.

*Seu nome é Jesus Cristo e está sem casa e dorme pelas beiras das calçadas. E a gente quando vê aperta o passo e diz que ele dormiu embriagado. **Entre nós está e não o conhecemos. Entre nós está e nós o desprezamos.***

#### **4. Situando o texto**

**Leitora ou leitor 2:** O termo “evangelho” (*euangelion*, em grego) era usado no culto ao imperador romano, para o anúncio da “Boa Nova” (salvação), associada ao interesse, poder e domínio do império. A esse mundo no qual a maioria do povo era explorada, massacrada e crucificada, Paulo anunciou o evangelho de Jesus Cristo crucificado. Uma proposta baseada na partilha e na solidariedade, pois foi na cruz de Jesus de Nazaré que Deus Pai manifestou sua graça e seu amor gratuito. Os gálatas pobres, com grande entusiasmo, acolheram inicialmente o evangelho de Cristo, que suscitou o sonho de vida e liberdade para quem vivia sob o jugo da escravidão do império. Mas o entusiasmo durou pouco, porque os convertidos gálatas começaram a seguir “outro evangelho” (Gl 1,7), proposto pelo grupo judaizante, que pregava a salvação pela observância da Lei (circuncisão, leis alimentares etc.). Era a lei da pureza que primava pela distinção entre puros/impuros, criando a segregação contra o pobre, doente e estrangeiro. Informado da grave ameaça para a fé centralizada na cruz de Jesus Cristo, Paulo escreveu a carta aos Gálatas, defendendo o verdadeiro evangelho de Cristo. Já em Gl 2,11-21, ele narra o incidente com o grupo judaizante em Antioquia, acusando-o de “hipócrita da Lei”, e explica o que é o seu evangelho.

#### **5. Leitura do texto**

**Dirigente:** Que a Palavra de Deus, por meio de Paulo, nos ajude a superar o ritualismo e a compreender



o que significa acreditar em Jesus Cristo crucificado, deixando que ele viva em nós.

*Sugestão de canto: Não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim. Ninguém é justificado pela Lei, mas pela fé em Jesus Cristo.*

**Leitora ou leitor 3:** Ler Gl 2,11-21.

**Dirigente:** *Para conversar*

- a) Por que Paulo enfrenta Cefas/Pedro?
- b) Em que consiste o “evangelho” anunciado por Paulo à comunidade dos gálatas?
- c) Segundo Paulo, qual é o caminho para alcançar a salvação?

## **6. Iluminando a vida**

**Leitora ou leitor 4:** De maneira corajosa, Paulo confronta a duplicidade de Pedro, que inicialmente come com os gentios, mas, quando chega o grupo judaizante, começa a evitá-los, criando a discriminação étnica. Ele não tem medo de afirmar que todas as pessoas são irmãs, filhas do mesmo Pai amoroso, pois a salvação é realizada pela graça de Deus por meio da fé em Jesus Cristo, e não pela observância da lei da pureza, baseada na autossuficiência e na segregação. Com o amor gratuito manifestado na cruz de Jesus, Deus nos arrancou desse mundo perverso (Gl 1,4), restabelecendo o caminho aberto para o próximo: igualdade, fraternidade e comunhão. Jesus Cristo vive em quem vive o amor ao próximo, sobretudo nos crucificados de hoje.

- a) Quem são os “judaizantes” de hoje?
- b) O que precisamos fazer em nossa comunidade para que a nossa prática seja orientada pela fé

em Jesus Cristo crucificado, e não pela observância da Lei?

- c) Como viver a espiritualidade de Paulo nos tempos atuais?

## 7. Celebrando a vida

**Dirigente:** Deixar que Cristo viva em nós exige assumir o caminho da cruz, que passa pelo compromisso com os crucificados da história. Pensemos neste momento em todas as pessoas que enfrentam diversos tipos de sofrimento. Rezemos a oração do pai-nosso, pedindo a Deus Pai que o Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo se torne realidade em nosso meio.

**Todas(os):** *Pai nosso...*

**Dirigente:** Com as mãos estendidas em direção à cruz, vamos renovar nosso compromisso no seguimento de Jesus. Que Ele, na força do seu Espírito, auxilie a nós e a nossas comunidades a viver a radicalidade do seu evangelho. Vamos repetir:

**Todas(os):** *Não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim (Gl 2,20).*

## 8. Preparar o próximo encontro

**Dirigente:** Para a próxima reunião, ler Gl 3,1-14.26-29, e quem puder leia as orientações em preparação ao segundo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

## 9. Gesto concreto

Ser mais sensível às pessoas cujo olhar está sem vida e esperança, seja por motivos econômicos, seja também por motivos psicossociais.

## 10. Bênção final

**Dirigente:** Na mesma fé e intuição de Paulo, queremos invocar sobre nós a bênção e deixar que Cristo viva em nós. Vamos repetir juntos: “Não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim”.

**Todas(os):** Amém.

## Orientações para o primeiro encontro

**Situando o texto:** *O evangelho de Jesus Cristo crucificado*

O termo “evangelho” (*euangelion*, em grego) era usado na propaganda e no culto ao imperador romano. Os arautos, funcionários encarregados de divulgar os decretos, as campanhas, as vitórias e os avanços do império, partiam de Roma para todas as principais cidades e, quando lá chegavam, iniciavam o seu anúncio com as palavras: “‘Boa Nova’ de César, filho de Deus, ao povo da cidade”.

Há várias inscrições descobertas que contêm o termo evangelho usado pelo imperador romano César Augusto (27 a.C.-14 d.C.). Nelas, o imperador Augusto, o senhor do império e da terra, foi proclamado como “filho divino” e “salvador” (*soter*, em grego), porque foi ele que estabeleceu na terra a paz e a salvação definitivas, tanto para o passado como para o presente e o futuro. Seu nascimento e sua manifestação – advento e epifania – foram descritos, nas inscrições, como evangelho poderoso!

Com uma boa infraestrutura (exército, estrada, correio, hospedaria, administração da cidade etc.), o império propagava o seu evangelho nas celebrações públicas com muita pompa, para agitar, atrair, influenciar e controlar o povo! O evangelho do imperador era uma das “armas

poderosas” para impor e legitimar o poder e a dominação do império, ditando e moldando o cotidiano do povo dominado e sofrido, como o da Ásia Menor e o da Grécia.

Foi a esse mundo do Império Romano que Paulo, um judeu convertido ao movimento de Jesus Messias, se dirigiu, anunciando o evangelho alternativo, manifestado em Jesus Cristo crucificado (3,14), para converter o mundo em uma assembleia (*ekklesia*) bem diferente. Ele tentou construir comunidades da “partilha e do serviço” nesse mundo do “acúmulo e da dominação” que era o império.

O fato de Paulo pregar a palavra e a prática de Jesus judeu é significativo. Denota que o evangelho de Jesus Cristo crucificado tem suas raízes no judaísmo. A “Boa Nova” é moldada pela história dos valores culturais e das identidades dos judeus que transparecem na Escritura:

- a) “Aquele que me anunciou, dizendo: ‘Saul está morto’, quando achava que era portador de boa notícia, eu o agarrei e o matei em Siceleg. Este foi meu pagamento a ele pela boa notícia” (2Sm 4,10). No Antigo Testamento, o termo evangelho, *besorah*, em hebraico (*euangelion*, na LXX, *Septuaginta* – a versão dos Setenta), originalmente, designa a recompensa pelo anúncio de uma vitória, ou também o próprio anúncio de uma boa nova, como a de uma vitória sobre o inimigo.
- b) “Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa notícia, que anuncia a salvação, que diz a Sião: ‘Seu Deus reina’” (Is 52,7). Durante o exílio da Babilônia, o Segundo Isaías profetiza que os mensageiros acorrerão ao país para anunciar o evangelho, “boa notícia” (salvação): Javé inaugurará o seu reinado da justiça e da graça em Sião (cf. Is 52,1-12).

- c) “O espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros” (Is 61,1). Diante da exploração econômica e da escravidão no período pós-exílico, o Terceiro Isaías anuncia o evangelho da salvação de Javé para inverter a realidade sofrida do povo, pela exploração dos teocratas judeus, aliados e servidores do Império Persa: Javé protege a vida, sobretudo das pessoas empobrecidas (cf. Is 65,17-25).
- d) “Cantem para Javé, bendigam o seu nome! Proclamem, dia após dia, a sua vitória (boa notícia ou salvação). Majestade e esplendor estão à sua frente, força e ornamento em seu santuário” (Sl 96,2.6). No judaísmo oficial do templo, os teocratas (o grupo de Neemias e Esdras) pregam a salvação pela realização de certos ritos culturais no templo (sacrifícios de expiação, jejuns) e pela observância da Lei (sábado, circuncisão, lei do puro e do impuro etc.), desprezando, contudo, os preceitos elementares de justiça social e de amor ao próximo.

Paulo, um judeu fariseu do judaísmo oficial, pregava o evangelho (salvação) pela observância da Lei, submetendo o povo ao jugo do enorme aparato de prescrições referentes ao puro e impuro. Inclusive, para a visão escatológica dos fariseus, a salvação chegará quando os gentios participarem do povo de Israel pela observância da Lei, sobretudo pela prática da circuncisão. Quando todos forem praticantes irrepreensíveis da Lei, então a salvação virá!

Ao aceitar a fé em Jesus Cristo crucificado, Paulo, porém, mudou de um modo fariseu de ver a Deus e ler a Escritura para outra visão e vivência do judaísmo. Como homem bem educado e estudado na Escritura, ele começou a pregar e praticar o evangelho do judaísmo popular da libertação dos pobres, condenados pela lei do puro e do impuro: “E como o anunciarão, se não forem enviados? Como está escrito: ‘Como são belos os pés dos que anunciam boas notícias!’ Mas nem todos obedeceram ao evangelho” (Rm 10,15-16a).

Paulo adapta o texto de Is 52,7, escrito pelo grupo do Segundo Isaías, que exerceu suas atividades entre os desterrados na Babilônia. O evangelho do grupo assegurava a todos a vida por meio da partilha e da solidariedade (cf. Is 55,1-3), o que Paulo anuncia como “boas notícias” ao longo da sua atividade missionária. Por isso, o termo “evangelho” aparece como uma marca registrada de Paulo nos seus escritos. Das 76 vezes em que o termo “evangelho” é empregado no Novo Testamento, 48 encontram-se nas cartas “genuinamente consideradas” como as de Paulo.

É notável também que o significado do evangelho de Paulo é marcado pela cruz de Jesus Cristo: “Anunciamos Cristo crucificado” (1Cor 1,23); “Pois Cristo me enviou, não para batizar, mas para anunciar o evangelho, sem usar a sabedoria da linguagem, para que a cruz de Cristo não se torne inútil. De fato, a linguagem da cruz é loucura para os que se perdem. Mas, para os que se salvam, para nós, é poder de Deus” (1Cor 1,17-18).

A crucificação, uma pena cruel, era loucura para o povo do tempo de Paulo. No contexto judaico, de modo particular, o que era dependurado na árvore se tornaria objeto da maldição de Deus (cf. Dt 21,22-23). Por isso, Jesus de Nazaré, condenado pelos sumos sacerdotes e pelo sinédrio, devia ser visto como um homem

amaldiçoado e considerado transgressor da Lei e dos rituais do puro e impuro. E, de fato, Jesus foi visto assim por muita gente do judaísmo oficial, pessoas que entendiam que as doutrinas, como a teologia da retribuição, as leis religiosas, como as da pureza e do sábado, os rituais e as liturgias tinham mais importância que a vida, e que a transgressão de alguma parte delas justificava castigos, violências e até mesmo a morte. Porém, o evangelho, a “Boa Notícia”, de Jesus de Nazaré contrasta frontalmente com esta forma de viver a religião e a espiritualidade. O evangelho de Jesus nos ensina a centralidade da pessoa humana (cf. Mc 2,27).

Por isso, para Paulo, o fato de Jesus Cristo, que conviveu com os pecadores e morreu na cruz por amor ao próximo, ser reconhecido como o Messias servo e o Filho de Deus (4,4) é a mensagem essencial de que o Deus da promessa a Abraão não é um Deus que reconhece a pessoa em virtude das obras da Lei, mas de sua prática de amor ao próximo (3,8-14). A fidelidade ao evangelho do Jesus Cristo crucificado deve ser traduzida na prática do bem e em favor da vida plena do ser humano: cooperação mútua, igualdade, unidade etc. (3,26-29).

O evangelho da cruz, como centro de todo ensinamento cristão, deve ser difundido na vida cristã do dia a dia. Com esta proposta, Paulo incansavelmente desempenhou a missão no meio dos gentios, ajudando a fundar as comunidades dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo na Ásia Menor, Macedônia e Grécia. Algumas delas foram as comunidades gálatas. Com grande entusiasmo, os gálatas haviam acolhido o evangelho de Jesus Cristo crucificado, o que suscitou o sonho de vida e liberdade para quem vivia sob o jugo da sociedade escravagista do império. Porém, o entusiasmo durou pouco. As comunidades “abandonaram tão depressa a graça de Cristo”:

Fico admirado de que vocês, para seguirem outro evangelho, tenham abandonado tão depressa aquele que os chamou mediante a graça de Cristo. Não existe outro evangelho. No entanto, alguns estão deixando vocês confusos, querendo distorcer o evangelho de Cristo. Maldito seja aquele que anunciar a vocês outro evangelho, ainda que sejamos nós mesmos ou algum anjo do céu (1,6-8).

Com a Escritura na mão, o grupo judaizante, que anunciava outro evangelho baseado na observância da Lei, agitou e provocou uma crise nas comunidades gálatas, minou inclusive a autoridade apostólica de Paulo. Informado da grave ameaça para a fé centralizada na cruz de Jesus Cristo, Paulo escreve a carta aos Gálatas, cheia de ira e paixão, para defender o evangelho de Jesus Cristo crucificado. Já na primeira parte da carta (1,11-2,21), ele narra o incidente com o grupo judaizante em Antioquia, acusando-o de “hipócrito da Lei”. Defende o seu evangelho, baseado na fé no amor e na graça de Jesus Cristo, manifestado na cruz.

**Comentando o texto:** *Gl 2,11-21 – Justificados pela fé em Jesus Cristo*

Diante da grave ameaça para a fé em Jesus Cristo crucificado e da acusação contra a sua autoridade apostólica nas comunidades gálatas, Paulo levanta o argumento histórico e existencial contra os seus opositores judaizantes (2,11-14), para expor seu ensinamento sobre o evangelho de Jesus Cristo crucificado (2,15-21). É uma síntese de seu pensamento sobre a salvação pela fé no amor de Jesus Cristo, não pelo cumprimento da Lei, o resumo conciso de seu ensino, bem ilustrado e argumentado por um fato histórico ocorrido na



importante comunidade de Antioquia, uma base importante de expansão do evangelho de Jesus Cristo no meio dos gentios.

Paulo mesmo narra o incidente histórico: “Quando Cefas chegou a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, porque ele merecia repreensão. De fato, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios. Porém, depois que chegaram aqueles de Tiago, ele evitava os gentios e se afastava, com medo dos circuncidados. E outros judeus caíram no mesmo fingimento de Cefas, a tal ponto que até mesmo Barnabé se deixou levar pelo fingimento deles” (2,11-13).

Cefas, ou seja, Pedro, chegou a Antioquia. Ele nunca tinha vivido numa comunidade mista onde judeus e gentios conviviam em irmandade. Adotou os hábitos normais à mesa da comunidade de Antioquia e foi tomar as refeições com os gentios, desprezando as normas restritivas do puro e do impuro. Porém, o comportamento aberto de Pedro com os fiéis de Antioquia não durou muito tempo. “Alguns da parte de Tiago” (os “circuncidados”) chegaram de Jerusalém, insistindo na aplicação das leis alimentares com maior rigor.

Eles deviam ser os “falsos irmãos” (2,4), cristãos judaizantes radicais (cf. At 15,1), que exigiam dos gentios cristãos a observância da Lei em sua totalidade (os 613 mandamentos), incluindo a circuncisão e as leis alimentares (não comer porco, não comer carnes sacrificadas a ídolos, não comer com os gentios etc.). Lutavam pela imposição da Lei para todos os membros da comunidade cristã, inclusive os gentios crentes em Jesus Cristo.

Diante dos olhos dos judaizantes radicais, Pedro evitou comer com os gentios. Outros judeus da comunidade, incluindo Barnabé, caíram no mesmo fingimento de Pedro. O fato foi grave, pois ele não somente era judeu, mas também membro da comunidade-mãe de

Jerusalém, que determinava as normas de comportamento dos judeus crentes em Jesus Cristo. O gesto hipócrita de um líder da igreja contagiou os outros e pôs tudo a perder, chegando até mesmo a desviar a comunidade do “verdadeiro evangelho”: “Quando, porém, vi que não agiam corretamente segundo a verdade do evangelho, então eu disse a Cefas diante de todos: ‘Se você é judeu e vive como os gentios, e não como os judeus, como pode obrigar os gentios a viver como os judeus?’” (2,14).

O verdadeiro evangelho é, antes de tudo, a própria pessoa de Jesus de Nazaré crucificado, que praticou a justiça e deu a vida por puro amor ao próximo. A cruz de Jesus é fonte da liberdade, da irmandade e da vida. A salvação, portanto, não é realizada pelas obras da Lei, mas, sim, pela graça de Deus manifestada na vida de Jesus Cristo crucificado. Pela prática do verdadeiro evangelho de Jesus Cristo, a pessoa é considerada justa e passa da morte para a vida, o que Paulo chama de “justificação”: “O homem não é justificado pelas obras da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo. E nós cremos em Cristo Jesus, para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da Lei. Porque pelas obras da Lei, ninguém será justificado” (2,16-17; cf. 3,8.11.24; 5,4).

O grupo judaizante admite que a promessa da salvação aos descendentes de Abraão poderia ser estendida aos gentios “pecadores”, como Paulo ironicamente declara: “Nós somos judeus de nascimento, e não gentios pecadores” (2,15; cf. Rm 2,12). Porém, para serem salvos, ou seja, justificados por Deus, os gentios têm de viver como judeus, filhos de Abraão. Devem observar a Lei, que abrange todos os aspectos da vida e provoca consequentemente desigualdade e segregação ética, sexual, religiosa e cultural.

Na vida da comunidade, a justificação, a salvação antecipada, deveria acontecer na irmandade, sem as

barreiras raciais, sociais e sexuais, manifestada, por exemplo, na eucaristia, na qual a comunidade deveria confessar realmente a presença de Jesus Cristo, com todos os seus membros partilhando a caridade. Com a implantação da Lei, como a circuncisão e as leis alimentares, a irmandade da comunidade seria dividida e destruída, portanto não poderia haver eucaristia, a comunhão mútua (cf. 1Cor 11,17-34).

Paulo já havia negado e combatido a justificação pela Lei, no processo da mudança: “Considero tudo como perda, diante do bem superior que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por causa dele perdi tudo, e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo e ser encontrado nele. E isso, não tendo mais como justiça minha aquela que vem da Lei, mas aquela que vem de Deus e se baseia na fé” (Fl 3,8-9). Ao apresentar o seu próprio esvaziamento, Paulo tece forte crítica contra os judaizantes que propõem confiança na observância da Lei para abrir as portas da salvação. Para ele, a cruz de Jesus é o ponto de partida da libertação de tudo o que escraviza e diminui a vida.

Desde o ingresso ao movimento de Jesus Cristo, Paulo afirma ter deixado o caminho da salvação pela observância da Lei e continua pregando a salvação pela graça e pelo amor de Jesus Cristo crucificado. Por isso, ele responde aos seus opositores: “De fato, se eu volto a construir as coisas que havia destruído, aí sim eu me mostro um transgressor” (2,18). Ele ironicamente pergunta: eu necessito da Lei para salvar-me? Aí sim, sou pecador ao não cumprir a Lei. Para ele, submeter-se à Lei outra vez, como no tempo de Saulo fariseu, perseguidor dos seguidores de Jesus Cristo, seria envolver-se novamente no jugo da escravidão da Lei: promover o pecado da segregação, desigualdade e marginalização das pessoas.

E, o que é mais grave, o grupo judaizante faz impor aos gentios a canga da escravidão da Lei, em nome do evangelho de Jesus Cristo, baseado na observância da lei da pureza. É por isso que Paulo não se contém e afirma com vigor: “Com efeito, pela Lei eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo” (2,19).

Desde a primeira página da carta aos Gálatas, Paulo reforça a mesma ideia: “Senhor Jesus Cristo, que se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos livrar do mundo mau” (1,3-4). A cruz de Jesus é o resultado da sua fidelidade à missão da justiça e compromisso com seus irmãos até o fim, no “mundo mau”. Por seu amor gratuito, Jesus deu sua vida por nós. Ser cristão não é basear a própria vida e a da comunidade nas obras da Lei, para obter a salvação. Ao contrário, deve “morrer para a Lei a fim de viver para o Deus da vida” e viver no amor gratuito do Jesus Cristo crucificado, ou seja, “estar crucificado com Cristo” (6,14).

No batismo, o que Paulo ou qualquer cristão, de ontem e hoje, deve assumir: estar crucificado, morrer e ressuscitar para Deus. “Quero assim conhecer a Cristo, o poder da sua ressurreição e a comunhão nos seus sofrimentos, assumindo a mesma forma da sua morte, para ver se de alguma forma alcanço a ressurreição dentre os mortos” (Fl 3,10-11), confessa Paulo. Conhecer Jesus Cristo crucificado e ressuscitado é viver no amor e na graça do Deus da vida, que transforma a morte em “nova vida” (Rm 6,4).

Por isso, acreditar e pregar o evangelho da cruz é colocá-lo no centro da vida e viver na mais profunda comunhão com Jesus Cristo, a ponto de poder dizer: “E já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim. E a vida que vivo agora na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (2,20). É a declaração existencial de Paulo na caminhada

missionária: “Trazemos sempre em nosso corpo a agonia de Jesus, para que em nosso corpo também se manifeste a vida de Jesus” (2Cor 4,10; cf. Rm 8,9-10).

Ser fiel à “vida de Jesus” é viver no amor gratuito de Jesus Cristo crucificado, não na acomodação escravizadora do ritualismo, do moralismo e da estrita observância da Lei para obter a salvação de Deus. Basear a vida em regras ou na observância da Lei que obriga Deus a retribuir aos “justos” seria a negação da graça de Deus, dada na cruz de Jesus: “Não torno inútil a graça de Deus. Porque, se a justiça vem através da Lei, então Cristo morreu inutilmente” (2,21; cf. 3,21-22).

### **Aprofundando:** *O escândalo da cruz*

A centralidade da cruz no evangelho de Paulo transparece em suas palavras:

- “Pois Deus não nos destinou para a ira, e sim para possuímos a salvação por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele morreu por nós, para que, acordados ou dormindo, vivamos com ele” (1Ts 5,9-10).
- “Irmãos, sejam meus imitadores e observem os que vivem de acordo com o modelo que em nós vocês têm. Porque eu já lhes disse muitas vezes, e agora repito chorando: há muitos que vivem como inimigos da cruz de Cristo” (Fl 3,17-18).
- “Pois Cristo me enviou, não para batizar, mas para anunciar o evangelho, sem usar a sabedoria da linguagem, para que a cruz de Cristo não se torne inútil. De fato, a linguagem da cruz é loucura para os que se perdem. Mas, para os que se salvam, para nós, é poder de Deus” (1Cor 1,17-18).

A última palavra de Paulo menciona a “loucura” para um judeu fariseu pelo fato de acreditar em Jesus humilhado e crucificado como o Messias de Javé, o Filho de Deus. Pois o Messias, “Ungido”, aparecia, na corrente oficial do judaísmo, como um rei poderoso da casa de Davi: “Eu ungi o meu rei sobre Sião, minha montanha santa! Proclamarei o decreto de Javé, que disse para mim: ‘Você é meu filho, hoje eu gerei você!’” (Sl 2,6-7; cf. 2Sm 7,12-16). O Messias esperado haveria de derrotar seus inimigos, e, por isso, não seria humilhado e crucificado por eles. A cruz seria um escândalo!

Paulo mesmo expressou a cruz como a humilhação (Fl 2,8) e a maldição (3,13). Entretanto, ele ingressou no movimento de Jesus, converteu-se de um modo farisaico de ver a Deus, a Escritura, as pessoas e as coisas, e passou a fazer parte desta outra corrente do judaísmo, que via e seguia Jesus Cristo como o justo rejeitado (cf. Sb 1,12-14; 2,12-20) e, sobretudo, o servo sofredor: “Oprimido, ele se humilhou, não abriu a boca” (Is 53,7). Para este grupo, Jesus é “cordeiro levado ao matadouro, como ovelha muda diante do tosquiador, ele não abriu a boca. Foi preso, julgado injustamente. E quem se preocupou com a vida dele? Pois foi cortado da terra dos vivos e ferido de morte por causa da transgressão do meu povo” (Is 53,7-8).

Paulo não cita de modo claro os cânticos do servo de Isaías, mas alude a eles de modo implícito ao falar da vida e da missão de Jesus:

- “Vejam meu servo, a quem eu sustento. Ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado. Eu coloquei sobre ele meu espírito, para que promova o direito entre as nações” (Is 42,1). Graças ao Espírito de Javé, o servo promove a sua missão no meio de todas as nações.

- A missão do servo sem o poder da força e da violência é realizar a justiça e promover, na fidelidade, o direito para todo o povo, sobretudo para as pessoas empobrecidas e enfraquecidas (Is 42,2-7).
- A missão do servo é marcada pela escuta da Palavra de Deus, pela fidelidade no anúncio, pela perseguição e resistência (Is 50,4-11).
- A morte do servo sofredor é consequência da sua prática da justiça e da sua fidelidade até o fim (Is 53,1-9).
- O texto do servo insiste na substituição do sacrifício de expiação pela prática da solidariedade (Is 53,10).
- Ele morre, mas a sua vida terá continuidade por meio de seus descendentes. O projeto da justiça e do direito para os pobres triunfará (Is 53,11).

Paulo assume a identificação de Jesus Cristo crucificado como o servo sofredor e desenvolve sua fé e missão na linha da missão do servo: o projeto da justiça e do direito para toda a terra. Leva o evangelho de Jesus Cristo, Messias crucificado, como a fonte da graça e da bênção de Deus para os gentios na Galácia, Macedônia e Grécia. Ao anunciar e prometer bênçãos (Boa Nova) de Jesus Cristo crucificado para todos os povos, Paulo enfrenta opções rivais, como o evangelho do imperador a serviço dos interesses do império e o judaísmo oficial baseado na observância da Lei, bem como das pessoas que seguiam Jesus e ainda estavam vinculadas a esse judaísmo.

De suas cartas, deduz-se que Paulo converte o “escândalo da cruz” em seu ensinamento central para combater seus opositores (o império e o judaísmo oficial) e argumentar contra eles e para dialogar com suas comunidades em problemas:

- a) “Nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para as nações. No entanto, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus. [...] Deus, no entanto, escolheu o que é loucura no mundo para desacreditar os sábios. E Deus escolheu o que é fraqueza no mundo para desacreditar os fortes. E Deus escolheu o que é insignificante e sem valor no mundo, coisas que nada são, para reduzir a nada as coisas que são. E isso para que nenhuma criatura se glorie diante de Deus” (1Cor 1,23-24.27-29). No seu trabalho para com os pobres, “o lixo do mundo e a escória de todos” (1Cor 4,13), Paulo percebe e compreende que Deus escolhe as pessoas pobres e insignificantes para manifestar sua força, tal como é revelada em Jesus Cristo crucificado. Isso seria uma oposição e crítica contra o caminho do poder e da violência.
- b) “Aqueles que querem aparecer na carne são os que forçam vocês a circuncidar-se. E o fazem só mesmo para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo. Porque nem mesmo aqueles que se fazem circuncidar observam a Lei. No entanto, eles querem que vocês se façam circuncidar, para assim se vangloriarem da carne de vocês. Quanto a mim, que eu nunca me vanglorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo. Por meio dele, o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo” (6,12-14). Concluindo a carta aos Gálatas, Paulo confirma a sua acusação ao grupo judaizante radical de falsidade: insistir na prática da Lei para evitar a perseguição; obrigar os gentios crentes em Jesus Cristo a observar a Lei. O argumento crítico



dele está na cruz de Jesus Cristo, em sua morte por amor às pessoas injustiçadas no “mundo mau”. Ao pregar e experimentar o evangelho da cruz, Paulo traz no seu corpo as marcas de Jesus Cristo.

- c) “Portanto, de agora em diante, não julguemos mais uns aos outros. Em vez disso, tenham o propósito de não ser causa de tropeço ou escândalo para o irmão. Eu sei, e estou convencido no Senhor Jesus, de que nada é impuro em si mesmo. Mas se alguém considera uma coisa como impura, esta coisa se torna impura para ele. Porém, se você deixa seu irmão entristecido por questão de alimento, você já não está agindo por amor. Com o alimento que você come, não cause a perdição de alguém pelo qual Cristo morreu” (Rm 14,13-15). Paulo aborda um dos problemas cotidianos da convivência cristã: certas normas alimentares da pureza. Prega a tolerância e o amor ao próximo, por quem Jesus Cristo viveu, morreu e ressuscitou (1Cor 8,11). O amor manifestado na cruz de Jesus deve ditar a edificação mútua das pessoas na comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo.

A força do amor e da graça que Paulo descobre na cruz de Jesus está em oposição à grande ambição do ser humano: querer colocar-se no lugar de Deus. Jesus, o Filho de Deus, podendo exercer o poder, “esvaziou-se a si mesmo e tomou a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens” (Fl 2,7). Nesse esvaziamento e humilhação de Deus, manifesta-se o poder de viver, amar e servir aos próximos: “A vida que vivo agora na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (2,20).

Deus continua pondo-se ao lado dos crucificados de hoje. A presença maciça dos crucificados se faz realidade em nosso Brasil, que ocupa o segundo lugar na má distribuição de renda entre a sua população, atrás somente do Catar. No Brasil, os 1% mais ricos concentram 28,3% da renda total do país (no Catar essa proporção é de 29). Ou seja, quase um terço da renda está nas mãos dos mais ricos.

Sabemos quem são as pessoas crucificadas de hoje? Depende de cada um. Depende da experiência do nosso cotidiano. Basta olhar ao nosso redor com a mínima sensibilidade humana: crianças mendigando nas ruas, crianças doentes morrendo apenas por causa da falta de alimentação e de cuidados básicos, os moradores das ruas, os milhões de desempregados em busca de trabalho etc. Ou – para as pessoas cristãs – olhar com a fé em Jesus Cristo crucificado e seu evangelho. São os olhares dos servos sofredores que marcam, orientam e ditam a vida cristã. Olhares que fazem repensar e alimentar nossa pastoral, nossas liturgias, catequeses, teologias, ações sociais e o jeito de ler a Escritura.

## SEGUNDO ENCONTRO



**TEMA:** Todos somos um em Cristo Jesus!

**PERSONAGENS:** Cristo Jesus, Abraão e as comunidades da Galácia.

**TEXTO:** Gl 3,1-14.26-29

**PALAVRAS-CHAVE:** justiça, fé, Lei, justificado, promessa, filhos de Deus, batizados e revestiram-se de Cristo.

**PERSPECTIVA:** Reforçar o valor intrínseco da vida humana, salientando a nossa convicção de que todas as pessoas são iguais na diferença, sem distinção de etnia, classe social, gênero ou quaisquer outras classificações.

*Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus (3,28).*

## 1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, a vela acesa e tiras de papel de várias cores.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

## 2. Acolhida

**Dirigente:** Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

**Dirigente:** No primeiro encontro, refletimos sobre o evangelho de Jesus Cristo crucificado e nosso compromisso com as pessoas que mais sofrem em nosso meio. O gesto concreto com que nos comprometemos foi ajudar e estar atentos às pessoas com as quais nos encontramos nas ruas e que vivem em situação de miséria, sem perspectivas de vida. Alguém gostaria de falar sobre como foi a sua vivência ao longo da semana?

*Tempo para a partilha. Encerrar esse momento com o refrão de um canto. Sugestão: **Dá-nos um coração grande para amar, dá-nos um coração forte para lutar.***

**Dirigente:** Vamos repetir, em voz alta, o tema do nosso encontro de hoje: *Todos somos um em Cristo Jesus!*

## 3. Motivando a conversa

**Leitora ou leitor 1:** Certa vez, ouvi uma pessoa dizer: “Se nós tivéssemos acesso a informações, o meu irmão teria tido uma vida normal”. Em sua voz, havia uma grande tristeza e dor. Ela se referia ao seu irmão mais novo, com síndrome de Down. As diferenças sociais estão presentes em nossas relações, no miudinho de nossa vida. Nem sempre as pessoas conseguem ter

acesso aos serviços disponíveis e a seus direitos. As discriminações de etnia, cor e gênero se fazem presentes em todas as dimensões da nossa vida. Lembramos também a visita que um irmão religioso foi fazer à sua irmã. Esperando o elevador social, uma pessoa lhe disse: “Por favor, dirija-se ao elevador de serviço”. Ele logo percebeu que era pelo fato de ele ser negro. Isso lhe trouxe raiva, indignação e tristeza.

**Dirigente:** Vamos olhar para a nossa vida e ver se já fomos vítimas de alguma forma de discriminação nos ambientes que frequentamos? Vamos pensar se nós já discriminamos alguém por sua condição social, gênero ou etnia, seja com palavras, seja com piadas que zombavam das fragilidades de outras pessoas?

*Podemos fazer uma conversa, em pequenos grupos.*

#### **4. Situando o texto**

**Leitora ou leitor 2:** Vejamos o que aconteceu nas comunidades da Galácia. O grupo judaizante radical insistia que os convertidos gálatas deveriam observar a Lei como caminho necessário para alcançar a salvação. Aceitando a circuncisão e a lei do puro e do impuro, eles teriam de assumir também certos valores do judaísmo oficial, legitimando as condições sociais de segregação e hostilidade contra estrangeiro, mulher, pobre e impuro. Contra seus adversários judaizantes, Paulo argumenta usando a Escritura: a salvação prometida a Abraão não vem pela observância da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo crucificado. Ele propõe que a fé no amor gratuito de Jesus devia ser assumida e experimentada para gerar liberdade, igualdade, comunhão e fraternidade.

## 5. Leitura do texto

**Dirigente:** Vamos nos preparar para acolher a Palavra de Deus.

*Sugestão de canto: Eu vim para escutar tua Palavra, tua Palavra, tua Palavra de amor. O mundo ainda vai viver tua Palavra, tua Palavra, tua Palavra de amor.*

**Leitora ou leitor 3:** Ler Gl 3,1-14.

**Leitora ou leitor 4:** Ler Gl 3,26-29.

**Dirigente:** *Para conversar*

- a) Como entender que “mediante a Lei ninguém é justificado diante de Deus”?
- b) Qual é a proposta de Paulo para a comunidade dos batizados?
- c) Como entender a afirmação de Paulo: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus”?

## 6. Iluminando a vida

**Leitora ou leitor 5:** Vivemos em um mundo marcado pelas desigualdades social, étnica e de gênero. A proposta de Jesus é viver a igualdade, a solidariedade e a compaixão. Pelo batismo em Cristo Jesus, nós nos tornamos filhas(os) de Deus e chamadas(os) a nos revestirmos de Cristo, sendo irmãs e irmãos uns dos outros, eliminando de nossa vida toda e qualquer forma de discriminação.

- a) Que atitudes precisamos mudar em nossa vida pessoal e comunitária para eliminar os

preconceitos que ainda estão arraigados em nós?

- b) Diante de uma longa tradição que reduz o papel da mulher à servidão e ao lucro, quais ações podem ser tomadas hoje por nossas comunidades para colaborar para a libertação de tantas opressões que ainda excluem e matam tantas mulheres?
- c) É possível celebrar a eucaristia e continuar fazendo discriminação?

## 7. Celebrando a vida

**Dirigente:** Vamos pegar as tiras de papel, de diferentes cores, e nelas escrever os preconceitos que queremos eliminar de nossas vidas. Cada pessoa colocará no centro a sua tira; depois, com essas tiras, será feita uma corrente, e as pessoas serão convidadas a olhá-la e falar sobre ela, ligando-a com a nossa comunidade ou grupo.

**Dirigente:** A beleza está na diversidade que sempre enriquece a comunidade. Segurando a corrente, queremos mais uma vez proclamar a filiação e a fraternidade universal, pedindo que o Reino de Deus se estabeleça entre nós. Unidas(os) rezemos: *Pai nosso...*

## 8. Preparar o próximo encontro

**Dirigente:** Para a próxima reunião, ler Gl 4,12-20, e quem puder leia as orientações para a preparação do terceiro encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

*Pedir aos participantes que tragam fotos de pessoas que marcaram a sua caminhada na vivência cristã.*

## 9. Gesto concreto

Estimular as pessoas que vivem relações de desigualdades dentro de casa, no trabalho ou na vida social em geral a partilhar sua experiência e buscar soluções na comunidade.

## 10. Bênção final

**Dirigente:** Que o Deus da vida e da igualdade, revelado em Jesus de Nazaré, nos dê força e coragem para eliminar as formas de preconceito existentes em nós. Deus, Pai e Mãe, abençoe-nos hoje e sempre.

**Todas(os):** Amém.

## Orientações para o segundo encontro

**Situando o texto:** *Barreiras racial, social e de gênero*

A maioria dos gálatas vivia numa realidade rural, sofrendo com pobreza, violência e abandono. Muitos trabalhavam como escravos nas grandes fazendas, sem direitos civis. Quando assumiram o evangelho de Jesus Cristo crucificado e formaram as comunidades, eles tinham tudo para viver a experiência da fraternidade e da liberdade comunitária, vivenciando um novo modo de existir, muito diferente da sociedade escravagista.

Entretanto, no relativamente pequeno lapso de tempo que passou depois da última visita de Paulo, os convertidos gálatas ouviram judeus judaizantes radicais, que insistiam na observância da Lei – a circuncisão, o ritual corporal (carne) que atestava a pertença ao povo de Deus – como caminho necessário para a salvação prometida ao patriarca Abraão. O grupo judaizante pretendia impor também costumes judaicos (comidas,



lei da mesa, relações sociais) como matéria essencial para alcançar a salvação.

Aceitando a circuncisão e a lei do puro e do impuro, os convertidos gálatas deveriam assumir também certos valores do judaísmo oficial, o que contrariava o espírito de igualdade no convívio social. O judaísmo oficial pós-exílico tinha sido legitimado, em nome do Javé oficial, gerando segregação e hostilidade contra estrangeiro, mulher, pobre e impuro:

- a) *Pobre e doente*: “Estes andam nus por falta de roupa, e os famintos carregam feixes. Eles espremem azeite no moinho, e os que pisam a uva passam sede. Na cidade os mortais gemem e os feridos pedem socorro, mas Deus não dá importância a essa infâmia” (Jó 24,10-12). Segundo o judaísmo oficial, o pobre que não tinha recursos para oferecer os sacrifícios era considerado impuro e uma maldição de Deus. Sofria com desprezo, maus-tratos e até punição por ser considerado preguiçoso (cf. Pr 6,11; 10,15).
- b) *Mulher*: “Foi pela mulher que o pecado começou, e é por culpa dela que todos nós morremos” (Eclo 25,24). É assim que no pós-exílio será interpretada a narrativa em que Eva e Adão comem do fruto proibido (cf. Gn 3,6). No contexto do livro do Eclesiástico, o texto manifesta uma forte culpabilidade e subordinação da mulher ao homem. A mulher era vista como objeto e propriedade do homem, e, por ser mulher, o controle da lei religiosa da impureza era muito maior (cf. Lv 12). Ela era considerada “pecadora” diante de Deus e devia ser castigada!
- c) *Estrangeira*: “Nessa mesma ocasião, notei que os judeus estavam se casando com mulheres

azotitas, amonitas e moabitas. Eu os reprevei e amaldiçoei, bati em alguns, arranquei cabelos de outros e os fiz jurar em nome de Deus que não dariam suas filhas em casamento aos filhos deles, nem tomariam as filhas deles para seus filhos ou para si próprios” (Ne 13,23.25). Essa proibição teve a sua origem no judaísmo oficial pós-exílico, no qual o monoteísmo do Javé oficial foi consolidado a serviço da centralização do poder do governo teocrata durante o império persa (cf. Esd 7,25-26). Os estrangeiros com seus deuses foram perseguidos como impuros e inimigos de Javé oficial, que estava em função do “poder e monopólio” do templo de Jerusalém (cf. Js 6,17-21; Ex 35,4-29).

Ao longo da história, o judaísmo oficial, baseado na lei da pureza, tinha fortalecido a segregação e o preconceito contra a mulher, estrangeira e pobre. O preconceito transparece com muita evidência, por exemplo, na literatura rabínica do tempo de Paulo, na qual o rabino agradece a Deus porque não o fez gentio, nem escravo, nem mulher. Esta espiritualidade transparece nos adversários judaizantes de Paulo.

Na visão de Paulo, ex-fariseu convertido ao evangelho de Jesus Cristo crucificado, a posição de Jesus a respeito dos impuros (pobre, mulher e gentio) continha princípios que se opunham à opressão social e religiosa do judaísmo oficial. Mais básico ainda talvez fosse o fato de que Jesus de Nazaré criticou a lei da pureza (cf. Mc 2,15-28) e o templo de Jerusalém (cf. Mc 11,15-19; Mt 21,12-17; Lc 19,45-48; Jo 2,14-16), que marginalizavam os pobres, as mulheres e os estrangeiros. Essa visão refletia outra corrente do judaísmo na Escritura: o judaísmo popular e aberto, que acolhe pobres, mulheres e estrangeiros:

- a) *Pobre*: “Até quando vocês julgarão injustamente, sustentando a causa dos ímpios? Julguem a causa do fraco e do órfão, façam justiça ao pobre e ao necessitado. Ponham em liberdade o fraco e o indigente, e os livrem da mão dos ímpios” (Sl 82,2-4). Como a literatura profética, os salmos, frequentemente, referem-se ao sofrimento dos pobres e atestam que Javé não se esquece do clamor deles (cf. Sl 9,13; 22,25).
- b) *Mulher*: “Rute respondeu: ‘Não insista comigo para eu abandoná-la, ou deixar de segui-la. Pois aonde você for, eu também irei. Onde você passar a noite, eu também passarei. O seu povo será meu povo, e o seu Deus será o meu Deus’” (Rt 1,16). O livro de Rute, escrito no período pós-exílico, apresenta a solidariedade de Rute, uma mulher moabita, com sua sogra Noemi, uma judia. Descrevendo uma mulher estrangeira e pobre, desprezada pelos judeus, como modelo de abertura e solidariedade, o livro se opõe à segregação contra a mulher, estrangeira e pobre.
- c) *Estrangeiro*: “Javé lhe disse: ‘Você tem pena de uma mamoneira, que não lhe custou trabalho, que não foi você quem a fez crescer, que brotou numa noite e na outra morreu. E eu, será que não vou ter pena de Nínive, esta cidade enorme, onde moram mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem distinguir a direita da esquerda, além de tantos animais?’” (Jn 4,10-11). O livro de Jonas, escrito por volta do ano 400 a.C., apresenta Javé compadecendo-se dos estrangeiros. O autor desse livro critica a corrente do judaísmo oficial ao descrever os estrangeiros como pessoas sensíveis e solidárias que rezam e temem a Javé, Deus de Israel (Jn 1).

A abertura aos grupos considerados impuros (especialmente pobres, mulheres e estrangeiros) é assumida pelo movimento de Jesus e é registrada no hino batismal das primeiras comunidades que seguem Jesus: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus” (3,28). Esse hino mostra que a pertença ao povo de Deus não estava restrita à nacionalidade judaica. Dessa forma, Paulo propôs a solidariedade como valor fundamental nas comunidades dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo, superando as barreiras étnica, social e de gênero.

Com essa visão, baseada no judaísmo popular e aberto, Paulo argumenta que a justificação, a salvação prometida a Abraão, não vem pela observância da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo crucificado. Ele propõe que a fé no amor gratuito de Jesus deve ser assumida e experimentada para gerar uma fraternidade, diante da crise das comunidades gálatas, provocada pela implantação da lei da pureza.

### **Comentando o texto:** *Gl 3,1-14.26-29 – Ser um só em Jesus Cristo*

O argumento da justificação (salvação) pela fé, e não pelas obras da Lei (2,11-21), é retomado agora com cinco perguntas retóricas:

- “Ó gálatas sem juízo! Quem foi que os enfeitiçou, a vocês que tinham diante dos olhos os traços bem claros de Jesus Cristo crucificado?” (3,1). Paulo pregou e explicou Jesus Cristo de maneira didática, até utilizando cartaz devido à dificuldade da língua. Por sinal, os gálatas teriam compreendido e recebido o Espírito, o dom

de Deus e princípio ativo da força libertadora, pela fé em Jesus Cristo. Porém, os convertidos gálatas foram enfeitiçados e estavam aceitando serem reduzidos à escravidão da Lei.

- “Quero saber somente isto de vocês: foi pelas obras da Lei que vocês receberam o Espírito, ou foi pela aceitação da fé?” (3,2). Pergunta direta: o Espírito, o poder da salvação de Deus, vem pela observação da lei da pureza ou pela fé no amor gratuito de Jesus Cristo crucificado?
- “São vocês tão sem juízo, que começaram com o Espírito e terminam agora na carne?” (3,3). Até esse momento da crise, os gálatas, gentios, não conheciam a Lei judaica. Para que serve agora a circuncisão na carne, observando a lei da pureza?
- “Foi em vão que vocês experimentaram coisas tão grandes? Se é que foi em vão!” (3,4). Pela fé no amor gratuito de Jesus Cristo, os gálatas escravizados experimentaram, nas comunidades, a liberdade e fraternidade como as obras do Espírito. As grandes coisas foram recebidas sem proveito algum?
- “Ora, aquele que lhes dá o Espírito e opera prodígios em vocês, é pelas obras da Lei que o faz, ou pela aceitação da fé?” (3,5). Os gálatas receberam os dons da liberdade e da fraternidade pela fé em Jesus Cristo, antes de ouvirem falar da Lei. Eles estão voltando para trás, para a escravidão da Lei?

Após as perguntas retóricas, Paulo desenvolveu seu ensinamento com argumentos da Escritura, que serviram para rebater as pretensões do grupo judaizante: “Foi assim que aconteceu com Abraão. Ele acreditou em Deus, e isso lhe foi posto na conta como justiça.

Saibam, portanto, que os filhos de Abraão são aqueles que têm fé” (3,6-7).

No trabalho missionário, a grande figura de Abraão no livro de Gênesis, que era desconhecida e misteriosa para os gentios gálatas, devia ser utilizada como argumento bíblico para levar a promessa da salvação aos não judeus. O grupo judaizante, por sua vez, dizia aos gálatas que Jesus era judeu e filho de Abraão; por isso, os gálatas precisavam ser circuncidados e observar as leis e os costumes judaicos, para serem filhos de Abraão e fiéis a Jesus.

Contudo, Paulo salienta com argumento bíblico que, desde Abraão, é a fé nas promessas que dá a vida: “Então, a palavra de Javé veio a ele [Abrão], dizendo: ‘O seu herdeiro não será ele, mas alguém saído das entranhas de você’. Em seguida, Javé conduziu Abrão para fora, e disse: ‘Erga os olhos ao céu e conte as estrelas, se puder’. E acrescentou: ‘Assim será a sua descendência’. Abrão acreditou em Javé, e isso lhe foi creditado como justiça” (Gn 15,4-6). A justiça (mérito) de Abraão é ter a fé na promessa de Deus, e os que têm a mesma fé na gratuidade de Deus se tornam, pela bênção da promessa, filhos e herdeiros de Abraão.

Por isso, Paulo confirma: “A Escritura tinha previsto que Deus justificaria as nações (os estrangeiros) através da fé. Por isso, tinha anunciado antes a Boa Notícia a Abraão: ‘Em você, todas as nações serão abençoadas’. Assim, aqueles que têm fé são abençoados junto com Abraão, que teve fé” (3,8-9). Quem acredita na Palavra de Deus e assume a atitude de Abraão, pessoa justa, liga-se a ele, é descendente, ainda que seja de outro povo: “Javé disse: ‘Esconderei de Abraão o que vou fazer, uma vez que ele será uma nação grande e poderosa, e nele serão abençoadas todas as nações da terra’” (Gn 18,17-18).

Desde os tempos antigos de Abraão, a justiça, por meio da fé, já fazia parte do plano de Deus para

a salvação de todos os povos. As pessoas eram consideradas filhas de Abraão e herdeiras da promessa de salvação de Deus pela partilha da fé na gratuidade do Deus da vida. Sobre isso, Paulo fez uma explicação melhor na carta aos Romanos: “Portanto, a promessa depende da fé, para que seja gratuita e válida para toda a descendência. E não só para a descendência segundo a Lei, mas também para a descendência segundo a fé de Abraão, que é o pai de todos nós” (Rm 4,16).

Agora, quanto à Lei, Paulo afirma, através da sua experiência, que, ao invés de tornar justa a pessoa, a Lei traz a maldição para os que não a cumprem. “De fato, todos aqueles que são pelas obras da Lei estão debaixo de uma maldição. Pois está escrito: ‘Maldito seja quem não persevera no cumprimento de tudo o que está escrito no livro da Lei’” (3,10).

Paulo continua provando sua tese com argumentos da Escritura: “Maldito seja quem não mantém de pé as palavras desta Lei, não as colocando em prática” (Dt 27,26). Para alguém ser justificado através da Lei, teria de observar cada palavra dela, o que é impossível para as pessoas (cf. At 15,10). Por isso, a Lei não podia transmitir as bênçãos de Abraão; pelo contrário, ela só podia trazer a maldição do seu não cumprimento. Na prática, a maldição sobre as pessoas significava que as pessoas estavam sujeitas ao jugo da Lei, carregando o fardo de ter de cumprir todas as exigências.

Depois de mencionar a maldição da Lei, Paulo passa a mostrar que a verdadeira vida vem pela prática da fé na gratuidade de Deus, não pela observância da Lei: “Ora, é evidente que mediante a Lei ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé. E a Lei não depende da fé, mas quem cumpre essas coisas viverá por meio delas” (3,11-12).

A frase “o justo viverá pela fé” é a citação de Hab 2,4: “Aquele que se enche de orgulho não tem vida reta, mas o justo viverá por sua fidelidade”. A pessoa orgulhosa e autossuficiente, que tenta observar todas as leis para obrigar Deus a retribuir a salvação, não está com o Deus da vida. Ao contrário, a pessoa aberta e justa, que tem a fé na gratuidade de Deus, está pronta a colaborar com o projeto de Deus para realizar a salvação. A fé consiste numa atitude aberta e ativa de traduzir a vontade de Deus na vida e em esperança.

A insistência de Paulo de que a salvação vem pela fé em Cristo, e não pelas obras da Lei, atinge seu cume na descrição de Jesus Cristo crucificado: “Cristo nos resgatou da maldição da Lei, tornando-se ele próprio maldição em favor de nós. Pois está escrito: ‘Maldito seja quem for pendurado num madeiro!’” (3,13). Cristo é o redentor dos amaldiçoados por um meio paradoxal!

Jesus crucificado se torna maldição, ao ser pendurado na cruz segundo a Lei: “Seu cadáver não poderá continuar na árvore durante a noite. Você deverá sepultá-lo no mesmo dia, pois quem morre pendurado é amaldiçoado por Deus” (Dt 21,23). Segundo Paulo, Jesus, porém, assume essa maldição para transformá-la em bênção para quem tem a fé no amor gratuito de Deus, pois a morte de Jesus foi a consequência de uma vida levada ao seu extremo. Sua cruz é o resultado da sua prática da justiça e do amor ao próximo, sobretudo aos impuros sofridos e crucificados no mundo mau: Cristo “se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos livrar do mundo mau em que estamos, conforme a vontade de Deus e nosso Pai” (1,4). A cruz de Jesus Cristo é a manifestação do amor primeiro e gratuito de Deus Pai.

Com isso, Paulo conclui dizendo: “E isso para que a bênção de Abraão em Cristo Jesus chegasse às nações,



a fim de que recebêssemos, por meio da fé, a promessa do Espírito” (3,14). Através da sua morte na cruz, Jesus Cristo venceu e removeu a maldição da Lei pelo amor gratuito e estendeu a todos os povos (nações) a “bênção” (salvação) prometida a Abraão, a qual se condensa no dom do Espírito, dom do tempo messiânico da salvação de Deus.

Após uma longa discussão sobre a salvação dos não judeus pela fé em Cristo Jesus Crucificado (3,1-25), Paulo entra numa das afirmações centrais, aproveitando o hino batismal, escrito pelas comunidades primitivas (cf. 1Cor 12,13; Cl 3,10-11): “De fato, todos vocês são filhos de Deus, por meio da fé em Cristo Jesus. Pois todos vocês, que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus” (3,26-28). Em Jesus de Nazaré, com seu judaísmo popular e aberto, as barreiras deveriam ser superadas:

- a) “*Não há judeu nem grego*”: os limites étnicos e a prática da segregação marcavam a sociedade judaica e greco-romana. Por trás da declaração batismal, adaptada por Paulo, estaria a realidade dos gálatas desprezados e oprimidos pelos gregos, romanos e judeus (2,11-14). Pelo batismo em nome do amor gratuito de Jesus Cristo, judeus e estrangeiros deveriam se tornar “irmãos”, superando a lei da pureza e sua segregação.
- b) “*Não há escravos nem livres*”: a distinção entre “cidadão livre” e “escravo” na organização da cidade no mundo greco-romano era fundamental para manter a ordem, o privilégio e a exploração dos poderosos na sociedade escravagista do império. Os cidadãos livres gozavam de

todos os direitos políticos e civis. Os não livres eram privados dos direitos e da dignidade (cf. At 16,16-24). De acordo com Paulo, não poderiam acontecer as discriminações contra os pobres e escravos que estavam participando das comunidades gálatas. Na comunidade cristã, não deveria haver diferenças sociais e econômicas (cf. 1Cor 11,17-34).

- c) “*Não há homem nem mulher*”: a sociedade androcêntrica do mundo judaico e greco-romano tentou assumir o masculino como o único modelo de representação coletiva da sociedade, sendo os comportamentos, pensamentos ou experiências associados ao sexo masculino os que deviam ser tidos como padrão, estabelecendo a mulher como um ser inferior e desprezível (Eccl 42,12-14; 1Tm 2,9-15). De acordo com Paulo, convertido do judaísmo oficial ao judaísmo popular e aberto, as mulheres e os homens, pelo batismo, deveriam ser iguais em dignidade diante de Jesus Cristo crucificado e trabalhar juntos pela construção do Reino de Deus. Por trás da declaração batismal a respeito das mulheres, estariam as líderes femininas que exerciam papéis de ponta nas igrejas domésticas e na missão do movimento de Jesus em suas origens (Rm 16,1-15).

Deparando com a segregação e a desigualdade, provocadas pela implantação da circuncisão e da lei da pureza, Paulo apela e reitera o compromisso batismal: a pessoa era chamada a revestir-se de Jesus Cristo com seu amor gratuito e infinito, para ficar livre de qualquer lei e de qualquer diferença social que pudessem provocar a segregação e a desigualdade. A fé em Jesus devia gerar uma “família” de fraternidade, superando as barreiras

étnica, social e de gênero, porque todas as pessoas são herdeiras da promessa de Abraão, resgatadas de toda forma de escravidão: “E se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão, herdeiros conforme a promessa” (3,29; cf. Gn 12,1-3).

### **Aprofundando:** *As comunidades de irmandade*

Jesus de Nazaré se compadece dos pobres, retoma a tradição profética e sapiencial da corrente popular e aberta da Escritura e proclama as bem-aventuranças:

Felizes vocês, os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus. Felizes vocês, que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes vocês, que agora choram, porque hão de sorrir. Felizes são vocês, quando as pessoas os odeiam, os rejeitam, os insultam e amaldiçoam o nome de vocês por causa do Filho do Homem. Alegrem-se nesse dia e exultem, porque é grande a recompensa de vocês no céu. Pois era assim que os pais deles tratavam os profetas (Lc 6,20-23).

As bem-aventuranças mostram que a pertença ao povo eleito e ao Reino de Deus não está restrita aos “puros” da lei da pureza e propõem a abertura e a solidariedade aos “impuros” (pobres, doentes, mulheres, estrangeiros etc.). O espírito de Jesus, baseado no judaísmo popular e aberto a todas as nações, está vivo nos fragmentos do hino batismal das primeiras comunidades registrados nas cartas entre os anos 50 e 60:

- “Todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo. E todos bebemos de um só Espírito” (1Cor 12,13).

- “Portanto, não há distinção entre judeu e grego, porque Jesus é Senhor de todos, e concede suas riquezas a todos os que o invocam” (Rm 10,12).
- “Aí não há mais grego nem judeu, circunciso ou incircunciso, bárbaro, cita, escravo ou livre, mas Cristo, em tudo e em todos” (Cl 3,11).

O ritual batismal era um compromisso de igualdade, por meio do qual a pessoa manifestava publicamente sua adesão a Jesus de Nazaré, crucificado por causa de sua prática da justiça e do amor ao próximo. Na comunidade, o judeu não é superior ao estrangeiro, nem o homem à mulher, nem o livre ao escravo. A igualdade devia estender-se à totalidade da vida para os cristãos, dentro e fora da comunidade, como na família e no apostolado (cf. Rm 16,1-11).

Historicamente, a igualdade em Jesus Cristo libertador, declarada no ritual batismal, tinha sido assumida e vivida em cada comunidade que segue Jesus dentro do seu contexto:

- a) *A mulher siro-fenícia*: “A mulher era grega, nascida na Fenícia da Síria. Ela pedia que Jesus expulsasse de sua filha o demônio. Jesus dizia: ‘Deixe que primeiro os filhos fiquem saciados. Porque não fica bem tirar o pão dos filhos e jogá-lo aos cachorrinhos’. Ela lhe respondeu: ‘Senhor, também os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem as migalhas das crianças’. Jesus lhe disse: ‘Por causa do que você falou, vá: o demônio saiu de sua filha’” (Mc 7,26-30). No norte da Galileia, por volta do ano 70 d.C., a comunidade de Marcos redigiu o seu livro sobre a vida de Jesus. Tratava-se de uma comunidade de judeus e estrangeiros da Galileia, da Síria, de Tiro e da Decápolis.

A igualdade em Cristo estava na ordem do dia a dia, dentro e fora da comunidade.

- b) *Pobre, estrangeiro, doente e preso*: “Pois tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e me deram de beber, era estrangeiro e me acolheram, estava nu e me vestiram, estava doente e me visitaram, estava na cadeia e vieram me ver” (Mt 25,35-36). É um texto próprio do evangelho de Mateus, que foi escrito na Síria, no fim do século I. Além da perseguição dos judeus fariseus, a comunidade enfrentava o conflito interno: os judeu-cristãos, apegados à lei da pureza e às tradições judaicas, desprezavam os “impuros” (gentios e pobres) dentro e fora da comunidade. Pelo revestimento batismal de Jesus Cristo encarnado, na comunidade cristã deveria haver espaço de acolhida e dignidade para os “impuros”.
- c) *O pobre Lázaro*: “Havia um homem rico que se vestia com roupas de púrpura e linho fino, e dava grandes festas todos os dias. Um pobre, chamado Lázaro, coberto de feridas, ficava deitado junto à porta do rico. Queria matar a fome com o que caía da mesa do rico. Em vez disso, até os cães vinham lambê-lo as feridas” (Lc 16,19-21). A história do pobre Lázaro aparece só no evangelho de Lucas, que foi escrito por volta do ano 90 d.C., em uma cidade greco-romana (possivelmente em Éfeso), marcada pela competição, ganância e acúmulo de riquezas. A grande maioria da comunidade era de pessoas de origem não judaica e pobre, mas havia também algumas pessoas ricas, uma realidade de desigualdade que gerou vários conflitos internos. Era preciso voltar à prática da partilha e da solidariedade de Jesus de Nazaré, assumida no batismo.

- d) *Uma mulher samaritana*: “Chegou uma mulher da Samaria para tirar água. Jesus lhe disse: ‘Dê-me de beber’. A mulher samaritana lhe disse: ‘Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?’” (Jo 4,7-9). A última redação do evangelho de João aconteceu em Éfeso, na Ásia Menor, por volta do ano 95 d.C. Era uma comunidade mista, com pessoas provenientes de vários grupos e religiões (galileus, samaritanos, gregos e judeus tradicionais etc.). A história da mulher samaritana, um povo marginalizado e desprezado por judeus, representava a busca da comunidade por ultrapassar as barreiras impostas pela lei da pureza, classe social, etnia, gênero etc.
- e) *Estrangeiros e forasteiros*: “Queridos, vocês são estrangeiros (forasteiros) e viajantes (migrantes). Recomendo que fiquem longe dos desejos sensuais, que fazem guerras contra o espírito. Comportem-se honradamente entre os pagãos, para que, mesmo falando eles mal de vocês como se fossem malfeitores, ao verem as boas obras de vocês, glorifiquem a Deus no dia da sua Visita” (1Pd 2,11-12). A primeira carta de Pedro, escrita na Ásia Menor, no final do século, descreve o grande número de estrangeiros e forasteiros forçados a sair de suas terras por causa de guerras e empobrecimento, causados por ambição e sede de poder e lucro. Pelo batismo em Jesus Cristo, crucificado por causa da prática da justiça, as pessoas são chamadas a viver a acolhida mútua, a solidariedade e a igualdade. Nesta nova comunidade, não há lugar para preconceito, segregação e desigualdade.

No início do movimento cristão, a maioria das comunidades estendia a igualdade à totalidade da vida dentro e fora da comunidade: “Todos vocês são um só em Cristo Jesus”. Em Cristo, o judeu não é superior ao não judeu, nem o homem à mulher, nem o livre ao escravo. Porém, com o passar do tempo, algumas comunidades seguiram em direção oposta:

- “As mulheres sejam submissas a seus maridos como ao Senhor, pois o homem é cabeça da mulher, como também Cristo é cabeça da Igreja, ele que é o salvador do Corpo” (Ef 5,22-23).
- “Escravos, obedçam em tudo aos senhores humanos, não somente quando eles vigiam e para agradar, mas na simplicidade de coração, temendo ao Senhor” (Cl 3,22).
- “Não permito que a mulher ensine ou tenha autoridade sobre o homem. Que ela, portanto, conserve o silêncio. Pois Adão foi formado por primeiro, e depois Eva” (1Tm 2,12-13).

São as comunidades judaizantes com a lei da pureza e a cultura do judaísmo oficial. Isso mostra que houve uma grande diversidade nas origens do cristianismo do século I, como relata Paulo ao falar sobre o conflito interno da comunidade cristã de Corinto: “‘Eu sou de Paulo’; ou: ‘Eu sou de Apolo’; ou: ‘Eu sou de Cefas’; ou: ‘Eu sou de Cristo’. Será que Cristo está dividido? Ou será que Paulo foi crucificado em favor de vocês? Ou será que vocês foram batizados em nome de Paulo?” (1Cor 1,12-13).

A história se repete. No movimento cristão hoje há diversidade, divisão e fortes conflitos. Porém, é importante voltar às fontes para reavivar a consciência de que, pelo batismo em nome do amor gratuito de Jesus Cristo

crucificado, quem segue Jesus, independentemente da confissão cristã, deve lutar contra toda e qualquer segregação que possa privilegiar a uns e marginalizar a outros, dentro e fora das comunidades cristãs. A vida humana tem de ser prioridade sempre, sem distinções sociais, raciais e de gênero. Dignidade humana acima de tudo!



## TERCEIRO ENCONTRO



**TEMA:** Viver o amor e a ternura na missão.

**PERSONAGENS:** Paulo e os irmãos gálatas.

**TEXTO:** Gl 4,12-20

**PALAVRAS-CHAVE:** anunciar, evangelho, doença, receberam, dores de parto.

**PERSPECTIVA:** Cultivar laços de amor e de ternura com as pessoas que encontramos, acolhendo a cada uma a partir de sua realidade.

*Se fosse possível, vocês arrancariam os próprios olhos e os dariam a mim (4,15b).*

## 1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, vaso de flor, fotografias de pessoas que amamos.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

## 2. Acolhida

**Dirigente:** Peçamos à Trindade Santa que nos ilumine em nossa caminhada.

**Todas(os):** Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém.

*Sugestão de canto: Um coração para amar, pra perdoar e sentir, para chorar e sorrir, ao me criar tu me deste. Um coração pra sonhar, inquieto e sempre a bater, ansioso por entender as coisas que tu disseste. **Eis o que venho te dar, eis o que eu ponho no altar. Toma, Senhor, que ele é teu, meu coração não é meu** (bis).*

**Dirigente:** Que o seguimento de Jesus Cristo abra o nosso coração para amar e acolher as pessoas em nossa vida e missão. No primeiro encontro, nós refletimos sobre o evangelho de Jesus Cristo crucificado, um evangelho que nos conduz a uma vida que seja pautada pelo amor-serviço para com as pessoas crucificadas de hoje. No segundo encontro, recordamos que nada justifica preconceitos e segregações. Em Cristo, somos chamadas(os) a viver a irmandade universal. Como foi a vivência do gesto concreto proposto no encontro anterior?

*Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto.*

**Dirigente:** Hoje vamos refletir sobre as relações que nós construímos com as pessoas em nossas

comunidades e na vivência da missão. Podemos ler, em voz alta, o tema do encontro de hoje: *Viver o amor e a ternura na missão.*

### **3. Motivando a conversa**

**Leitora ou leitor 1:** Em uma paróquia da periferia de São Paulo, um senhor começou um projeto de distribuir sopa para o povo. Aos poucos, outras pessoas foram ajudando nessa iniciativa, que posteriormente foi assumida pela paróquia, ampliando o envolvimento de outros membros. Em 2020, com a pandemia da Covid-19, o projeto foi suspenso por um tempo, por causa do isolamento social. Aos poucos, alguns membros começaram a se questionar, pois as pessoas em situação de rua continuavam lá e precisavam comer. Buscando caminhos para atender a essa necessidade, começaram a preparar lanches e material de higiene pessoal. Houve uma grande movimentação, e muitas pessoas de outras paróquias e de outros grupos também quiseram colaborar. Em um período de vários meses, o projeto recebeu a doação de trezentas marmitas de diferentes grupos empresariais, que foram distribuídas, de acordo com os protocolos, por voluntários. Quando as doações terminaram, houve uma mobilização entre as pessoas envolvidas no projeto, e as refeições continuaram sendo feitas. Além da distribuição das refeições, quem participa desse projeto se reúne para rezar e refletir sobre a sua ação. Essa iniciativa tem criado laços de amor, gestos de ternura e irmandade entre as pessoas envolvidas e outros membros da paróquia.

**Dirigente:** Podemos pensar nas iniciativas pastorais que existem em nossa paróquia ou nos grupos de que participamos e nos perguntar: como nós nos

relacionamos com os membros de nossos grupos? Como nós desenvolvemos laços de amor e ternura com aquelas e aqueles aos quais somos enviados? Podemos conversar sobre estas questões com quem está ao nosso lado.

#### 4. Situando o texto

**Leitora ou leitor 2:** Paulo é exemplo de um missionário comprometido com as comunidades que ele fundou. Ele estabeleceu comunidades dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo em quatro províncias do Império Romano: Galácia, Ásia, Macedônia e Acaia. Não podendo visitar, com frequência, todas as comunidades, Paulo o fez por meio de cartas, cultivando um relacionamento afetuoso e familiar com elas. Nas comunidades gálatas, em sua primeira visita, ele estabeleceu fortes laços de afeto com seus membros, devido à sua longa permanência por causa de uma doença repulsiva. Com a evangelização de Paulo, os convertidos gálatas, em sua maioria pobres e escravos, tinham tudo para viver a experiência da fraternidade e da liberdade, experimentando um novo modo de existir na sociedade escravagista do império. Entretanto, pouco tempo após a segunda visita de Paulo, os convertidos gálatas ouviram o grupo judaizante radical, que insistia na observância da Lei – a circuncisão – como caminho de salvação, e entraram em crise, provocada pela escravidão da Lei: segregação e desigualdade. Diante da possibilidade de perder as comunidades amadas, Paulo manifestou ternura e preocupação com os irmãos e as irmãs gálatas em Gl 4,12-20.

#### 5. Leitura do texto

**Dirigente:** Em nossa ação pastoral, precisamos desenvolver e cultivar laços afetivos com as pessoas sem

perder a coragem de chamar a atenção quando há desvios na comunidade. Que o Espírito de Deus nos ajude a viver a nossa missão.

*Sugestão de canto: Vem, vem, vem! Vem, Espírito Santo de amor! Vem a nós, traz à Igreja um novo vigor. Presença de força aos profetas, que falam sem nada temer. Contigo sustentam o povo, na luta que vão empreender.*

**Leitora ou leitor 3:** Ler Gl 4,12-20.

**Dirigente:** *Para conversar*

- a) Por que Paulo está desapontado com a comunidade dos gálatas?
- b) Como Paulo se sente em seu relacionamento com a comunidade dos gálatas?
- c) O que significa a expressão usada por Paulo: “Por vocês eu sofro de novo as dores de parto até que Cristo se forme em vocês” (4,19)?

## 6. Iluminando a vida

**Leitora ou leitor 4:** Nestes tempos de pandemia e situação de isolamento social, houve diversas reações: medo, insegurança, depressão, fechamento em si e em seus próprios interesses. Para muitos, a pandemia é somente estatística, e há pessoas que estão negando o perigo da contaminação do coronavírus. É um inimigo invisível que matou mais do que as duas guerras mundiais. Aos poucos, estamos nos ajeitando e procurando estratégias para viver o novo normal, encontrando novas formas de relacionamento. Que a vivência dessa pandemia possa nos fazer compreender que a vida

humana, não importa de quem seja, tem de ser prioridade sempre.

- a) Como nós e nossas comunidades buscamos soluções para melhorar a vida de nossos irmãos diante das crises que vivemos?
- b) Como lidamos com as propostas que contrariam a verdade do evangelho?
- c) Quais são os laços que nos mantêm unidos como comunidade?

## 7. Celebrando a vida

**Dirigente:** Nós queremos celebrar a vida que existe em nossa comunidade e os laços de amizade e irmandade que há entre nós. Agradecemos todos os gestos de amor e ternura que realizamos ou recebemos e que nos aproximam da vivência do evangelho de Jesus Cristo crucificado. Neste momento, podemos pegar a foto que trouxemos e dizer, em voz alta, o que a pessoa (ou as pessoas) na foto significa (significam) para nós e como ela (elas) nos ajuda (ajudam) na vivência do projeto cristão.

*À medida que as pessoas forem partilhando, colocar as fotos no centro ou em um mural.*

**Dirigente:** Agradecemos a Deus porque a nossa vida é construída com a presença de muitas pessoas. Seria impossível enumerá-las. Nesta oração final, queremos pedir a graça de viver o amor e a ternura em nossos relacionamentos pessoais e comunitários. Com as mãos estendidas para todos os cantos de nossa cidade, reze-mos o pai-nosso.

*O grupo ou comunidade pode acrescentar outras orações.*

## 8. Preparar o próximo encontro

**Dirigente:** Para a próxima reunião, ler Gl 5,1-12, e quem puder leia as orientações para a preparação do quarto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

## 9. Gesto concreto

Rever como estão as nossas relações pessoais e comunitárias, e, se algum vínculo estiver fraco ou arrebitado, procurar refazê-lo. Ligar para uma pessoa idosa ou para alguém que você sabe que precisa de uma palavra amiga.

## 10. Bênção final

**Dirigente:** Vamos rezar uma antiga bênção irlandesa, pedindo que Deus nos carregue em suas mãos: “Que o caminho seja brando a teus pés, o vento sopra leve em teus ombros. Que o sol brilhe cálido sobre tua face, as chuvas caiam serenas em teus campos. E até que eu de novo te veja, que Deus te guarde nas palmas de suas mãos”.

**Todas(os):** Amém.

## Orientações para o terceiro encontro

**Situando o texto:** *Paulo e o seu trabalho missionário*

Nos primeiros anos do movimento de Jesus de Nazaré, Paulo foi um personagem importante. Ele propagou o evangelho de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado para lugares distantes, como a Ásia Menor, a Grécia e até Roma:

Pois eu não ousaria falar de coisas que Cristo não tivesse realizado por meio de mim, para levar as nações à obediência, em palavras e ações, com a força de sinais e prodígios, com a força do Espírito de Deus. É assim que desde Jerusalém e arredores até a Ilíria, eu completei o anúncio do evangelho de Cristo. E assim tomei como questão de honra anunciar o evangelho onde o nome de Cristo ainda não era conhecido (Rm 15,18-20).

Paulo destacou-se como missionário audaz de Jesus Cristo, com suas viagens, perigos, perseguições, sofrimento, comunidades e, sobretudo, várias cartas (1Ts, Fl, 1Cor e 2Cor, Fm, Gl, Rm). Nelas, explica-se, em parte, por que Paulo conseguiu realizar tão importante obra missionária e qual a natureza de seu trabalho missionário:

- *O amor de Jesus Cristo crucificado*: Paulo põe sua vida inteiramente a serviço do evangelho de Jesus. Uma vida missionária movida pelo amor de Cristo: “Mas tudo o que para mim era lucro, agora considero como perda, por causa (amor) de Cristo” (Fl 3,7).
- *Missão exercida comunitariamente*: Paulo não viajava nem trabalhava sozinho (1Ts 1,1). Sempre acompanhado pelos colaboradores, ele empreendeu várias viagens missionárias, organizou e acompanhou as comunidades. Um trabalho pastoral realizado de forma coletiva.
- *Trabalho manual com inserção no mundo dos pobres*: “Noite e dia trabalhando para não sermos de peso para nenhum de vocês” (1Ts 2,9). Com seu trabalho manual, Paulo mergulhou na vida dos trabalhadores escravizados que constituíam até



dois terços da população nas cidades do Império Romano. Uma opção pelos pobres no trabalho missionário (cf. 1Cor 4,9-13), exigindo justiça, liberdade, fraternidade com a experiência existencial de convivência no mundo dos oprimidos.

- *Acompanhamento permanente*: “Da mesma forma, sabem que tratamos cada um de vocês como um pai trata seus filhos. Nós exortamos e encorajamos vocês, e testemunhamos para que levassem vida digna de Deus, que os chama para seu Reino e glória” (1Ts 2,11-13). Paulo, como pai, não só gerou, mas também acompanhou e educou as comunidades com as visitas e as cartas. Ele tinha compromisso missionário de cuidar de suas comunidades!
- *Participação de todos com solidariedade*: “Portanto, encorajem-se uns aos outros e se edificuem mutuamente, como, aliás, vocês já estão fazendo” (1Ts 5,11). Paulo encorajava seus fiéis a se envolverem nas atividades pastorais. Esperava que eles compartilhassem todos os aspectos das necessidades pastorais da comunidade com amor e solidariedade.
- *Liderança*: “Nós lhes pedimos, irmãos, que tenham consideração por aqueles que se afadigam entre vocês, aqueles que os dirigem no senhor e os aconselham” (1Ts 5,12). Paulo incentivou a formação e a autonomia da liderança local na vida da comunidade após sua saída. Eram pessoas que conheciam a própria realidade e tinham a confiança da comunidade com ampla rede de contatos sociais. Com elas, Paulo cultivou a amizade e a irmandade, o que ajudou e sustentou muitas vezes sua árdua atividade missionária.

A natureza do trabalho missionário de Paulo é, sem dúvida, moldada pelo relacionamento afetivo e familiar com as comunidades. Todas as cartas paulinas, que sintetizam suas ideias e orientações pastorais no acompanhamento das comunidades, demonstram amor, afeto e ternura de Paulo como pai e mãe de família:

- a) *“Mãe acariciando os filhos”*: “Nós nos comportamos entre vocês com toda a bondade, qual mãe acariciando os filhos. Tínhamos tanto carinho por vocês, que estávamos dispostos a dar-lhes não somente o evangelho de Deus, mas até a nossa própria vida, tão amados vocês se tornaram para nós” (1Ts 2,7-8). Descrevendo sua ação missionária entre os tessalonicenses, Paulo coloca o amor maternal e paternal pela comunidade como atitude fundamental, mesmo correndo risco de morte.
- b) *“Amo a todos vocês com ternura”*: “De fato, Deus é testemunha de quanto amo a todos vocês com a ternura de Cristo Jesus. E é isto que peço: que o amor de vocês cresça mais e mais, em conhecimento e em todo tipo de discernimento (sensibilidade)” (Fl 1,8-9). A comunidade de Filipos, a igreja primogênita na Europa, que começa com um pequeno grupo de mulheres, como Lídia, fica sempre no coração de Paulo com muita ternura. O laço afetivo da comunidade é traduzido em auxílios concretos: “Quando eu estava em Tessalônica, vocês mais de uma vez me enviaram ajuda para minhas necessidades” (Fl 4,16).
- c) *“Eu gerei vocês”*: “Não lhes escrevo essas coisas para envergonhá-los, mas para chamar a atenção de vocês, como filhos amados. Porque,

ainda que vocês tivessem dez mil pedagogos em Cristo, não teriam muitos pais, pois fui eu que gerei vocês pelo evangelho em Cristo Jesus” (1Cor 4,14-15). Como na primeira carta aos Tessalonicenses, Paulo se compara a uma mãe que amamenta (1Cor 3,2) e também a um pai que educa e chama a atenção de seus filhos amados. Com laço maternal e paternal, ele ama e não mede esforços em vista do bem de suas comunidades amadas.

- d) *Saudações afetuosas às comunidades de Roma*: “Saúdem Prisca e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, que arriscaram a própria cabeça para salvar a minha vida. Não somente eu sou grato a eles, mas também todas as igrejas das nações. Saúdem também a igreja que se reúne na casa deles” (Rm 16,3-5). Nas saudações finais da carta aos Romanos, há recomendações a várias pessoas, homens e mulheres, gregos, romanos e judeus, uma lista de quase trinta pessoas. É notável que as saudações mostrem o amor, o afeto e a familiaridade de Paulo com as pessoas cooperadoras que alimentam a missão, a comunidade e a pastoral.

A partir da leitura dos escritos de Paulo, destaca-se o seu relacionamento afetivo com as comunidades fundadas por ele. As comunidades gálatas não poderiam ser diferentes. Elas cultivaram o relacionamento forte de afeto com Paulo em sua longa permanência por causa de uma doença repulsiva, por ocasião de sua primeira visita. Essas comunidades eram constituídas de pessoas pobres e escravizadas no meio rural, que viviam na marginalização e opressão do mundo escravagista do Império Romano. No entanto, elas eram receptivas e abertas.

Uma prova é a forma como acolheram Paulo, doente e estrangeiro, e se abriram ao ensinamento dele.

Assumido o evangelho de Jesus Cristo crucificado, as comunidades gálatas tinham tudo para ter uma vivência de fraternidade e liberdade, experimentando um novo modo de existir, muito diferente da sociedade escravagista. Entretanto, pouco tempo após a segunda visita de Paulo, os convertidos gálatas deram ouvidos ao grupo judaizante radical, que insistia na observância da Lei – a circuncisão – como caminho de salvação, e entraram em crise, provocada pelo jugo da lei do puro e impuro.

Diante da possibilidade de perder as comunidades amadas, Paulo manifesta sua ansiedade, ternura e afeição com os irmãos gálatas em Gl 4,12-20.

**Comentando o texto:** *Gl 4,12-20 – “Por vocês eu sofro as dores de parto”*

Depois de desenvolver o seu ensinamento com argumentos na doutrina e na Escritura (3,1-4,11), Paulo apela agora para os gálatas com o argumento emocional e afetuoso, que serve para convencer as comunidades a permanecer na fé e no amor de Jesus Cristo crucificado. Porque, desde o princípio, o trabalho missionário de Paulo é moldado e sustentado pelo relacionamento afetuoso e familiar com as comunidades.

O discurso começa assim: “Eu lhes peço, irmãos” (4,12a). Os gálatas são chamados de irmãos por onze vezes na carta aos Gálatas (1,2.11.19; 3,15; 4,12.28.31; 5,11.13; 6,1.18). Conforme Paulo, todos os seguidores e seguidoras são irmãos uns dos outros na fé do primogênito Jesus Cristo, porque Ele morreu e ressuscitou para ser Irmão de todos (cf. Rm 8,29). É a relação de irmandade em Jesus Cristo crucificado, que Paulo também

expressa pelo uso do pronome “vós” (vocês). O pronome é usado catorze vezes em Gl 4,12-20, o que manifesta o afeto de Paulo “convosco”, amados cristãos gálatas.

Com afeto, Paulo pede diretamente aos gálatas que sejam seus imitadores: “Eu lhes peço, irmãos: tornem-se como eu, porque também eu me tornei como vocês” (4,12b). Como Paulo, ex-fariseu, converteu-se e imitou Cristo, eles também não deveriam cair no jugo da Lei, mas continuar a fé no evangelho: “Sejam meus imitadores, como também eu o sou de Cristo” (1Cor 11,1). Ainda mais, Paulo também se tornou como os gálatas, ou seja, respeitou a realidade e a cultura deles, não impondo a cultura dos judeus.

Em seguida, Paulo inocenta a culpa dos gálatas por seus danos próprios e pela crise das comunidades: “A mim, vocês não me fizeram nada de errado” (4,12c). Aliás, ele já apontou a inocência ou ingenuidade dos gálatas no texto anterior: “Ó gálatas sem juízo! Quem foi que os enfeitiçou, a vocês que tinham diante dos olhos os traços bem claros de Jesus Cristo crucificado? São vocês tão sem juízo, que começaram com o Espírito (liberdade) e terminam agora na carne (circuncisão)?” (3,1.3). Os convertidos gálatas foram atraídos pela pregação do grupo judaizante, com a observância da Lei como meio de salvação, e reduzidos de novo à escravidão.

Por isso, Paulo apela para o entusiasmo inicial dos gálatas e insiste na volta a seu “Evangelho” (a verdade do evangelho), que se resume na salvação pela fé no amor gratuito do Jesus Cristo crucificado. Recorda os dias felizes da sua primeira visita, “primeiro namoro” com os gálatas, a partir do evangelho de Jesus Cristo: “E vocês sabem que foi por causa de uma doença física que lhes anunciei o evangelho pela primeira vez” (4,13).

A visita de Paulo foi mais acidental do que planejada, por causa de uma doença que lhe teria causado uma

parada forçada. Teria sido uma doença da visão, epilepsia ou coluna (2Cor 12,7)? Não sabemos. O que sabemos é que o evangelho de Jesus Cristo crucificado chegou pela primeira vez aos gálatas do centro-norte da Ásia Menor, que viviam na realidade sofrida do mundo dominado pelo Império Romano. Nele, o termo “evangelho” estava ligado aos decretos e anúncios do imperador, que propagavam o poder, o domínio e a glória do império.

Na enfermidade de Paulo, porém, foi anunciado um evangelho oposto ao do império, o que causaria o escândalo para os poderosos da época: “Nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para as nações. Pois a loucura de Deus é mais sábia que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens” (1Cor 1,23.25). A cruz parece loucura e sinal de fraqueza. Mas o poder de Deus se manifesta melhor na fraqueza da cruz para salvar os que creem, e não em poderes humanos. Na fraqueza, manifesta-se o amor gratuito de Jesus Cristo crucificado, que supera as barreiras das pessoas.

Foi assim que aconteceu o encontro entre Paulo e os gálatas: “E apesar de minha carne ter sido para vocês uma provação, vocês não me desprezaram nem rejeitaram. Pelo contrário, me receberam como a um anjo de Deus, como a Cristo Jesus” (4,14). A fraqueza da carne com a má aparência era tão repulsiva que os gálatas poderiam ter rejeitado Paulo. O termo “provação” (repugnância ou rejeição) significa literalmente “cuspidor”, um dos gestos supersticiosos por meio dos quais a pessoa acreditava livrar-se de um mau encontro com certos tipos de doentes. O doente era visto como “ferido” por Deus, por isso contagioso, e todos deviam evitá-lo. Como sinal de rejeição, os gálatas poderiam cuspir no chão para “isolar” o espírito ruim da doença de Paulo.

E, para piorar a situação, judeus e não judeus não se relacionavam bem, existindo entre eles preconceitos e rejeição. Para os judeus tradicionais, os não judeus eram considerados impuros, e era necessário que se afastassem deles para manterem-se puros diante de Deus: “Se vocês morreram com Cristo para os elementos do mundo, por que se submetem a normas, como se ainda estivessem sujeitos ao mundo? A normas como: ‘Não pegue, não prove, não toque’” (Cl 2,20). Por outro lado, os gálatas empobrecidos, discriminados por romanos, gregos e judeus na Ásia Menor, poderiam ter rejeitado os judeus, sobretudo quando um deles, como aconteceu com Paulo, se apresentasse doente e fragilizado.

Apesar de tudo isso, os gálatas, vencendo preconceitos humanos e religiosos, acolheram Paulo enfraquecido e desfigurado como a um anjo. Aqui Paulo não foi somente um “anjo vindo do céu” (1,8), no sentido de mensageiro, mas também foi aquele em cuja fraqueza o Cristo Jesus desfigurado e crucificado se revelou vivo: “Trazemos sempre em nosso corpo a agonia de Jesus, para que em nosso corpo também se manifeste a vida de Jesus” (2Cor 4,10).

Acolhendo Jesus Cristo crucificado e seu evangelho com grande entusiasmo, os gálatas haviam experimentado o novo modo de ser e de se relacionar na fraternidade, liberdade e igualdade. A alegria imensa dos convertidos gálatas transparece na memória e no questionamento de Paulo: “Onde foi parar a alegria que tinham? Pois eu sou testemunha disto: se fosse possível, vocês arrancariam os próprios olhos e os dariam a mim” (4,15).

O forte laço com o qual os gálatas tratavam Paulo está expresso na frase “arrancar os próprios olhos”, uma comparação que revela dedicação e amor sem limite. A relação de afeto e de confiança entre Paulo e as comunidades gálatas transparece também na solicitude da coleta

em favor dos cristãos pobres de Jerusalém: “Quanto à coleta em favor dos santos, façam vocês também como eu ordenei às igrejas da Galácia” (1Cor 16,1: cf. Gl 2,10).

Entretanto, o relacionamento de Paulo com os convertidos gálatas entrou em crise. Eles se deixaram envolver por “outro evangelho”, o do grupo judaizante, passando a viver em situação pior do que a anterior, sob o jugo da Lei. Os judaizantes pretendiam impor a circuncisão, a lei da pureza e a cultura dos judeus para alcançar a salvação. Isso significa anular a gratuidade da salvação pela fé e ser inimigo da cruz de Jesus Cristo segundo a “verdade do evangelho” de Paulo (2,14): “Será que me tornei inimigo de vocês, por lhes dizer a verdade?” (4,16).

O verdadeiro evangelho é, antes de tudo, a própria pessoa de Jesus de Nazaré, que pregou e praticou a justiça e deu a sua vida na cruz, por puro amor ao próximo, estabelecendo o projeto da vida em favor de todas as pessoas, quer judeus, quer “gentios” (cf. Rm 1,16-17; 3,21-31). Porém, os convertidos gálatas foram atraídos por outro evangelho: “Fico admirado de que vocês, para seguirem outro evangelho, tenham abandonado tão depressa aquele que os chamou mediante a graça de Cristo. Não existe outro evangelho. No entanto, alguns estão deixando vocês confusos, querendo distorcer o evangelho de Cristo” (1,6-7).

Quem estava distorcendo a verdade do evangelho e provocando a crise era o grupo judaizante, com a imposição da lei da pureza. Quanto ao interesse do grupo, Paulo afirma: “Aqueles demonstram interesse por vocês, mas a intenção deles não é boa. Querem separá-los de mim, para que vocês se interessem por eles” (4,17). Os judaizantes, que pervertem o evangelho de Jesus Cristo crucificado, só procuram a própria glória: “Eles querem que vocês se façam circuncidar, para assim se vangloriem da carne de vocês” (6,13).



Paulo lamenta por sua ausência na crise das comunidades gálatas e, ao mesmo tempo, exorta: “É bom interessar-se sempre pelo bem, e não somente quando estou aí com vocês” (4,18). Indiretamente, ele afirma que os adversários judaizantes não estavam orientando a prática do bem por não seguir a “verdade do evangelho” (2,5.9). Era necessário que os convertidos gálatas retomassem o ensinamento dado em suas visitas anteriores.

Por isso, Paulo deseja e manifesta: “Meus filhos, por vocês eu sofro de novo as dores de parto, até que Cristo se forme em vocês” (4,19). Ele se compara a uma mãe em dores de parto para de novo gerar as comunidades gálatas (cf. 1Cor 4,15; Fm 10). Sofre até que o evangelho de Jesus Cristo crucificado novamente cresça e se fortaleça nas comunidades pela prática do bem (3,1-5).

Por fim, Paulo manifesta de novo seu afeto e preocupação com os convertidos gálatas: “Eu gostaria de estar aí com vocês agora, e mudar o meu tom de voz, porque não sei o que fazer em relação a vocês” (4,20). Sem dúvida, a carta não substitui a visita e a convivência diária na qual acontece o diálogo franco com afeto e ternura. Só com a comunicação da carta, Paulo não consegue mediar a reação de seus fiéis. Agora, se estivesse pessoalmente, ele mudaria o tom de voz, ou seja, seu jeito de se expressar e de argumentar. Paulo continuava acreditando na força do laço humano, assim continuou escrevendo os próximos versículos com os temas de liberdade e caridade cristã (5,1-6,10).

**Aprofundando:** *O que orienta e impulsiona Paulo em sua missão?*

Paulo resume, em uma frase, seu sofrimento com a crise das comunidades gálatas: “Meus filhos, por vocês

eu sofro de novo as dores de parto, até que Cristo se forme em vocês” (4,19). A preocupação com os convertidos gálatas é um dos traumas incessantes, provocados pela pregação do evangelho de Jesus Cristo crucificado. Ao longo de sua vida missionária e pastoral, ele vive sucessivos sofrimentos: “Com fadigas e duros trabalhos, quantas noites sem dormir, com fome e sede! Quantos jejuns, com frio e sem roupa! E, além de tudo, minha preocupação cotidiana, o cuidado que tenho por todas as igrejas! Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraquejar? Quem tropeça, sem que eu também me sinta arder?” (2Cor 11,27-29).

Paulo vive sofrendo constantemente com privações, lutas incessantes, preocupações, oposições etc. Pergunta-se então: o que orienta e impulsiona Paulo nesse trabalho sofrido de evangelização? Quais convicções levam um ex-fariseu a tornar-se o incansável viajante e propagandista do evangelho de Jesus Cristo, nas sinagogas, nas comunidades, nas ruas, nas praças, nos cais dos portos, onde quer que encontre pessoas?

- a) *Pregar e praticar o evangelho de Jesus Cristo crucificado*: O verdadeiro evangelho é a própria pessoa de Jesus de Nazaré, que pregou e praticou a justiça e deu a sua vida na cruz, por puro amor ao próximo (1,3-5; cf. Rm 5,8). A fé na cruz de Jesus é fonte de liberdade, de irmandade, de vida, porque foi na cruz de Jesus de Nazaré que Deus Pai manifestou sua graça e seu amor primeiro e gratuito. Ser cristão, por isso, é viver no amor de Jesus Cristo crucificado, e não na escravidão da Lei. Basear a vida em regras ou na observância da Lei que obriga Deus a retribuir aos “justos” seria a negação da graça de Deus, dada na cruz de Jesus (2,21).

- b) *Ser herdeiro da promessa de Abraão pela fé em Jesus Cristo crucificado* (3,6-18): O fato de Jesus Cristo, que conviveu com os pecadores e morreu na cruz por amor ao próximo, ser reconhecido como o Messias sofredor e o Filho de Deus (4,4) é a mensagem essencial de que o Deus da promessa a Abraão (Gn 15,4-8; 18,17-18) não é um Deus que reconhece a pessoa em virtude das obras da Lei, mas de sua prática do amor ao próximo. A fé no Messias sofredor abre a salvação a todos os povos, sem o pré-requisito do cumprimento da Lei, como a circuncisão e as leis alimentares (2,11-14).
- c) *Ter liberdade em Jesus Cristo crucificado* (5,1): No Espírito (o poder do amor gratuito) de Jesus Cristo, a pessoa fica liberta de qualquer lei e de qualquer diferença que possa privilegiar a uns e marginalizar a outros. Isso significa ser livre do jugo da lei e da escravização do mundo, rompendo qualquer tipo de ritualismo e espiritualidade legalista, superando as barreiras socioeconômicas, toda forma de desigualdade e segregação ética, de gênero e sexual, religiosa e cultural (3,28).
- d) *Viver segundo o Espírito*: Quem caminha na fé e no amor de Jesus Cristo crucificado é acompanhado pela força criadora, profética, sapiencial e libertadora do Espírito para viver do modo como Jesus viveu: na liberdade, na justiça e no amor, criando irmandade, paz e esperança (5,5).
- e) *Carregar o peso uns dos outros*: Nas comunidades gálatas, alguns membros, movidos pelo espírito da helenização, radicalizaram a liberdade e a transformaram em libertinagem carnal (instinto egoísta) e injustiça social. Diante da crise,

Paulo insiste: a verdadeira liberdade cristã é o fruto do Espírito de Deus, que leva à vida de caridade, justiça e fraternidade, sobretudo ao amor pelos outros (5,13-6,10).

- f) *Evangelizar a partir da realidade*: “Eu lhes peço, irmãos: tornem-se como eu, porque também eu me tornei como vocês” (4,12). Ao contrário do grupo judaizante, Paulo considerou e respeitou os anseios do povo sofrido e escravizado pela liberdade e igualdade, formando comunidades de fraternidade sem a imposição das leis e costumes judaicos.
- g) *Evangelizar junto com os pobres*: “Apenas recomendaram que nos lembrássemos dos pobres, o que, aliás, eu mesmo propusera fazer com todo o cuidado” (2,10). Paulo evangelizou as nações, colocando-se ao lado dos pobres, mergulhando no mundo deles, carregando os fardos do trabalho (6,2), organizando comunidades de partilha e de fraternidade junto com os pobres.
- h) *Carregar as marcas de Jesus*: “Quanto a mim, que eu nunca me vanglorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo. Por meio dele, o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo. Porque trago em meu corpo as marcas de Jesus” (6,14.17). Os cristãos devem carregar as marcas de Jesus, que significam as cicatrizes dos maus-tratos sofridos e suportados por Jesus de Nazaré (cf. 2Cor 4,10). Quem assumir o evangelho de Jesus Cristo crucificado, seu amor gratuito e o espírito da liberdade será perseguido e maltratado no mundo do legalismo judaico e da escravidão do império. As pessoas que seguem Jesus, porém, mesmo perseguidas, devem gloriar-se na cruz de Jesus Cristo, porque é dela que nasce

“o poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Cor 1,24) para construir o mundo da partilha e da fraternidade: o Reino antecipado de Deus.

Essas são algumas das principais convicções que orientam e animam Paulo em sua missão, as certezas que podem ser encontradas ao longo da carta aos Gálatas. Essas convicções amadureceram a partir do próprio trabalho missionário e pastoral, guiado pela reflexão sobre as palavras, ações e vida de Jesus à luz da Escritura, mas também a partir da realidade do povo que sofre, dos empobrecidos, marginalizados e escravizados, como os gálatas.

É preciso confirmar mais uma vez que Paulo crê e tem a convicção de ver na cruz a exaltação de Jesus como o servo sofredor de Javé e o caminho da salvação. Jesus de Nazaré é o Messias e Filho de Deus por ter testemunhado o amor gratuito de Deus até o fim, até a cruz: “Estou crucificado com Cristo. E já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim” (2,19-20; cf. 1Ts 5,9-10; 1Cor 2,2).

No contexto do imperialismo romano e da religião legalista e ritualista do judaísmo oficial, Paulo pregou Jesus crucificado e ressuscitado e ousou caminhar contra a corrente e com a proposta do amor gratuito e da justiça do “Servo sofredor”. Quase dois mil anos se passaram, mas o imperialismo continua encarnando em muitas “feras”, devorando pessoas inocentes pelas guerras, ditaduras brutais, trabalho escravo, economia selvagem, fome, violências. Até as igrejas, com seu Cristo triunfalista, legalista e ritualista, tornam-se lugares de conservar, justificar e reproduzir as feras do presente.



## QUARTO ENCONTRO



**TEMA:** O viver em Cristo nos torna livres.

**PERSONAGENS:** Paulo e os irmãos gálatas.

**TEXTO:** Gl 5,1-12

**PALAVRAS-CHAVE:** liberdade, escravidão, circuncisão, Lei, Espírito, fé, cruz.

**PERSPECTIVA:** Rever a vida cristã e compreender que o ritualismo e a estrita observância da Lei nos afastam do seguimento de Jesus Cristo e do projeto do Reino de Deus.

*Em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor algum, e sim a fé que age através do amor (5,6).*

## 1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, vaso de flor, uma cartolina ou papel *kraft*.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

## 2. Acolhida

**Dirigente:** Iniciemos nosso encontro pedindo que Jesus Cristo nos ajude a compreender o que significa viver “uma fé que age no amor”. Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo.

**Todas(os):** Amém.

**Dirigente:** A oração a partir da carta de Paulo às comunidades da Galácia nos tem ajudado a compreender que o projeto cristão exige compromisso amoroso com a vida das pessoas que estão ao nosso redor. A pessoa cristã é chamada a viver e conduzir a sua vida no amor e na liberdade. Na reunião anterior, tivemos como gesto concreto refazer nossas relações. Alguém tem alguma experiência para comunicar?

*Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto apropriado.*

**Dirigente:** Viver em Cristo é deixar que o Espírito nos conduza, tendo como princípio fundamental o amor e a liberdade. Vamos ler, em voz alta, o tema de hoje: *O viver em Cristo nos torna livres.*

## 3. Motivando a conversa

**Leitora ou leitor 1:** O evangelho de Marcos apresenta uma narrativa que nos ajudará a compreender o que significa viver segundo a Lei. Ouçamos o texto: “Quando



Jesus estava saindo para seguir caminho, alguém correu, ajoelhou-se diante dele e perguntou: ‘Bom mestre, o que devo fazer para ter em herança a vida eterna?’ Jesus lhe respondeu: ‘Por que você me chama de bom? Ninguém é bom, a não ser só um: Deus. Você conhece os mandamentos: Não mate, não cometa adultério, não roube, não levante falso testemunho, não engane a ninguém, honre seu pai e sua mãe’. Ele então lhe disse: ‘Mestre, eu tenho observado todas essas coisas desde a minha juventude’. E Jesus, olhando para ele, o amou e lhe disse: ‘Só uma coisa lhe falta: Vá, venda tudo o que você tem e dê aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois, venha e me siga’. Mas ele, espantado com essas palavras, foi embora triste, porque tinha muitos bens” (Mc 10,17-22).

**Dirigente:** O homem da história não é uma pessoa ruim, ele se esforça para seguir tudo o que a Lei prescreve. O problema é que ele está fechado em seu próprio eu, baseando-se na observância da Lei e em sua autossuficiência. Ele não se abre ao Espírito, princípio ativo da força libertadora de Deus, que supera as barreiras étnicas e sociais. Como nós nos sentimos em nossa vivência cristã? Nós somos capazes de abrir espaço para o Espírito de Deus agir em nós ou nos apegamos demasiadamente às regras e normas e às comodidades de nossa situação?

*Após uma breve conversa, encerrar este momento cantando.*

**Sugestão:** *Os cristãos tinham tudo em comum, dividiam seus bens com alegria. Deus espera que os dons de cada um se repartam com o amor no dia a dia.*

#### **4. Situando o texto**

**Leitora ou leitor 2:** No Antigo Testamento, o Espírito (vento) é o poder libertador de Deus, associado

à criação, à profecia, à sabedoria e à vida. No pensamento paulino, quem caminha na fé e no amor de Jesus Cristo crucificado é acompanhado pela força criadora, profética, sapiencial e libertadora do Espírito para viver na liberdade, na justiça e no amor, conforme Jesus viveu (5,1-12). Ao aceitar a fé em Jesus Cristo, os gálatas receberam o Espírito de Deus, formando comunidades pautadas pelo amor e pela liberdade em meio à escravidão do Império Romano. Foi por isso que Paulo ficou indignado com a crise das comunidades gálatas, nas quais alguns membros estavam caindo em outra escravidão: o jugo da Lei. Eles estavam assumindo uma prática legalista, cuja marca é o fechamento da pessoa em si mesma, tornando-se insensível à realidade. Paulo discute e reitera em Gl 5,1-12 que a vida cristã deve ser movida pelo Espírito de Jesus Cristo crucificado para caminhar na liberdade, na igualdade e na fraternidade.

## 5. Leitura do texto

**Dirigente:** Vamos acolher a Palavra de Deus e pedir que ela nos ajude a viver a vida segundo o Espírito.

*Sugestão de canto: **Pela Palavra de Deus saberemos por onde andar. Ela é luz e verdade: precisamos acreditar. Cristo me chama, ele é Pastor, sabe meu nome: fala, Senhor!***

**Leitora ou leitor 3:** Ler Gl 5,1-12.

**Dirigente:** *Para conversar*

- a) Por que a circuncisão invalida a cruz de Cristo?
- b) Quais as consequências de uma vida em Cristo?
- c) Por que Paulo é perseguido?

## 6. Iluminando a vida

**Leitora ou leitor 4:** Em Cristo, somos chamadas(os) a viver na liberdade, no amor e na igualdade. Não é o cumprimento de normas e ritos que nos salva, mas uma fé que se manifesta em gestos de amor e doação. O amor e a compaixão nos impulsionam para a prática do bem. É importante que estejamos atentas(os) aos apelos do Espírito para vivermos o seguimento de Jesus Cristo crucificado.

- a) De que forma a nossa realidade familiar, social e religiosa nos impede de romper o legalismo religioso?
- b) Como nós e nossas comunidades vivemos uma “fé que age pelo amor”?
- c) Como as recomendações de Paulo podem iluminar a caminhada das nossas comunidades?

## 7. Celebrando a vida

**Dirigente:** A imagem da cruz nos lembra da fidelidade de Jesus Cristo, que assumiu a causa da justiça até o fim. Seguir Jesus Cristo crucificado é assumir o serviço da justiça no amor e no compromisso com a defesa da vida ameaçada. Ser cristã ou cristão é atualizar a vida e a prática de Jesus para a nossa realidade. Cada pessoa poderá escrever na cartolina (ou no papel *kraft*), em uma palavra, o que nos impede de viver a vida cristã.

*Tempo para escrever.*

**Dirigente:** Peçamos ao Espírito, a força libertadora de Deus presente em toda a história, que Ele nos ajude a nos libertarmos dessas atitudes que nos impedem de

ter uma verdadeira vida cristã. Rezemos a oração que o próprio Cristo nos ensinou.

**Todas(os):** *Pai nosso...*

## **8. Preparar o próximo encontro**

**Dirigente:** Para a próxima reunião, ler Gl 5,13-6,10, e quem puder leia as orientações para a preparação do quinto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

*Dentro das possibilidades de cada uma e cada um, trazer um prato ou uma bebida para lanche comunitário do nosso último encontro.*

## **9. Gesto concreto**

Como grupo ou comunidade, fazer uma pequena partilha para comprar alimentos a alguém da comunidade ou do bairro que esteja vivendo em situação de grande necessidade.

## **10. Bênção final**

**Dirigente:** Peçamos que Deus nos abençoe e nos indique o caminho para vivermos uma vida segundo o Espírito. Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com nosso espírito.

**Todas(os):** Amém.

## **Orientações para o quarto encontro**

**Situando o texto:** *O Espírito de Deus*

Ensina-me a fazer a tua vontade, pois tu és o meu Deus. Teu bom espírito me guie por terra plaina.

Javé, por causa do teu nome, conserva-me a vida. Por tua justiça, tira-me da aflição. Por teu amor, emudece meus inimigos, e aniquila todos os agressores da minha vida, porque sou teu servo! (Sl 143,10-12).

A palavra “Espírito”, *ruah*, em hebraico, aparece cerca de 378 vezes no Antigo Testamento. O sentido original de *ruah* é “vento”, “sopro”, “espírito” ou “vida”. Na antiga concepção do povo judeu, era impossível descobrir de onde o vento vinha e para onde ia. Ele vinha dos quatro cantos do céu e tinha a força divina dinâmica de renovar a terra. Era considerado a força libertadora de Deus que se movia e fazia as coisas se movimentarem a serviço da vida.

Em todas as etapas da história do povo de Deus registrada na Escritura, observamos o Espírito de Deus se movendo e colocando o mundo em um movimento criador, profético, sapiencial, para que houvesse a vida em plenitude:

- a) “Porque reta é a palavra de Javé, e todas as suas obras são verdadeiras. Ele ama a justiça e o direito, e a bondade de Javé transborda em toda a terra. Foi pela palavra de Javé que os céus foram feitos, e todo o exército dos céus pelo sopro (espírito) de sua boca. Ele reúne como em represa as águas do mar, em reservatórios os oceanos” (Sl 33,4-7). O salmo 33 apresenta Deus como Criador e Senhor da história. Com o poder do seu espírito (palavra), Deus desejava que os seres humanos construíssem um mundo de justiça e direito e experimentassem o seu amor.
- b) “O espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa

notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros, para proclamar o ano da graça de Javé” (Is 61,1-2). Em todos os tempos, o espírito profético é a força que inspira a libertação dos pobres e oprimidos. Na realidade injusta e desumana, a missão dos profetas e profetisas de ontem e hoje, equipados com o poder do espírito (cf. Is 48,16; Mq 3,8), é anunciar a boa notícia e promover o movimento em prol da libertação e da esperança do povo desamparado.

- c) “Porque a Sabedoria não entra na alma que pratica o mal, nem habita em corpo que se dedica ao pecado; o espírito santo educador foge da fraude e se afasta dos pensamentos sem sentidos, e é rejeitado quando chega a injustiça” (Sb 1,4-5). O termo “espírito”, em grego, *pneuma*, no livro da Sabedoria, não perdeu seu sentido original do hebraico *ruah* – sopro, vento, espírito –, que é a força e a Sabedoria de Deus. Ele, como educador, redentor e santo de Israel, cria, anima, discerne e orienta o povo para formar um mundo de justiça e liberdade (cf. Sb 1,6-15).

A associação do Espírito, o vento de Deus, com a criação, a profecia e a sabedoria transparece também nas palavras de Paulo, um judeu e bom conhecedor da Escritura:

- a) “Vocês, porém, não estão na carne, mas no Espírito, desde o momento em que o Espírito de Deus mora em vocês. E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos mora em vocês, ele que ressuscitou Cristo dos mortos dará a vida também aos corpos mortais de vocês,

por meio do Espírito dele que habita em vocês” (Rm 8,9.11). O Espírito de Deus, compreendido como força criadora, vivificante e libertadora, foi transferido a Jesus Cristo ressuscitado, que criou a comunidade (nova criatura) e nela atuou. Graças à vida no Espírito, a comunidade cristã vivia na graça (liberdade e amor), e não na “carne” (instinto egoísta).

- b) “Não apaguem o Espírito. Não desprezem as profecias. Examinem tudo e fiquem com o que é bom. Estejam longe de qualquer tipo de mal” (1Ts 5,19-22). É um apelo a deixar que o Espírito de Jesus Cristo anime e fortaleça a caminhada cotidiana das comunidades, sobretudo a missão profética, com o espírito crítico para evitar o mal.
- c) “E nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para assim reconhecermos as coisas que Deus gratuitamente nos concedeu. Dessas coisas não falamos usando a linguagem ensinada pela sabedoria humana, mas usando a linguagem que o Espírito ensina” (1Cor 2,12-13). Quem aceitava e praticava a fé no amor de Jesus Cristo crucificado era conduzido pela verdadeira sabedoria do Deus do amor e da justiça, e não pela sabedoria humana que tinha se colocado no lugar de Deus e só confiava em seu próprio poder: “Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois a loucura de Deus é mais sábia que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens” (1Cor 1,24-25).

O conceito paulino do Espírito estava enraizado na Escritura. Ao mesmo tempo, a experiência de Paulo junto com suas comunidades desempenhou um importante papel em seu modo de pensar e desenvolver o conceito

do Espírito de Deus, cuja força vital e criadora tinha se manifestado em Jesus Cristo e por ele, na prática da liberdade e da irmandade da comunidade como o corpo do Senhor Jesus: “De fato, assim como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, são um só corpo, assim também Cristo. Todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo” (1Cor 12,12-13).

É por isso que a reação de Paulo é de indignação diante da crise das comunidades gálatas, que estavam caindo de novo na escravidão: “São vocês tão sem juízo, que começaram com o Espírito e terminam agora na carne? Foi em vão que vocês experimentam coisas tão grandes? Se é que foi em vão! Ora, aquele que lhes dá o Espírito e opera prodígios em vocês, é pelas obras da Lei que o faz, ou pela aceitação da fé?” (3,3-5).

Pela fé em Jesus Cristo crucificado e seu espírito de amor gratuito, os gálatas começaram a fazer parte do povo de Deus, sem ter que passar pela circuncisão e pela observância da lei do puro e do impuro, que provocavam discriminação, exclusão e injustiça. É o perigo das obras da Lei que Paulo menciona várias vezes: “É graças a Cristo que temos esta confiança em Deus. Não que nos julguemos capazes de pensar alguma coisa a respeito de nós mesmos, pois nossa capacidade provém de Deus. Foi ele que nos tornou capazes de ser ministros de uma aliança nova, não da letra, mas do Espírito. Com efeito, a letra mata, mas o Espírito é que dá vida” (2Cor 3,4-6).

A discussão girava em torno dos dois caminhos da vida cristã: a obra da Lei (circuncisão) e a obra da fé no amor gratuito. Após longa argumentação contra a escravidão da Lei (3,1-4,31), Paulo reiterou em Gl 5,1-12 que a vida cristã devia ser movida pelo Espírito de Jesus Cristo crucificado e caminhar na igualdade e liberdade.



**Comentando o texto:** *Gl 5,1-12 – Liberdade no Espírito de Cristo*

Acreditando em Jesus Cristo crucificado e fazendo-se batizar, os gálatas receberam o Espírito, a força de Deus, que se manifestou no amor gratuito da cruz de Jesus de Nazaré (2,20). Com o Espírito, eles haviam formado as comunidades no amor, na liberdade e na irmandade. Entretanto, Paulo lamentava o fato de alguns membros das comunidades tão cedo esquecerem o verdadeiro evangelho, cedendo à lei da circuncisão, tornando-se escravos da Lei e provocando discórdia, desunião e crise nas comunidades (4,12-20).

Indignando-se contra os que se desviaram do caminho do Espírito de Jesus, Paulo retomou e aprofundou o evangelho de Jesus Cristo crucificado: “É para a liberdade que Cristo nos libertou. Fiquem firmes, portanto, e não se deixem prender de novo ao jugo da escravidão” (5,1). A liberdade obtida pelo Espírito do Senhor Jesus se opunha ao jugo da Lei e rejeitava toda forma de escravidão pessoal e social. Por isso, as comunidades precisavam ser firmes e vigilantes, a fim de manter a liberdade e nela crescer, para não se tornarem escravas da lei da pureza, a fonte de discriminação e exclusão.

Com sua experiência e autoridade, Paulo então fortemente insistiu: “Eis que eu, Paulo, lhes digo: Se vocês se fazem circuncidar, Cristo de nada lhes adiantará. Insisto de novo a todo homem que se faz circuncidar: Ele é obrigado a observar a Lei toda” (5,2-3) A vida em Cristo era suficiente para tornar as pessoas salvas e livres dos males. A salvação que vinha da fé na gratuidade do amor de Jesus Cristo não considerava os méritos da observância da Lei. Porém, o grupo judaizante afirmava o contrário: era preciso submeter-se à circuncisão e às outras normas judaicas para conseguir a salvação,

invalidando assim a gratuidade do amor de Cristo: “Vocês que buscam a justiça na Lei romperam com Cristo e caíram para fora da graça” (5,4).

Nas comunidades gálatas, havia quem pretendia impor aos membros a canga da escravidão. E, o que era mais grave, fazia isso em nome do evangelho de Jesus Cristo. Foi por isso que Paulo não se conteve, combateu o grupo judaizante e esforçou-se em explicar e argumentar o que era a verdadeira vida cristã; enfim, ele definiu a base da vida cristã de maneira bem sucinta e precisa:

Nós, com efeito, aguardamos ansiosamente no Espírito a esperança daquela justiça que vem da fé. Pois, em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor algum, e sim a fé que age através do amor (5,5-6).

A pessoa que queria seguir o evangelho de Jesus Cristo crucificado devia acolher a ação do Espírito da gratuidade e da liberdade e viver a esperança da justiça que vinha da fé, vivendo a graça e o amor de Deus, manifestados na cruz de Jesus Cristo. Fé, amor, esperança eram os fundamentos da vivência cristã: “Sem cessar, lembramos a obra da fé, o esforço do amor e a constância da esperança que vocês têm no Senhor nosso Jesus Cristo, diante de Deus nosso Pai” (1Ts 1,2-3; cf. 1Cor 13,13).

A fé movida pelo Espírito deve ser ativa e traduzida na prática do amor gratuito da cruz de Jesus Cristo, o que implica o esforço de formar as comunidades na liberdade e na irmandade. Nelas, alimentava-se a esperança pela vida nova do Reino de Deus. A fé, então, devia ser a resposta ativa de amor ao amor de Jesus, que concretizou a graça e a justiça do Reino de Deus. Essa dinâmica eliminou o argumento básico do grupo judaizante de que a pessoa se salvaria mediante suas forças

ao observar a Lei. Ou seja, “em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor algum”, reiterou Paulo.

Os gálatas, escravizados pelos deuses dos poderosos, acolheram com grande entusiasmo a fé no amor de Jesus e seu Espírito, pois o evangelho anunciado por Paulo foi recebido como sonho de liberdade, irmandade e vida, havia tanto tempo esperado. Algum tempo depois, contudo, as coisas tomaram um rumo oposto e, no dizer da carta, as comunidades gálatas estavam caindo agora em outra escravidão: o jugo da Lei. O próprio Paulo recordou a mudança e a crise dos gálatas cristãos: “Antes, quando vocês não conheciam a Deus, eram escravos de deuses que na realidade não eram deuses. Mas agora que vocês conhecem a Deus, ou melhor, que são conhecidos por Deus, como podem vocês voltar a esses elementos fracos e miseráveis?” (4,8-9).

O grupo judaizante afirmava que os gálatas, para serem seguidores de Jesus Cristo, deviam em primeiro lugar circuncidar-se, assumindo a Lei, com o enorme aparato de prescrição referente ao puro e impuro: a escravidão da Lei. Diante da situação dos “fracos e miseráveis” sob o jugo da Lei, a reação de Paulo é de indignação: “Vocês corriam bem. Quem foi que pôs obstáculo, impedindo-os de obedecer à verdade? Quem os convenceu a mudar de atitude não foi aquele que chama vocês. Um pouco de fermento faz fermentar a massa toda” (5,7-9).

A última frase é um refrão judaico (cf. 1Cor 5,6) que indicava a presença de um pequeno grupo de agitadores judaizantes, capaz de corromper toda a comunidade pela imposição da Lei. Eles estavam desviando os convertidos gálatas da verdade do evangelho de Jesus Cristo crucificado (2,14) – a salvação pela fé no amor gratuito –, que deveria permanecer entre os gálatas cristãos

(2,5). Estavam atrapalhando a boa corrida dos corredores cristãos (5,7; cf. 1Cor 9,24-26), que buscavam seguir o impulso do Espírito de Cristo e formar comunidades que vivem a liberdade e a irmandade.

É por isso que Paulo condenou os agitadores judaizantes: “Eu confio no Senhor que vocês não pensarão diferente de mim. Mas quem os perturba sofrerá a condenação, seja quem for” (5,10). A condenação aumentou ainda mais pela falsa acusação dos adversários, porque eles afirmavam que o próprio Paulo tinha admitido a validade da circuncisão por conveniência: “Para os judeus, eu me fiz judeu, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão sujeitos à Lei, ainda que eu não esteja sujeito à Lei, eu me fiz como se estivesse sujeito à Lei, a fim de ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei” (1Cor 9,20).

Paulo responde com uma pergunta retórica: “Quanto a mim, irmãos, se eu ainda pregasse a circuncisão, por que sou ainda perseguido? Nesse caso, o escândalo da cruz estaria eliminado” (5,11). No meio dos judeus, que viviam segundo a cultura judaica e sua Lei, Paulo era visto como cumpridor da Lei. Diante dos não judeus, que não seguiam a Lei judaica, ele, contudo, não pregava nem impunha essa Lei. O fato de Paulo ser perseguido pelos judeus era uma demonstração de que ele não pregava a circuncisão, mas anunciava Jesus Cristo crucificado: “Os judeus pedem sinais e os gregos buscam sabedoria, ao passo que nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para as nações” (1Cor 1,22-23).

Consciente de que o grupo de agitadores judaizantes estava levando as comunidades ao jugo da Lei, Paulo chegou a dizer: “Que se mutilem de uma vez aqueles que estão perturbando vocês!” (5,12). Uma expressão forte! Segundo os estudiosos, o ritual de mutilação (castração) dos sacerdotes (eunucos), no culto a Cibele (Mãe dos

deuses) e Átis (seu filho e amante), da região centro-oeste da antiga Ásia Menor, era bem conhecido pelos gálatas. E também era conhecido que os castrados eram excluídos da assembleia segundo a Lei (cf. Dt 23,2).

Paulo estava condenando os agitadores judaizantes como sacerdotes castrados que procuravam alienar os gálatas em favor dos poderosos e seus deuses. O grupo judaizante, que pretendia impor aos gálatas a circuncisão e o cumprimento da Lei, estava anulando tudo o que Jesus tinha feito com sua vida; por isso, eles precisavam ser combatidos e “excluídos” das comunidades.

### **Aprofundando:** *O Espírito de Deus no Novo Testamento*

A palavra “espírito” (*pneuma*) no Novo Testamento carrega o mesmo sentido e uso da palavra hebraica *ruah*, que traduz vento, sopro, espírito etc. Com o sentido original da palavra *ruah*, os escritores do Novo Testamento desenvolvem, no tempo pós-pascal, o significado e uso do termo Espírito para descrever a vida de Jesus de Nazaré, com o amadurecimento da fé nele como Messias e Filho de Deus.

O Espírito como força de Deus aparece em principais momentos da caminhada de Jesus de Nazaré, com ênfase diferente segundo o contexto e a reflexão teológica e catequética de cada comunidade:

- a) *Nascimento*: “O nascimento de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, estava comprometida em casamento com José. Antes de viverem juntos, ela encontrou-se grávida, por obra do Espírito Santo” (Mt 1,18). Na narrativa do nascimento, própria da comunidade de Mateus, a concepção de Jesus é atribuída ao Espírito Santo. Isso é uma afirmação de que a sua vinda é obra do

poder misterioso e criador do sopro (espírito) de Javé (cf. Gn 2,7; Sl 33,6). Jesus é fruto do Espírito, o princípio da vida e da atividade salvífica de Deus (cf. Is 42,1-5).

- b) *Batismo*: “Nesses dias, Jesus chegou de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no Jordão. Enquanto subia da água, viu os céus se rasgando e o Espírito descendo sobre ele como uma pomba. E uma voz veio do céu: ‘Tu és o meu Filho amado. Em ti eu me agrado’” (Mc 1,9-11; cf. Mt 3,13-17; Lc 3,21-22). Com a descida do Espírito, a comunidade de Marcos apresenta Jesus, desde seu batismo, solenemente estabelecido como Messias e Filho de Deus, segundo o anúncio do profeta (cf. Is 61,1).
- c) *Missão*: “Foi-lhe dado o livro do profeta Isaías. Abrindo o rolo, ele encontrou o lugar onde está escrito: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para anunciar a Boa Notícia aos pobres. Enviou-me para anunciar a libertação aos presos e a recuperação da vista aos cegos, para dar a liberdade aos oprimidos, e para anunciar o ano da graça do Senhor’” (Lc 4,17-19). A comunidade de Lucas apresenta o programa de toda a atividade de Jesus, ungido e movido pelo Espírito: a missão libertadora dos pobres e oprimidos. Sua missão não devia ser restrita ao povo judeu, mas estendida também aos não judeus, conforme o contexto da comunidade lucana (cf. Lc 4,20-30).
- d) *Morte*: “O véu do Santuário se rasgou ao meio, e Jesus deu um forte grito: ‘Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito’. Dizendo isso, expirou” (Lc 23,45-46). A comunidade lucana descreve a morte de Jesus como a do justo conforme

o Sl 31,6: sua morte é consequência da missão libertadora dos oprimidos, provocando a violência dos poderosos, cuja autoridade é representada pelo véu do Santuário do Templo.

- e) *Missão permanente*: “Jesus se aproximou e lhes disse: ‘Toda a autoridade me foi dada no céu e sobre a terra. Vão, portanto, e façam que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo o que lhes ordenei. Eis que estou com vocês todos os dias, até o fim dos tempos’” (Mt 28,18-20). A comunidade de Mateus garante a presença permanente de Jesus Salvador na vida e missão da comunidade, para semear a Boa Notícia e realizar a obra salvífica que procede do amor do Pai e se completa pela efusão do Espírito com caráter pessoal (personalização), semelhante ao “Paráclito” da comunidade joanina.

O Espírito, o poder de Deus, também se move na vida dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo. Além das cartas paulinas, eis aqui alguns exemplos do uso do termo “Espírito”, a força salvífica, que se manifesta e opera na vida da comunidade cristã:

- a) *O Espírito de Jesus*: “Os que estavam reunidos perguntaram então a Jesus: ‘Senhor, é agora que vais restabelecer a realeza para Israel?’ Jesus respondeu: ‘Não cabe a vocês conhecer os tempos e circunstâncias que o Pai definiu com sua própria autoridade. Mas vão receber a força do Espírito Santo que descera sobre vocês. E serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os extremos da terra’” (At 1,6-8). O mesmo Espírito que guia toda a missão

profética de Jesus descera sobre os seguidores e as seguidoras e os transformará em testemunhas do evangelho do seu Mestre a todos os povos. Por isso, o Reino será realizado através da prática cotidiana dos que se deixam guiar pelo Espírito de profecia, sabedoria e vida (cf. At 2,18; 6,3-5).

- b) *Paráclito*: “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. Então eu pedirei ao Pai, e ele dará a vocês outro Advogado (Paráclito), que esteja com vocês para sempre. É o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê, nem o conhece. Vocês o conhecem, porque ele permanece com vocês, e estará em vocês” (Jo 14,15-17). Em Jo 13-17, o livro da comunidade, o Paráclito significa advogado, intercessor, consolador, o mestre que mantém presente a memória da obra e do ensinamento de Jesus (cf. Jo 14,26) e ajuda a discernir a verdade e a vontade do Pai para continuar a caminhada de libertação, sobretudo contra os poderes do mundo (cf. Jo 16,4b-15).
- c) *Força, amor e sobriedade*: “Pois Deus não nos deu um espírito de covardia, mas de força, amor e sobriedade. Portanto, não se envergonhe de dar testemunho de nosso Senhor, nem de mim, prisioneiro dele. Ao contrário, com a força de Deus, sofra comigo pelo evangelho” (2Tm 1,7-8). O Espírito é um princípio de força, de amor e de sobriedade: é o Espírito que habita em nós (2Tm 1,14) e cria persistência (ânimo) e esperança para anunciar e viver o evangelho de Jesus: “O Senhor esteja com seu espírito. A graça esteja com vocês” (2Tm 4,22).
- d) *Discernimento dos espíritos*: “Amados, não acreditem em todos os que dizem ter o Espírito.



Ao contrário, examinem os espíritos, para ver se vêm de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora. É assim que vocês saberão se alguém tem o Espírito de Deus: Quem reconhece que Jesus Cristo veio na carne, esse vem da parte de Deus. E todo aquele que não reconhece a Jesus, não vem de Deus. Esse é o espírito do Anticristo” (1Jo 4,1-3). É ponto crucial reconhecer Jesus Cristo como o Filho de Deus encarnado no meio da humanidade, para distinguir quem tem o Espírito de Deus. Os Anticristos são os que dizem ter o Espírito de Deus, mas não amam seus irmãos porque negam Jesus Cristo vindo na carne para praticar a justiça, o amor e promover a vida.

Resumindo, o Espírito é um agente divino dinâmico que se derrama, anima as pessoas que traduzem a fé de Jesus Cristo encarnado em obras de amor ao próximo, para formar a irmandade e a fraternidade, e caminha com elas. É o poder do amor de Jesus Cristo morto e ressuscitado que age em nós e suscita a esperança para assegurar a caminhada rumo ao Reino da Vida: “A esperança não decepciona, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. De fato, quando ainda éramos fracos, Cristo, no tempo marcado, morreu pelos ímpios” (Rm 5,5-6).

É o Espírito que inunda os corações com o amor de Deus, é a força pela qual Jesus Cristo transforma seus fiéis, os faz participarem da sua própria vida: a missão libertadora dos pobres e oprimidos. Tomara que os homens e as mulheres animados pelo Espírito, o vento dinamizador, se movam e façam as coisas se movimentarem em prol da vida, no mundo de hoje, que geme e sofre com a injustiça, fome, violência e todos os males.



## QUINTO ENCONTRO



**TEMA:** Livres para amar e servir.

**PERSONAGENS:** Paulo e os gálatas convertidos.

**TEXTO:** Gl 5,13-6,10

**PALAVRAS-CHAVE:** liberdade, amor, serviço, Espírito, carne, Lei.

**PERSPECTIVA:** Refletir sobre a identidade cristã: amor que se expressa no serviço e na solidariedade com as pessoas, especialmente as mais necessitadas.

*Carreguem o peso uns dos outros, e assim vocês cumprirão a lei de Cristo (6,2).*

## 1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, vaso de flor e algumas máscaras.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

## 2. Acolhida

**Dirigente:** Iniciemos nossa reunião em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo.

**Todas(os):** Amém.

**Dirigente:** Paulo exorta as comunidades a viverem na liberdade em Cristo. Essa vivência exige romper com tudo o que diminui a dignidade do ser humano. Na reunião de hoje, queremos renovar nosso compromisso de seguidoras e seguidores de Cristo. Como foi a vivência do gesto concreto proposto no encontro anterior?

*Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto.*

**Dirigente:** No encontro de hoje, vamos refletir e rezar sobre a nossa identidade cristã. O tema do nosso encontro de hoje é: *Livres para amar e servir!* Peçamos ao Espírito de Deus que conduza e oriente a nossa caminhada.

## 3. Motivando a conversa

**Leitora ou leitor 1:** É incontável o número de pessoas, instituições e ONGs que, nestes tempos de pandemia, têm se mobilizado para arrecadar alimentos, roupas e produtos de higiene pessoal para a doação entre famílias em situação de vulnerabilidade social. Além das doações materiais, muitas pessoas têm

doado seu tempo e suas habilidades para ajudar seu próximo. Esse movimento de solidariedade ajuda a amenizar a dor, o sofrimento e o isolamento social. “No asfalto das cidades, a pandemia foi marcada principalmente pelo medo do desemprego e da fome, problemas históricos das metrópoles brasileiras. Mas o que vimos também foi o fortalecimento e o surgimento de um grande número de projetos inspiradores que visam atender 222 mil pessoas que vivem em situação de rua, segundo dados de março de 2020 divulgados pelo Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada (Ipea). Com a crise gerada pelo coronavírus, é certo que esse número aumentou”.<sup>4</sup>

**Dirigente:** Em tempos de crise, a comunidade se mobiliza de maneira especial para ajudar as pessoas mais atingidas. Mas é importante lembrar que há necessidade de ações permanentes de solidariedade, que o estado e suas instituições devem ser politicamente construídos e estruturados para estender a solidariedade a todos e em todo o tempo. Como nós nos mobilizamos para ajudar as pessoas necessitadas? O que podemos fazer para integrar em nossos critérios e escolhas eleitorais nossa contribuição para a construção de uma cultura e uma estrutura social solidária?

#### 4. Situando o texto

**Leitora ou leitor 2:** No dia a dia, os gálatas viviam no mundo greco-romano, dominado pelo espírito da helenização ou romanização, marcado pela busca

<sup>4</sup> Fonte: <<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/reconstrucao-covid-rua.htm>>.

desenfreada de bens, poder, prazer e honra que provocava a libertinagem ética e social. Nas comunidades gálatas, alguns membros, movidos pelo espírito da helenização, radicalizaram a liberdade e a transformaram em libertinagem carnal (instinto egoísta), causando um problema ético e social, aumentando as tensões internas e externas. Diante dessa crise, Paulo insiste: a verdadeira liberdade cristã é fruto do Espírito de Deus, que conduz a uma vida de caridade, justiça e fraternidade, sobretudo ao amor mútuo: “Carreguem o peso uns dos outros” (6,2).

## 5. Leitura do texto

**Dirigente:** Neste momento, queremos acolher a Palavra de Deus como discípulas e discípulos. Que o Espírito abra nossa mente e o nosso coração para que a Palavra crie raízes em nossa vida.

*Sugestão de canto: **Tua Palavra é! Luz do meu caminho!  
Luz do meu caminho, meu Deus! Tua Palavra é!***

**Leitora ou leitor 3:** Ler Gl 5,13-18.

**Leitora ou leitor 4:** Ler Gl 5,19-21.

**Leitora ou leitor 5:** Ler Gl 5,22-26.

**Leitora ou leitor 6:** Ler Gl 6,1-10.

**Dirigente:** *Para conversar*

- a) Qual é a convicção de Paulo presente no texto que acabamos de ouvir?
- b) O que significa viver segundo o Espírito e viver segundo a “carne”?
- c) O que significa “carregar o peso uns dos outros”?

## 6. Iluminando a vida

**Leitora ou leitor 7:** A liberdade cristã é fruto do Espírito de Deus, que conduz a uma vida de amor e fraternidade. Apesar das dificuldades e dos apelos da sociedade em que vivemos, como pessoas cristãs somos chamadas a viver e a fazer o bem, como Paulo exorta: “Não nos cansemos de fazer o bem” (6,9a).

- a) Quais os sinais que manifestam as obras do Espírito em nossas comunidades?
- b) O versículo 5,14 afirma: “Pois a Lei toda está completa num só mandamento: ‘Amar o próximo como a si mesmo’”. Como estamos fazendo a experiência deste amor em nossa Igreja/comunidade?
- c) Quais as consequências para a comunidade quando não nos colocamos a serviço uns dos outros?

## 7. Celebrando a vida

**Dirigente:** Em nossos encontros, sempre tivemos no centro a Bíblia representando a Palavra que ilumina e nos orienta na caminhada. A vela acesa é um convite para a constante doação e serviço, e o vaso de flor é símbolo da vida que pulsa em nossa comunidade. Hoje, nós colocamos também algumas máscaras. O que elas representam?

*Tempo para falar.*

**Dirigente:** Usar a máscara representa tudo o que foi dito, e nós queremos reforçar o cuidado com a nossa vida e a vida das pessoas com as quais convivemos ou entramos em contato. Vamos juntos rezar e reforçar o nosso compromisso na construção de uma sociedade justa e solidária. Rezemos o Pai-nosso.

## 8. Gesto concreto

Se for possível, partilhar os alimentos; se, por algum motivo, não for possível, preparar um lanche ou um bolo e oferecer para alguém que precisa.

## 9. Bênção final

**Dirigente:** Que o Deus da vida nos abençoe e nos dê a graça de vivermos uma vida segundo o Espírito, cujo fruto é o amor, manifestado na vivência da alegria, paz, paciência, bondade, generosidade, fé, humildade e domínio de si mesmo. Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo.

**Todas(os):** Amém.

## Orientações para o quinto encontro

**Situando o texto:** *Obras da carne no sentido de instinto egoísta*

Paulo usa o termo “carne” (em grego, *sarx*) na carta aos Gálatas em quatro sentidos:

- *Toda a humanidade:* “Nós somos judeus de nascimento, e não gentios pecadores. No entanto, sabemos que o homem não é justificado pelas obras da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo. Porque, pelas obras da Lei, ninguém (carne – *sarx*) será justificado” (2,15-16). O termo carne refere-se a toda a humanidade (cf. Rm 3,20), sobretudo à condição da humanidade pecadora (cf. Rm 8,3).
- *Corpo humano:* “E já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim. E a vida que vivo agora na carne (*sarx*), eu a vivo pela fé no Filho de Deus,



que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (2,20). A carne designa a totalidade do ser humano. Ele é sujeito à fraqueza, doença e mortalidade: “E vocês sabem que foi por causa de uma doença física que lhes anunciei o evangelho pela primeira vez. E apesar de minha carne (*sarx*) ter sido para vocês uma provação, vocês não me desprezaram nem rejeitaram” (4,13-14).

- *Matéria física, sujeito da circuncisão*: “Porque nem mesmo aqueles que se fazem circuncidar observam a Lei. No entanto, eles querem que vocês se façam circuncidar, para assim se vangloriarem da carne (*sarx*) de vocês” (6,13; cf. Rm 2,28). Paulo emprega o termo “carne” para se referir à matéria física na qual a circuncisão é efetuada. Nesse contexto, ele usa *sarx* para designar a circuncisão: “São vocês tão sem juízo, que começaram com o Espírito e terminam agora na carne (*sarx*)?” (3,3).
- *Natureza humana pecaminosa*: “Eu lhes digo: vivam segundo o Espírito, e não satisfaçam os desejos da carne (*sarx*)” (5,16). A carne é o sujeito do instinto egoísta e, normalmente, é vista sob o aspecto moral e social (cf. Rm 6,19).

O emprego do termo “carne” como instinto egoísta é mais frequente nas cartas paulinas. Nesse sentido, a carne é o sujeito do pecado. Andar na carne significa pecar, em oposição a andar no Espírito de Deus. Viver na carne significa pensar segundo o instinto egoísta, com suas paixões e desejos egoístas, contrariamente à vida em Jesus Cristo crucificado:

- “E eu, irmãos, não lhes pude falar como se fala a pessoas espirituais, mas como a seres de carne,

como a crianças em Cristo. Eu lhes dei leite para beber, e não alimento sólido, porque vocês não eram capazes. E ainda agora não são capazes, visto que ainda são de carne. De fato, se há partidarismo e briga entre vocês, não é porventura porque são de carne e se comportam como simples seres humanos?” (1Cor 3,1-3).

- “Ou vocês não sabem que o homem que se une a uma prostituta torna-se um só corpo com ela? Pois está dito: ‘Os dois serão uma só carne’” (1Cor 6,16).
- “Tendo então essas promessas, caríssimos, vamos purificar-nos de toda mancha da carne e do espírito, completando assim a nossa santificação no temor de Deus. Abram lugar para nós em seus corações. Não prejudicamos ninguém, não corrompemos ninguém, não exploramos ninguém” (2Cor 7,1-2).
- “Vivamos decentemente, como convém durante o dia: não em orgias e bebedeiras, não em devassidão e libertinagem, não em brigas e invejas. Mas vistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não busquem satisfazer os desejos da carne” (Rm 13,13-14).

Os desejos pecaminosos da carne, que não podem agradar a Deus, são chamados hoje de “vícios carnis”: “Encheram-se de todo o tipo de injustiça, maldade, coíça e malícia, repletos de inveja, assassínios, brigas, fraudes e perversidades. São fofoqueiros, caluniadores, inimigos de Deus, desaforados, arrogantes, fanfarrões, talentosos para o mal, desobedientes aos pais, insensatos, desleais, sem amor e sem piedade” (Rm 1,29-31).

Aqui o emprego paulino do termo “carne” é, basicamente, aplicado aos valores negativos do mundo

greco-romano, baseados no espírito da “helenização” ou “romanização” do tempo de Paulo: busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra. O espírito da helenização está bem expresso na filosofia do ímpio:

Nossa vida é breve e triste, e no fim o ser humano não tem cura, e nada se sabe de alguém que tenha voltado do mundo dos mortos. Porque nascemos do acaso e depois seremos como se não tivéssemos existido [...] Vamos então desfrutar dos bens existentes e usar das criaturas com ardor juvenil. Vamos embriagar-nos com o melhor vinho e com perfumes, e não deixar que passe a flor da primavera. Vamos coroar-nos com botões de rosa, antes que murchem. Ninguém de nós fique fora de nossas orgias (Sb 2,1-2a.6-9a).

Como a vida é breve e não há vida além-túmulo, o único sentido da vida é gozar e realizar todos os prazeres o máximo possível: vinho, festa, perfume, orgia etc. Para a busca desenfreada de prazeres, o ímpio despreza e explora o corpo dos pobres e até tenta eliminar o justo que denuncia as injustiças sociais: “Vamos oprimir o pobre e o justo, e não poupar as viúvas ou respeitar os cabelos brancos do ancião. Nossa força seja a lei da justiça, pois o fraco é inútil, não há dúvida. Vamos preparar ciladas para o justo, pois ele nos incomoda e se opõe a nossas ações” (Sb 2,10-12a).

No dia a dia, o espírito da helenização, promovido e propagado pelo Império Romano, estava bem presente no mundo greco-romano, e até nas comunidades dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo, provocando conflitos internos e externos, como na comunidade de Corinto (cf. 1Cor 5,1-13) e na de Tessalônica (cf. 1Ts 4,3-8; 5,14-15). As comunidades gálatas não poderiam ser

diferentes. Elas também sofriam com as obras da carne, como a libertinagem (5,19-20).

Em Gl 5,13-6,10, Paulo condena, com veemência, essas obras da carne e encoraja os convertidos gálatas a resistir às tentações do grupo helenista que radicaliza a liberdade, causando o problema ético e aumentando as tensões internas. Exorta as comunidades, na crise provocada pelo grupo judaizante e pelo grupo helenista radical, a praticarem a verdadeira liberdade cristã, como o fruto do Espírito de Deus, que leva à vida de caridade, justiça e fraternidade, sobretudo ao amor pelos outros: “Carreguem o peso uns dos outros” (6,2).

### **Comentando o texto:** *Gl 5,13-6,10 – Orientações pastorais para o ser cristão*

A terceira parte da carta (5,13-6,10) contém uma série de exortações e orientações pastorais para os seguidores e as seguidoras de Jesus Cristo. Após o aprofundamento da liberdade cristã (5,1-12), Paulo orienta e alerta os gálatas quanto à aplicação abusiva da liberdade: “De fato, irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas que a liberdade não sirva de pretexto para a carne” (5,13a). Aqui, ele utiliza o termo “carne” (*sarx*) no sentido do instinto egoísta. A carne é o sujeito da natureza humana pecaminosa e, normalmente, é vista sob o aspecto moral e social de libertinagem e de injustiça.

No dia a dia, os gálatas vivem no mundo greco-romano, dominado pelo espírito de helenização ou romanização, o espírito da busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra que provoca a libertinagem ética e social. Nas comunidades gálatas, alguns membros confundem o chamado à liberdade em Cristo com a libertinagem de fazer qualquer coisa, ou seja, radicalizam a liberdade, causando o problema ético e aumentando as tensões internas.

Condenando a escravidão do instinto egoísta, Paulo afirma que a verdadeira liberdade, fruto do espírito de Jesus Cristo, não está na entrega exagerada e total aos prazeres de si mesmo, mas em servir uns aos outros: “Ao contrário, por meio do amor, ponham-se a serviço uns dos outros. Pois a Lei toda está completa num só mandamento: ‘Amar o próximo como a si mesmo’” (5,13b-14).

O mandamento do amor ao próximo é a citação de Lv 19,18. O “próximo” no Levítico indica outro israelita, membro do mesmo povo; porém, para Paulo, como missionário do mundo greco-romano, o próximo em Jesus Cristo engloba todo membro da família humana (cf. Rm 13,8-10). Os convertidos gálatas, portanto, devem praticar a verdadeira liberdade em Cristo que leva à vida de caridade, justiça e fraternidade. Ao contrário, se os membros seguem a libertinagem da carne, a família cristã entra em crise: “Se vocês se mordem e se devoram uns aos outros, tomem cuidado: irão acabar destruindo-se mutuamente” (5,15). A destruição da fraternidade da comunidade está prestes a acontecer.

Por isso, Paulo retoma o tema da liberdade como fruto do Espírito (5,1-12) e afirma que viver no desejo da carne significa pensar seguindo o instinto do prazer egoísta, da dominação patriarcal, da acumulação de riqueza e de poder, contrariamente à vida e ao pensamento no Espírito: “Eu lhes digo: vivam segundo o Espírito, e não satisfaçam os desejos da carne. Pois a carne tem desejos contrários ao Espírito, e o Espírito tem desejos contrários à carne. Ambos de fato se opõem um à outra, de modo que vocês não fazem o que querem. Porém, se vocês são guiados pelo Espírito, não estão debaixo da Lei” (5,16-18).

O Espírito é um agente divino e dinâmico, que caminha e orienta a pessoa que traduz a fé de Jesus Cristo em obras do amor ao próximo; assim, o Espírito de

Jesus é oposto aos desejos da carne, que leva a pessoa a servir a si mesma, até mesmo prejudicando e explorando a outrem. E as pessoas que são orientadas pelo Espírito, o vento de Deus, farão livremente o que é certo segundo o amor de Jesus Cristo, e não por obrigação da Lei. Pautarão sua vida pelo amor e pela liberdade. Portanto, estas não estão sob a prisão e a condenação da Lei, nem são cativas da carne.

Em seguida, Paulo descreve, de maneira concreta, o que significa viver segundo a carne: “E as obras da carne são bem conhecidas: união ilegítima, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, inimizades, briga, ciúme, raiva, discussões, discórdias, sectarismos, invejas, bebedeiras, farras e coisas semelhantes a essas. A respeito delas eu já lhes falei, e volto a preveni-los: os que praticam tais coisas não terão como herança o Reino de Deus” (5,19-21).

O catálogo dos vícios da carne, presente também em outras cartas de Paulo (cf. 1Cor 5,10-11; 6,9-10; 2Cor 12,20; Rm 1,29-31), é composto em quatro grupos: *união ilegítima*, como o caso de incesto (cf. 1Cor 5,1-13), perverte o amor humano; a *idolatria*, como o culto ao imperador, que coloca coisas, pessoas e valores no lugar do Deus da vida; *inimizades, sectarismo e invejas*, que pervertem as relações familiares e sociais; *bebedeiras e farras*, que revelam os excessos do desejo carnal, perdendo a dignidade e provocando a degradação humana.

Todas essas atitudes são marcadas pelo instinto egoísta que perverte as relações humanas e a relação com o Deus da vida. Pervertem as relações de partilha e fraternidade que são a marca principal do Reino de Deus. Os que praticam as obras do instinto egoísta, portanto, não são testemunhas da presença do Reino de Deus, que é uma realidade futura (cf. 1Cor 15,50) e, ao mesmo tempo, está presente aqui na terra: “Pois o Reino

de Deus não é comida nem bebida, e sim justiça, paz e alegria no Espírito Santo. Quem serve a Cristo nessas coisas, agrada a Deus e tem a estima das pessoas. Busquemos, assim, as coisas que trazem a paz e edificação mútua” (Rm 14,17-19; cf. 1Ts 2,12).

Segundo Paulo, a vida da comunidade deve ser testemunho da presença do Reino de Deus. Pela fé, batismo e Espírito, os membros tornam-se irmãos e irmãs em Jesus Cristo e participam da mesma esperança do Reino, praticando as principais atividades do Espírito: “O fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, bondade, generosidade, fé, humildade e domínio de si mesmo. Contra essas coisas não existe lei” (5,22-23). Não há necessidade de decretar uma lei para objetar contra as boas atividades em prol da vida, nem acusar quem as pratica, pois a Lei “veio depois, por causa das transgressões” (3,19).

Paulo também salienta o Espírito de Jesus Cristo crucificado como a força e condição fundamental da liberdade contra as obras da carne: “E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne junto com suas paixões e desejos” (5,24). A pessoa crucificada com Jesus Cristo, mediante a fé, o batismo e o Espírito, morre não só para a Lei (2,19), mas também para a carne, para seu instinto egoísta com as obras injustas e degradantes: “Sabemos que nosso velho eu foi crucificado com ele, para que fosse destruído este corpo de pecado, e assim não mais sirvamos ao pecado” (Rm 6,6).

O ponto final de combate contra as obras da carne, assim, é o Espírito de Jesus Cristo crucificado: “Se vivemos pelo Espírito, sigamos o Espírito. Não nos tornemos arrogantes, provocando uns aos outros e invejando-nos mutuamente” (5,25-26). Todas as pessoas guiadas pelo Espírito de Jesus Cristo são chamadas a viver no amor, na partilha e na fraternidade para não caírem na escravidão da Lei e da carne.

Agora, Paulo conclui resumindo as orientações principais da prática cristã diante das ameaças do jugo da Lei e das obras da carne: “Irmãos, se alguém for apanhado em alguma falta, vocês, que são espirituais, devem corrigir essa pessoa com espírito de humildade. E você, cuide de si mesmo, para também não ser tentado. Carreguem o peso uns dos outros, e assim vocês cumprirão a lei de Cristo” (6,1-2).

A lei de Cristo não é um legalismo que substitui o judaísmo oficial, baseado na salvação pela observância da Lei e no ritualismo da pureza, mas sim a lei do Espírito da vida: “Pois a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus libertou você da lei do pecado e da morte” (Rm 8,2). É a lei do Espírito, a lei do amor (cf. 2,20; 1Cor 9,21-23), encarnada na vida humana de Jesus de Nazaré para libertar o povo dos males do jugo da Lei e das obras da carne. Seguir a lei de Jesus Cristo é viver o amor livre e ativo, como Jesus o vivenciou.

A primeira prática desse amor apontada por Paulo é a solidariedade, o serviço uns aos outros no amor: “Carreguem o peso uns dos outros, e assim vocês cumprirão a lei de Cristo” (6,2; cf. 5,13b). Os seguidores e seguidoras de Jesus Cristo devem pôr-se a serviço da fraternidade, corrigindo, ajudando e carregando mutuamente, a fim de que todos tenham vida. Sobretudo na realidade escravagista da época, a expressão “carregar o peso ou o fardo” suscita o imaginário real do amor ativo no meio dos gálatas pobres e escravos.

A segunda prática é a partilha do poder: “Pois se alguém não é nada e pensa ser alguma coisa, está enganando a si mesmo. Cada um examine a própria conduta, e então terá motivo de se gloriar em si mesmo, e não se comparando a outras pessoas. Pois cada um terá o seu próprio fardo para carregar” (6,3-5). Como nas comunidades de Corinto (cf. 1Cor 4,6-13), há disputa de poder e



busca de *status* social no meio dos convertidos gálatas. Desde o momento em que o membro se compara com os outros, é sinal de que está se comportando conforme as obras da carne. A partilha do poder ajuda a construir a fraternidade da comunidade.

A terceira prática cristã é a partilha do saber e do ter: “Quem é instruído na Palavra reparta todos os seus bens com aquele que o ensina” (6,6; cf. 1Cor 9,11-14). Na vida das primeiras comunidades, o catequista (= instruído na Palavra) tem a tarefa gratuita e solidária para a vida da comunidade, pois, além da formação contínua dos fiéis, ele partilha sua fé, seu saber e seu trabalho com novos batizados que, em sua maioria, são adultos. Ainda nas comunidades gálatas, Paulo conta muito, em sua ausência, com a partilha do saber dos catequistas para manter o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo.

A última orientação é a prática contínua do bem a todos, na esperança do Reino de Deus: “Não se iludam: com Deus não se brinca. Pois cada um colherá o que tiver semeado. Quem semeia na própria carne, da carne colherá destruição. Quem semeia no Espírito, do Espírito colherá vida eterna. Não nos cansemos de fazer o bem. Se não desanimarmos, no tempo devido colhere-mos. Portanto, enquanto temos tempo, façamos o bem a todos, principalmente aos familiares na fé” (6,7-10).

Como Jesus de Nazaré, Paulo, ex-fariseu, que espera pela chegada do Reino de Deus e pela vinda definitiva de Cristo, não está pregando a vinda do Senhor como as destruições cósmicas apocalípticas, mas como transformações definitivas do mundo pela justiça e pela paz, nas quais as pessoas estão fazendo o bem a todos como o fruto do Espírito – a vida –, e não as obras da carne – a morte (cf. Rm 8,5-13).

Os convertidos gálatas devem ser os promotores desse mundo, sobretudo pela edificação de suas

comunidades em crise (= familiares na fé). Pois, a comunidade, vivendo a partilha e a fraternidade, é a presença antecipada do Reino de Deus com a espera ativa pela vinda do Senhor Jesus Cristo: “Nós, que somos do dia, fiquemos sóbrios, revestindo a armadura da fé e do amor, e o capacete da esperança da salvação” (1Ts 5,8).

### **Aprofundando:** *Obras do amor cristão*

Os gregos dispõem de quatro palavras traduzidas pela palavra portuguesa “amor”: *eros*, *storge*, *philia* e *agape*:

- *Eros* refere-se à paixão de desejo sexual e não aparece nem uma vez sequer no Novo Testamento (NT).
- *Storge* indica a afeição (carinho) especialmente na família, entre seus membros, e não aparece no NT, mas a palavra composta *philostorgos* ocorre no NT somente em Rm 12,10, no sentido de “carinho de irmão”: “Amem-se uns aos outros com carinho de irmãos (amor fraterno), cada um considerando os outros como mais dignos de estima”.
- *Philia* designa primordialmente o amor de amizade (Tg 4,4) e aparece comumente em palavras compostas, como *philadelphia*: “mais afeto fraterno na piedade e mais amor (*agape*) no afeto fraterno” (2Pd 1,7).
- *Agape* e o verbo *agapao*, que ocorrem cerca de 260 vezes no NT, foram utilizados como os termos principais para descrever a ideia cristã do amor de Deus e do amor mútuo dos cristãos. O amor a Deus e ao próximo é chamado por Jesus o maior mandamento contido na Lei (cf. Mc 12,28-34).

Considerando o uso mais importante e frequente do termo *agape* (*agapao*) nas cartas de exortação e orientação pastoral do NT, percebe-se que *agape*, traduzido em “caridade” no contexto pastoral, constrói a vida prática das comunidades. As obras do amor-caridade são fundamentais e existenciais nas atividades das pessoas que seguem Jesus Cristo:

- a) *Carta aos Romanos*: “Que o amor (*agape*) seja sem fingimento. Detestem o mal e apeguem-se ao bem. Amem-se uns aos outros com carinho de irmãos, cada um considerando os outros como mais dignos de estima. Sirvam ao Senhor, incansáveis no zelo, fervorosos no espírito, alegres na esperança, perseverantes na tribulação, constantes na oração, solidários com as necessidades dos santos, praticando a hospitalidade” (Rm 12,9-13). A vida do seguidor e seguidora de Jesus Cristo deve ser marcada e movida pelo sincero amor fraterno, produzindo o respeito pelos outros, a disposição às necessidades dos outros, com a partilha dos bens e a hospitalidade.
- b) *Segunda Carta aos Coríntios*: “E assim como vocês sobressaem em tudo: na fé, no dom da palavra, no conhecimento, no fervor em tudo e no amor (*agape*) para conosco, procurem também sobressair nesta obra de generosidade (coleta). Não digo isso como ordem, mas, vendo o entusiasmo dos outros, quero comprovar se o amor de vocês é genuíno” (2Cor 8,7-8). Apontando o exemplo generoso das comunidades da Macedônia, Paulo exorta os coríntios a realizarem a mesma coleta em benefício dos pobres da Judeia. Salienta que o amor a Deus e aos outros

deve ser traduzido na partilha e na solidariedade concreta em favor dos necessitados.

- c) *Carta a Filêmon*: “Por isso, ainda que eu tenha em Cristo total liberdade para lhe ordenar o que você deve fazer, prefiro pedir por amor (*agape*). Sou eu, Paulo, velho e agora prisioneiro, que lhe peço em favor de Onésimo, meu filho que gerei nas prisões” (Fm 8-10). Paulo escreve uma carta para o patrão Filêmon, membro da comunidade de Colossos (Cl 4,9.17), para que ele receba Onésimo, seu escravo fugitivo, como irmão, e não mais como escravo (Fm 16). A carta comprova que o amor tenta superar as relações de desigualdade dentro da comunidade e esvazia o estatuto da escravidão. Paulo propõe novas relações fraternas, movidas pelo amor-caridade.
- d) *Carta de Tiago*: “Vocês desprezaram o pobre. Não são os ricos que oprimem vocês e os arrastam aos tribunais? Não são eles que blasfemam contra o Nome sublime que foi invocado sobre vocês? Se vocês, ao contrário, observarem a lei do Reino, segundo está escrito: ‘Ame (*agapao*) seu próximo como a si mesmo’, estarão agindo bem” (Tg 2,6-8). Observando a situação de discriminação e opressão contra os pobres dentro e fora da comunidade (cf. Tg 4,13-5,6), o autor da carta orienta e exige a prática do mandamento do amor. A fé no amor de Jesus Cristo deve ser traduzida em atos concretos de misericórdia, solidariedade e justiça.
- e) *Primeira Carta de João*: “Todo aquele que odeia seu irmão é homicida, e vocês sabem que nenhum homicida tem a vida eterna dentro de si. É nisto que conhecemos o que é o amor (*agape*): Porque Jesus entregou sua vida por nós;

portanto, também nós devemos entregar a vida pelos irmãos. Como pode o amor de Deus permanecer em quem possui os bens deste mundo, se esse tal vê seu irmão passando necessidade e lhe fecha o coração? Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e na verdade” (1Jo 3,15-18). A primeira carta de João é escrita em Éfeso, no início do século II, para as comunidades joaninas que estão enfrentando os dissidentes “espirituais”. Eles separam a fé em Cristo da vida prática e não vivem como Jesus Cristo encarnado, que viveu amando e servindo ao próximo. Pelo batismo, o cristão deve assumir o amor ao próximo com obras e em verdade.

Tudo isso atesta que as obras do amor são vistas como dinamismo que produz ação para concretizar o amor de Deus e seu Filho Jesus Cristo, na partilha e na justiça, dirigindo a comunidade e a sociedade para a solidariedade, a fraternidade e a paz como fruto do Espírito. Exige, para todos, a fraternidade, a partilha dos bens e a possibilidade de participação nas decisões que regulamentavam a vida e a caminhada das primeiras comunidades dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo (cf. Rm 12,3-8).

*Agape*, nesse sentido fundamental, é elogiado e salientado no hino ao amor-caridade: “O amor é paciente, prestativo é o amor, não é invejoso, não se vangloria, não se incha de orgulho. Não falta com o respeito, não é interesseiro, não se irrita, não planeja o mal. Não se alegra com a injustiça, se alegra com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca acabará. As profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento desaparecerá” (1Cor 13,4-8). O amor-caridade vence todas as maldades da carne,

o instinto egoísta, e abarca todas as virtudes para construir o Reino da justiça e da fraternidade.

O amor, assim, está no centro da vida cristã. Não se trata de palavras apenas. O amor a Deus só tem consistência quando traduzido em ação concreta a favor dos irmãos. É tudo o que esperamos das comunidades cristãs de hoje, sobretudo no Brasil, que já soma 13,5 milhões de miseráveis que sobrevivem com 145 reais mensais e, entre esses, 4,5 milhões de pessoas desalentadas, mulheres e homens que vivem sem esperança alguma.

## BIBLIOGRAFIA

ARBIOL, Carlos Gil. *Paulo na origem do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2015.

BORTOLINI, José. *Literatura paulina*. Aparecida: Santuário, 2019.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

DeSILVA, David A. *The Letter to the Galatians*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2018. (The New International Commentary on the New Testament.)

DUFF, Paul B. *Jesus Followers in the Roman Empire*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2017.

HEYER, C. J. den. *Paulo, um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2008.

KEENER, Craig S. *Galatians: a commentary*. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2019.

PESCE, Mauro. *De Jesus ao cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2017.

SCHREINER, Thomas R. *Galatians*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Academic, 2010. (Zondervan Exegetical Commentary on the New Testament).

WINN, Adam (org.). *An Introduction to Empire in the New Testament*. Atlanta: SBL Press, 2016.

WRIGHT, Nicholas Thomas. *Paulo, novas perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2009.





# SUMÁRIO

- 5     *Agradecimentos*  
7     *Apresentação*  
9     *Introdução à carta aos Gálatas*  
11     O evangelho de Jesus Cristo crucificado:  
      “É para a liberdade que Cristo nos libertou”  
      (Gl 5,1) – Entendendo a carta aos Gálatas  
12     Conhecendo Paulo  
17     Conhecendo a Galácia  
20     Conhecendo as comunidades gálatas  
23     Conhecendo a carta aos Gálatas  
24     Mensagens principais  
27     Lembretes para as reuniões
- 29     *Primeiro encontro:*  
      O evangelho de Jesus Cristo crucificado  
35     Orientações para o primeiro encontro  
35     Situando o texto: *O evangelho de Jesus*  
      *Cristo crucificado*  
40     Comentando o texto: *Gl 2,11-21 –*  
      *Justificados pela fé em Jesus Cristo*  
45     Aprofundando: *O escândalo da cruz*
- 51     *Segundo encontro:*  
      Todos somos um em Cristo Jesus!  
56     Orientações para o segundo encontro  
56     Situando o texto: *Barreiras racial,*  
      *social e de gênero*

- 60 Comentando o texto: *Gl 3,1-14.26-29 – Ser um só em Jesus Cristo*
- 67 Aprofundando: *As comunidades de irmandade*
- 73 *Terceiro encontro:*  
Viver o amor e a ternura na missão
- 79 Orientações para o terceiro encontro
- 79 Situando o texto: *Paulo e o seu trabalho missionário*
- 84 Comentando o texto: *Gl 4,12-20 – “Por vocês eu sofro as dores de parto”*
- 89 Aprofundando: *O que orienta e impulsiona Paulo em sua missão?*
- 95 *Quarto encontro:*  
O viver em Cristo nos torna livres
- 100 Orientações para o quarto encontro
- 100 Situando o texto: *O Espírito de Deus*
- 105 Comentando o texto: *Gl 5,1-12 – Liberdade no Espírito de Cristo*
- 109 Aprofundando: *O Espírito de Deus no Novo Testamento*
- 115 *Quinto encontro:* Livres para amar e servir
- 120 Orientações para o quinto encontro
- 120 Situando o texto:  
*Obras da carne no sentido de instinto egoísta*
- 124 Comentando o texto: *Gl 5,13-6,10 – Orientações pastorais para o ser cristão*
- 130 Aprofundando: *Obras do amor cristão*
- 135 *Bibliografia*

## **CENTRO BÍBLICO VERBO**

Um centro de estudos que há mais de trinta anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

### **Cursos intensivos**

Especialização em Bíblia – Primeiro e Segundo Testamento  
Estudos de temas específicos  
Línguas do mundo bíblico (hebraico e grego)

### **Retiro bíblico**

### **Cursos extensivos**

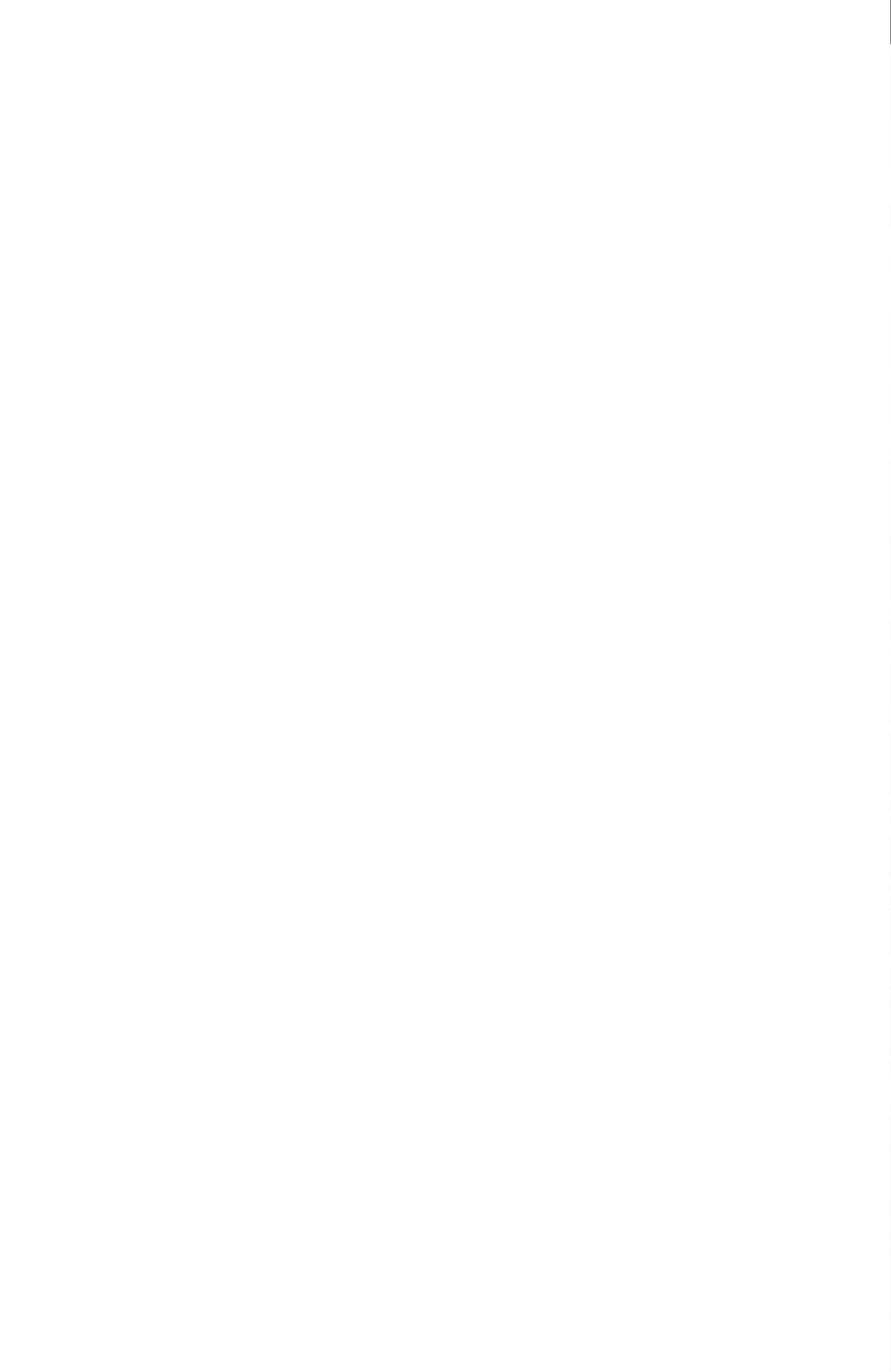
Introdução ao Primeiro e Segundo Testamento (um sábado por mês)  
Hebraico e grego (semanal)  
Especialização e aperfeiçoamento (semanal)

### **Cursos nas paróquias e outras entidades**

Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

### **Mais informações:**

Tel.: (11) 5187-1008  
E-mail: [contato@cbiblicoverbo.com.br](mailto:contato@cbiblicoverbo.com.br)  
Nossa página: [www.cbiblicoverbo.com.br](http://www.cbiblicoverbo.com.br);  
[facebook.com/cbiblicoverbo](https://facebook.com/cbiblicoverbo)



# CENTRO BÍBLICO PAULUS

O Centro Bíblico PAULUS é um organismo da PAULUS para a coordenação de todas as iniciativas bíblicas promovidas pelos Paulinos.

Seu objetivo é tornar sempre mais dinâmico e atual o encontro de todos com a Bíblia, favorecendo a leitura, o aprofundamento, o estudo e a difusão da Sagrada Escritura.

O Centro Bíblico PAULUS atua em cinco níveis:

1. **Editorial**, com traduções da Bíblia e subsídios de estudo.
2. **Formativo**, com cursos bíblicos oferecidos sobretudo nas livrarias PAULUS.
3. **Pastoral**, com organização e suporte a eventos e iniciativas bíblicas.
4. **Espiritual**, com proposta de métodos de leitura orante da Bíblia.
5. **Eclesial**, com a oferta de serviços às igrejas locais para a animação bíblica da pastoral.

Como destinatários, tem todas as pessoas, no espírito do apóstolo Paulo, com atenção especial a quem tem menos oportunidade de ler e aprofundar a Bíblia. A metodologia é fazer a Palavra de Deus dialogar com todas as dimensões do ser humano (mente, vontade, coração), valorizando toda forma de comunicação: relações, imagens, artes, música, redes sociais etc.

Além das atividades relacionadas às publicações de Bíblias, livros e subsídios bíblicos, o Centro Bíblico PAULUS continua a oferecer gratuitamente nas plataformas digitais, para domingos, solenidades e festas, o programa "Palavra Viva", vídeos com breve comentário ao Evangelho do dia. Ao celebrar o Ano Bíblico da Família Paulina e os 50 anos do Mês da Bíblia no Brasil, reafirma também seu compromisso para que a Palavra continue sendo a animação da vida e de toda a pastoral.



"A Bíblia é tudo para o nosso apostolado:  
luz, caminho ou método e vitalidade.  
Nós somos a voz de Deus, nós somos os seus repetidores,  
nós somos os seus tipógrafos, nós somos os seus mensageiros,  
os seus carteiros, que levam a sua carta às pessoas."

(Pe. Tiago Alberione, 1933)







